

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA

LIVIAN APARECIDA CORSI MACHADO

FAKE NEWS: as juventudes e os novos modos de ler nas redes sociais

**BELO HORIZONTE
2021**

LIVIAN APARECIDA CORSI MACHADO

FAKE NEWS: as juventudes e os novos modos de ler nas redes sociais

Dissertação para Defesa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa 1: Culturas, Memórias e Linguagens em Processos Educativos.

Orientadora: Profa. Dra. Cirlene Cristina de Sousa

**BELO HORIZONTE
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

M149f Machado, Livian Aparecida Corsi.

Fake news: as juventudes e os novos modos de ler nas redes sociais
[manuscrito] / Livian Aparecida Corsi Machado. - 2021.

182 f. il., color.

Orientadora: Cirlene Cristina de Sousa

Dissertação (mestrado) -- Programa de Pós-Graduação em Educação e
Formação Humana. Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade
de Educação.

Referências: 127-141.

1. Juventude. 2. Práticas de leitura. 3. Fake news. 4. Redes sociais. I.
Sousa, Cirlene Cristina de. II. Universidade do Estado de Minas Gerais.
Faculdade de Educação. III. Título.

CDU: 372.41

CDD: 372.4

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Daniel Henrique da Silva, CRB-6/3422

Livian Aparecida Cosi Machado

FAKE NEWS: as juventudes e os novos modos de ler nas redes sociais

Dissertação para Defesa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação e Formação Humana

Tipo do trabalho defendido e aprovado em: 30/08/2021

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Cirlene Cristina de Sousa
Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG (Orientadora)

Prof.^a Dra. Juliana Cordeiro Soares Branco
Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG

Prof.^a Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

**Para meu esposo, meu companheiro zeloso,
para minha filhinha Rafaela, minha luz e
para a Virgem Maria minha protetora.**

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação foi construída em um momento em que toda a sociedade mundial foi assolada pela pandemia da Covid-19. Os desafios do isolamento social, as milhares de vidas perdidas, todas os dias noticiadas pelos canais de TV e pela mídia, e o medo de perder pessoas que me são tão caras, atravessaram minha escrita acadêmica. Assim, minha gratidão àqueles(as) que me deram suporte existencial e teórico. Todos e todas que colaboraram no percurso de minha pesquisa, externo minha gratidão.

À FAPEMIG, agradeço pelo apoio financeiro através de bolsa de pesquisa PAPG 11392. Este financiamento garantiu a cientificidade e robustez de minha pesquisa, com tema tão necessário ao Brasil e ao mundo.

Agradeço à minha família, por sempre acreditar e rezar por mim. Obrigada irmã e cunhado, Lilian e Alexandre, por todo o incentivo. Aos meus pais Cláudio e Marta, pelo exemplo maior de retidão, amor e fé. Aos meus sobrinhos, João e Mariah, pela energia e carinho constante. Aos meus sobrinhos Matheus, Felipe e Julia, por arrancarem meu melhor sorriso. Aos meus sobrinhos Giovanni e Thiago, pelo exemplo de carinho e cuidado. Ao Bruce, meu filho canino, meu companheiro exigente com amor desmedido. Aos meus sogros, Dorival e Divina, pelo carinho e pela dedicação em tudo que fazem. Ao Junior, Marcia, Julio Henrique e Lívia, pela significação da presença familiar. Aos demais tios, primos, e outros locutores que de alguma forma expressam este valor precioso de família.

Ao meu esposo, por ser um porto seguro que me respeitou e apoiou em minhas decisões. Obrigada por ter sido chão e colo, e por providenciar o abrigo e abraço durante meus retiros acadêmicos, principalmente na reta final, em meio a uma pandemia mundial.

Aos alunos, professores, coordenadores e diretores das escolas da rede particular e pública, que me receberam de forma respeitosa e participaram voluntariamente da construção desta dissertação.

Aos tantos amigos do Programa de Pós-Graduação de Mestrado FaE/UEMG, pela amizade e parceria.

Aos membros da banca de qualificação e de defesa, por aceitarem o convite e se debruçarem sobre minha pesquisa de forma tão gentil e profissional.

À Cirlene, minha orientadora, que confiou no meu potencial. Obrigada pela confiança e paciência, e por me mostrar os melhores caminhos, desde o projeto de pesquisa até a defesa.

*Veja o meu drama, amigo ou amiga:
Estou perdido na Internet,
Fui fisgado pela rede,
Não encontro a saída*

*Maldita hora em que inventei
de navegar por esses lados.
Qualquer coisa deu errado,
De uma hora para outra tudo ficou escuro,
tudo ficou estranho,
já não sei meu paradeiro!*

*Abre-te, página!
Abre-te, Sésamo!
Valha-me, São Longuinho!
Eu já dei meus três pulinhos,
mas não consigo me achar!*

(Trecho1 do livro “Perdido no Ciberespaço, de Leo Cunha)

RESUMO

As Fake News é um fenômeno que ocorre nas mais distintas esferas sociais, tais como as políticas, religiosas, econômicas, entre outras. Ela baseia-se na desinformação, de caráter não confiável, intencionalmente divulgada, enquanto estratégia para atingir interesses de indivíduos ou grupos. As Fake News têm circulado livremente através dos veículos de comunicação, principalmente na mídia social, espaço muito utilizado por crianças e jovens. Há uma grande carência de estudos deste objeto devido à sua recente configuração, numa média de 10 anos. Diante desta problemática, este trabalho estabelece o seguinte *norte de pesquisa*: efetivar as reflexões em torno dos modos de ler ou as práticas de leituras de estudantes do Ensino Médio sobre Fake News, veiculadas a temática da Covid-19. O objetivo geral desta pesquisa é identificar e analisar como jovens estudantes do Ensino Médio de 15 a 18 anos leem, identificam e discutem as desinformações geradas pelas Fake News e como eles são afetados por tal fenômeno midiático. O tratamento metodológico delinea-se em duas dimensões: revisão da literatura, no intuito de ampliar o conhecimento sobre as práticas de leitura no ciberespaço, sobre a juventude midiaticizada e o fenômeno das Fake News. Na segunda dimensão, trata-se dos dados sob uma ótica privilegiadamente qualitativa, a partir da relação sociocomunicativa que acontece no espaço virtual, por intermédio do levantamento on-line, questionário e entrevista semiestruturada, para assim obtermos dados analisáveis. Foram selecionados alunos de duas escolas de Belo Horizonte e que contemplam o Ensino Médio: uma da rede pública de ensino, e outra da rede particular, de modo a configurar diferentes níveis socioeconômicos.

Palavras-chave: Juventude, Práticas de leitura, Fake News, Redes Sociais.

ABSTRACT

Fake News is a phenomenon that occurs in the most different social spheres, such as political, religious, promoting, among others. It is based on disinformation, of an unreliable character, intentionally disseminated, as a strategy to achieve the goal of choosing or groups. Fake News has been circulating outdated through the media, mainly on social media, a space often used by children and young people. There is a great lack of studies on this one due to its recent configuration, in an average of 10 years. Faced with this problem, this work follows the following research line: to carry out reflections on the ways of reading or reading practices of high school students on Fake News, conveyed to the theme of Covid-19. The general objective of this research is to identify and analyze how young high school students from 15 to 18 years old read, identify and discuss how misinformation generated by Fake News and how they are affected by such media phenomenon. The methodological treatment is outlined in two dimensions: literature review, in order to increase knowledge about reading practices in cyberspace, about mediatized youth and the phenomenon of Fake News. The second dimension deals with data from a primarily qualitative perspective, from the socio-communicative relationship that takes place in the virtual space, through online surveys, questionnaires and semi-structured interviews, in order to obtain analyzable data. Students were selected from two schools in Belo Horizonte that include high school: a public school system, and another one from the private network, in order to configure different socioeconomic levels.

Keywords: Youth, Reading practices, Fake News, Social Networks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Domicílios com acesso a computador e internet, por região (2019)

Figura 2 - Análise do BuzzFeed realizada com o BuzzSumo sobre o engajamento por conteúdo falso no Facebook nas eleições de 2016 nos EUA.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Domicílios com acesso à internet, por classe (2015-2019).

Gráfico 2 - Tipos de usos desiguais da internet, entre as classes sociais.

Gráfico 3 - América Latina (13 países): crianças em domicílios sem acesso à Internet, por quintil de renda (Em percentagens).

Gráfico 4 - Crianças e adolescentes, por atividades realizadas na internet, faixa etária e classe (2019) – Educação e busca de informações.

Gráfico 5 - Habilidades de privacidade e informacionais entre crianças e adolescentes que usaram redes sociais no Brasil, no Chile, na Costa Rica e no Uruguai.

LISTA DE SIGLAS

ALA	American Library Association
BioNtec	Laboratório de biotecnologia
BNCC	Nacional Comum Curricular
CGI.br	Comitê Gestor da Internet
CPMI	Comissão Parlamentar Mista de Inquérito
MIT	Massachusetts Institute of Technology
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
ProInfo	Programa Nacional de Tecnologia Educacional
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UCA	Computador por Aluno
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 JUVENTUDES, MÍDIA E EDUCAÇÃO	20
1.1. Realidade das TDIC no Brasil e os desafios na Educação	20
1.2 Mídia e Educação	32
1.3 Condição juvenil na contemporaneidade: modos de ser e estar no mundo midiaticizado	35
CAPÍTULO 2 LEITURA, ESCRITA E MODOS DE LER: MUDANÇAS, RUPTURAS E PERMANÊNCIAS	43
2.1. Da cultura oral à cultura do texto digital: um breve histórico das origens, contextos e sentidos	44
2.2 O que é a leitura?	51
2.3 Práticas de leitura na Cultura Digital	55
2.4 Leitura de mundo e leitura da palavra na era das Fake News.....	61
CAPÍTULO 3 FAKE NEWS NA ERA DA PÓS-VERDADE	67
3.1 Pós-verdade e Fake News: uma perspectiva histórica	68
3.1.1 Pós-verdade	70
3.1.2 O fenômeno Fake News	73
3.2 Fake News: definições e caracterizações	78
3.2.1. Disseminação de Fake News nas mídias sociais	81
3.3 Detecção e medidas de enfrentamento das Fake News	88
3.4 Fake News em meio a pandemia da Covid-19	90
CAPÍTULO 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	95
4.1. Abordagem quantitativa e qualitativa da pesquisa.....	95
4.2 Mudanças no processo investigativo: impactos da pandemia da Covid-19	98
4.3 Primeira Fase: Aplicação do Questionário	105
4.4 Segunda Fase: Aplicação da Entrevista	106
CAPÍTULO 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	109
5.1 Análise e Discussão dos questionários	110
5.2 Análise e discussão das entrevistas	115
5.2.1 Compreensão sobre as Fake News e suas práticas	117
5.2.2 Imbricações entre os modos de ler e as práticas de Fake News	118
5.2.3 Fake News e a escola: os efeitos da educação midiática.....	120
5.2.4 Compreensão sobre os algoritmos e bolhas sociais no imbricamento com as Fake News.	121
5.2.5 Compreensão sobre as bolhas sociais no imbricamento com as Fake News.....	121
5.2.6 Compreensão sobre a pandemia da Covid-19	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
APÊNDICES	142

INTRODUÇÃO

A nossa pesquisa se desdobra diante de uma configuração social bem específica, a virtual, que podemos vislumbrar da seguinte forma: considerando-se que a tecnologia moderna é difundida num contexto social, político, econômico e histórico específico, a nossa compreensão sobre as práticas de leitura e escrita na cultura digital nos leva às novas formas de ensino-aprendizagem, novos processos sociais, cognitivos e discursivos, e às novas formas de subjetividade que surgem devido a essa relação intrínseca da vida do jovem aluno com a virtualidade, e que repercute diretamente no campo da Educação (LIMA, 2006; LIMA, KELLES, 2017; BONA, 2010).

O Ciberespaço¹ (LÉVY, 2000) que invadiu as culturas e, transversalmente, as escolas, diagnostica que os diferentes tipos de tecnologias estão presentes na vida escolar, particularmente a Tecnologia da Informação e Comunicação Digital. Por sua transversalidade, tal cultura midiática se faz presente também na vida das juventudes escolarizadas. Grande parte dos estudantes tem uma relação de intimidade com redes sociais, estão conectados a seus *gadgets*², possibilitando criar novas formas de comunicação, de pensar, de se relacionar, novas maneiras de acesso e de produção de conhecimento, novas compreensões do espaço-tempo (BONA, 2010; LÉVY, 2000; SOUSA, 2014; SOUSA; LEÃO, 2016; PRETTO, 2011). E por isso, novas formas de aprender que acarretam tangencialmente a novas formas de ser aluno, ser jovem e novos modos de estar na escola³.

Essa disposição da cultura digital, oriunda do quadro Cibercultural (LÉVY, 2000), e as práticas de leitura e escrita na cultura contemporânea (CHARTIER, 2002; DARNTON, 2010), impõem novas pesquisas, com novas preocupações e novas indagações, e é em face destas preocupações que se inscreve nossa pesquisa, a saber: os modos de ler Fake News pelas juventudes. Para tanto, aproximamo-nos de autores com expertise na área, para afirmar que é necessário pensarmos a leitura no seu campo diverso e refletir sobre as implicações e as

¹ A noção de Pierre Lévy (2000) sobre o *Ciberespaço* é entendida como uma nova configuração e ampliação comunicacional da cultura contemporânea distinguida pelas tecnologias digitais. Essas novas práticas de interação indivíduo/sociedade extrapolam a necessidade do contato físico, e é configurado em novo formato espaço-temporal, deslocando a primazia de importância do espaço físico-geográfico. Os processos de ensino-aprendizagem dar-se-ão na dimensão cibercultural, e seus sujeitos constituir-se-ão nesses processos virtuais onde, por um clique, poder-se-á navegar, compartilhar e conhecer vários lugares, pessoas, contextos, instantaneamente, possibilidades que talvez não poderíamos conhecer sem a acessibilidade dos instrumentos da Cibercultura, os *gadget*

² *Gadgets* são dispositivos eletrônicos como Smartphones, tablets, notebooks, HDs externos, carregadores portáteis.

³ Como adendo, é importante mencionar que, embora haja recentemente um expressivo crescimento em publicações nesta área de Tecnologia da Informação e Comunicação Digital visitadas pela Educação, há um enorme contraste entre o saber virtual e a práxis destas tecnologias nas escolas públicas. Isto significa dizer que o *modus operandi* do ensino público não acompanha o rápido avanço tecnológico.

possibilidades desta relação entre as novas práticas de leitura do jovem midiaticizado e as Fake News, repensando a linguagem pela comunicação digital, já que a relação dos sujeitos com ela os afeta de modo diferente, gerando efeitos sociais, cognitivos e discursivos próprios, pois a nossa relação com o mundo nos toca de maneira particular e singular, maneiras essas que precisam ser resgatadas nas práticas de leitura do jovem midiaticizado.

Os fenômenos que nomeamos “aprendizagem” não são mais privilégio de um lugar físico, a escola. Pensar os processos de aprendizagem nos espaços virtuais é pensar para além dos espaços escolares, o que merece relevo científico. A era digital reorganiza o espaço escolar, o processo de aprender se desterritorializa⁴, não se encontra mais fechado à estrutura física. Os jovens ganham espaço nas redes sociais, nas conversas de WhatsApp, Twitter, de modo que já está claro que se trata de uma experiência da realidade. Por esta premissa, queremos acentuar que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, no espaço virtual, têm proporcionado grandes e intensas mudanças nos fatores históricos, sociais, culturais, econômicos e políticos. As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (doravante TDIC e não mais TIC) se tornaram um elemento sem o qual as práticas comunicativas e a cultura contemporânea são impensáveis. Ao se incutirem nas relações sociais, as TDIC transformaram a natureza da comunicação humana, redefiniram as organizações sociais. A tecnologia é parte da cultura, devendo ser compreendida em sua relação a outros elementos culturais (LIMA, 2006).

Infelizmente, as práticas pedagógicas não conseguem acompanhar esta cadência rápida de mudança e de transformação. Ademais, a estas preocupações soma-se uma particularidade: pesquisar processos de leitura oriundos da relação entre juventude e a suas práticas de comunicação no espaço virtual é, em essência, estabelecer um continuum de pesquisa, dado o status dinâmico e a não estabilização destas dimensões (CHARTIER, 2002; LIMA, 2006; SOUSA, 2014).

Destacamos, nesta dissertação, a sua dimensão transversal e interdisciplinar, pois o processo da nossa pesquisa é articulado na interface entre vários saberes e áreas, por exemplo, a Comunicação, a Educação, a Sociologia, e a Linguística, dentre muitas outras áreas.

As Fake News preocupam, primeiramente, porque ainda é difícil combatê-las, e sobretudo pelas consequências avassaladoras que elas têm gerado, o que justifica pesquisas

⁴ Conforme Rodrigues (2016, p.77): desterritorialização, para alguns autores, no processo de globalização, significa o ‘não pertencimento’ a nenhum território material, a nenhum espaço social, pois estaríamos ligados aos espaços pelos meios de comunicação que nos permitem estar virtualmente em vários lugares e não pertencer a nenhum território. Não seria uma desterritorialização, e sim uma reterritorialização virtual, conforme Lévy (2000).

como a nossa. Trata-se de uma preocupação compartilhada. Em maio de 2019, devido à carência de estudos sobre este objeto, o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) promoveu o Seminário Internacional Fake News e Eleições, no intuito de impedir e minimizar a divulgação de notícias falsas. Como afirma a Ministra Rosa Weber, recentemente:

a sociedade deve estudar, compreender e acompanhar o fenômeno das *Fake News* para que seja possível, ao menos, minimizar a sua esfera de influência na salvaguarda da lisura de exercício do bem maior, que é a democracia (WEBER, 2019, p. 1).

A Organização das Nações Unidas (ONU, 2020) tem destacado ação global para combater a desinformação. A subsecretária-geral de Comunicação Global da ONU, Melissa Fleming, disse que “em muitos países, a desinformação nos canais digitais está impedindo a resposta da saúde pública e aumentando a inquietação lançada em suas plataformas”⁵. As transformações tecnológicas estão trazendo um desafio às escolas e requisitando uma reorganização dos processos pedagógicos.

Neste cenário de justificativas, emerge novos modos de ler das juventudes, por isso é produtivo pensar esse novo quadro conforme a necessidade escolar. Nesse sentido, percebemos que a proliferação das Fake News nas redes sociais tem levado o aluno a um modo de ler bem específico na atualidade. Ler, hoje, implica em checagem/verificação da informação. Estas inquietações fizeram surgir um conjunto de questionamentos específicos: como o jovem midiático tem lidado com as questões das Fake News? Quais são os modos de leitura que o fenômeno Fake News tem despertado nos jovens midiáticos? Quais as possibilidades de sentido, reflexão e crítica, estão sendo feitos por estes alunos a partir das informações geradas e disponibilizadas nos mais diversos espaços virtuais? E a nossa principal problemática de pesquisa: como o jovem aluno do Ensino Médio tem lido, identificado e dialogado com as informações geradas pelas Fake News, nas redes sociais? É frente a essas problemáticas que desenvolvemos nossos argumentos.

Nosso trabalho explicita o seguinte fato: além de atentarmos para os novos aparatos tecnológicos e na sua capacidade instantânea de captação e reprodução de informação, é emergente compreendermos o impacto e as implicações que as novas formas de comunicação e interação têm gerado na vida do aluno midiático, principalmente no campo social (SOUSA, 2014; LEÃO; SOUSA, 2016). Além disso, frente aos desafios e às dificuldades impostas pela

⁵ONU News. Nações Unidas lançam iniciativa global para combater desinformação sobre pandemia de Covid-19. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/05/1714402>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

chegada do novo coronavírus no mundo, e o avanço desta no Brasil, vemos uma série de impactos e efeitos sobre todas as práticas de ensino, o que nos exige reflexão, pois todas as atividades escolares passam a ser compartilhadas por uma mesma tela, onde se trabalha, entretêm e se forma, nas quais também ocorre a desinformação. A educação precisou readaptar-se e reinventar-se para dar continuidade ao ano letivo, desde o ensino fundamental até ao ensino superior, e assim garantir uma educação que atenda à demanda do curso. Contudo, no contexto brasileiro, ficou evidente o quanto é incipiente a apropriação de tecnologias digitais na educação pública. Identificamos dificuldades no acesso à rede, desorganização dos órgãos públicos, e sobretudo Fake News, que vem abalando a confiança da população nas instituições, nos especialistas e na ciência, dificultando ainda mais o enfrentamento da pandemia da Covid-19.

Diante disso, buscamos refletir sobre processos de leitura na particularidade dos ciberespaços expostos às Fake News sobre a Covid-19. Este trabalho utiliza-se da temática da COVID-19, o que de fato nos permitirá compreender os novos modos de leitura nos processos de ensino-aprendizagem. Nosso foco está em como ler as informações geradas pelas Fake News, ou uso de Fake News enquanto estratégia de leituras para o letramento. E para isso, levaremos em conta os estudos sobre a juventude e suas práticas de comunicação, admitindo todas as experiências dos sujeitos-alunos como produções culturais. Desse modo, todo conhecimento adquirido a partir de suas vivências, a exemplo das práticas de leitura, são expressões de práticas culturais que incluem ações, sentidos, representações e rituais.

Nesta relação entre leitura e práticas comunicativas midiáticas, importa-nos observar as mudanças provocadas pelo uso das novas modalidades de produção, de difusão e de apropriação do texto escrito, para compreendermos as leituras de Fake News. O que estas mudanças provocam nos modos de ler juvenis? Buscamos, com esta pesquisa, compreender as transformações que acontecem entre práticas de leituras, os suportes midiáticos e suas modalidades de produção, mais especificamente, as interfaces aí postas com textos que tratam das (des)informações de Fake News nas redes sociais, alvo principal desta nossa pesquisa.

O fato é que os diversos usos da tecnologia digital e as novas mídias, experienciadas pelos jovens, são *sui generis*. Se pensarmos em outros momentos históricos e seus efeitos, perceberemos que se produziu outros modos de constituição, formulação e circulação de discursos, caracterizados pelos campos ideológicos distintos, que vão do econômico ao político. Além disso, a intensificação de fenômenos como notícias falsas (Fake News) e manipulação de dados (big data), nas redes sociais, têm demonstrado transformações nas identidades (no modo de ser jovem na contemporaneidade) e nos modos de subjetivação destes sujeitos em distintas práticas sociais.

Diante desse quadro, este norte analítico pode ser formalizado no seguinte objetivo: identificar e analisar como os jovens estudantes do Ensino Médio leem, identificam e discutem as desinformações geradas pelas Fake News. E pormenorizamos nosso objetivo maior nas seguintes especificidades: a) compreender o fenômeno Fake News que ocorre no ciberespaço; b) compreender e analisar, do ponto de vista sociocultural, quem são os jovens entrevistados; c) identificar em quais espaços têm ocorrido a leitura e a discussão das informações geradas pelas Fake News sobre a Covid-19⁶ d), e como as juventudes têm sido afetadas por tal fenômeno midiático.

É sobre este contexto atual mais amplo que nos debruçamos para construir nossas indagações sobre os novos modos de ler as Fake News, pelos jovens midiáticos. Contexto este que merece justificativa pormenorizada no que tange à relação entre o campo educacional e a cultura juvenil contemporânea. Mais especificamente, almejamos aprofundar sobre os elementos da cultura e da leitura vivenciada por jovens alunos midiáticos em tempos de Fake News. A noção de midiaticização irá nos ajudar a compreender a condição juvenil que se encontra atravessada pela forte presença da mídia e das transformações múltiplas.

Considerando-se o fenômeno das Fake News no contexto midiático da cultura contemporânea, o presente texto foi dividido em cinco capítulos e um tópico conclusivo, a saber:

No primeiro Capítulo, intitulado “Juventudes, mídia e educação”, discutimos as TDICs, seus usos e práticas sociais que emergem da interação homem e máquina, que sempre provocaram transformações fundamentais na existência e formas de socialização humana. Mudanças que interessam diretamente aos estudos sobre os processos de aprendizagem no contexto escolar e, especificamente, como compreender os modos de se ler Fake News das juventudes, uma vez que a facilidade do acesso à informação e as possibilidades de novas formas de interação e comunicação por meio dessas tecnologias fazem surgir novas maneiras de aprender em contextos variados e novos desafios, tanto para a escola, quanto para as juventudes.

No segundo capítulo “Leitura, escrita e modos de ler: mudanças, rupturas e permanências”, procuramos abarcar elementos sobre modos de leitura e modos de ler nos espaços midiáticos. Para tanto, aproximamo-nos dos modos de pensar a história das práticas da

⁶ A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Algumas pessoas são infectadas, mas apresentam apenas sintomas muito leves. Uma em cada seis pessoas infectadas por COVID-19 fica gravemente doente e desenvolve dificuldade de respirar (OPAS, 2021). Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 11 mai. 2021.

leitura para vislumbrarmos a complexidade e identificarmos como se dá a apropriação dos leitores e os efeitos da leitura dos textos, no seu tempo e espaço.

No terceiro capítulo “Fake News na era da Pós-verdade”, apresentamos algumas noções do fenômeno da Fake News. Exploramos o fenômeno de que, para pensar inicialmente as Fake News no seu espaço de funcionamento, faz-se necessários considerar que a internet é um veículo de informação rápida, poderosa e, por isso, capaz de influenciar devido seu alto teor atrativo de entretenimento e informação, as quais permitem que sujeitos, em qualquer lugar do planeta, acessem notícias, lugares e fatos em questão de segundos (DELMAZO; VALENTE, 2018). Entretanto, não é de hoje que percebemos inúmeras notícias falsas que são publicadas como verdades, tanto pelo meio jornalístico, quanto pelo mercado midiático. Nosso foco está em como ler as informações geradas pelas Fake News, ou uso de Fake News enquanto estratégia de leituras para letramento, e principalmente como elas impactam as juventudes, e não a mera identificação de benefícios partidários frente a mentiras veiculadas.

No quarto capítulo, “Procedimentos Metodológicos”, abordamos os percursos metodológicos e analíticos. Do ponto de vista metodológico, a investigação se dará em duas dimensões: uma dimensão de revisão da literatura, e outra dimensão empírica, a partir da relação sociocomunicativa que acontece no espaço virtual (FLICK, 2013). Para este estudo foram adotados os seguintes procedimentos: realização de questionário e entrevista semiestruturada.

E no quinto capítulo, “Resultados e Discussão”, apresentamos análises e discussões sobre as práticas de leitura de Fake News sobre a Covid-19, e o perfil do jovem leitor midiaticizado. Privilegiamos as falas das juventudes marcadas por sua singularidade. Foram realizados entrevistas e questionário com os jovens estudantes do Ensino Médio, com o intuito de aprofundarmos o nosso objeto de estudo. Procuramos explorar e refletir as questões sobre as novas práticas de leitura de Fake News, e sobre como os jovens leem e identificam as Fake News. Além disso, refletimos quais sentidos e relações que os jovens construíram quando atravessados pela desinformação.

Por fim, nas **Considerações finais**, retomamos alguns pontos essenciais desta pesquisa, que privilegiaram reflexões sobre implicações das Fake News na vida juvenil e os desafios para a educação em tempos de pandemia e desinformação.

CAPÍTULO 1 JUVENTUDES, MÍDIA E EDUCAÇÃO

Neste capítulo, refletimos sobre as novas perspectivas sobre as juventudes, vislumbrando-as como atores sociais, capazes de ser sujeitos transformadores e criadores no seu modo de ser jovem e no seu modo de ler o mundo. Contudo, para pensar as juventudes em suas práticas comunicativas digitais é preciso pensá-las em seus espaços midiáticos e como o seu cotidiano são afetados por tais espaços.

Segundo Setton (2009), as áreas da comunicação e das ciências sociais vêm compreendendo que as relações das juventudes com as mídias não devem se limitar a pensar os processos de recepção, mas, sobretudo, devem pensar a relação entre consumo e produção. Ou seja, tais áreas compreendem que se deve pensar a juventude e suas questões na natureza relacional entre este contexto da midiática e a condição juvenil contemporânea. Para isso, vamos explorar alguns conceitos dessas esferas.

1.1. Realidade das TDIC no Brasil e os desafios na Educação

Atualmente, existem muitos pesquisadores e autores que investigam e demonstram a relevância da inclusão obrigatória das TDIC na formação das crianças e jovens. Segundo Arruda (2018), as discussões sobre essa temática têm se intensificado nos últimos anos nos países membros da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), cujo objetivo é que os alunos possam adquirir habilidades e competências das TDICs, tornando-se agentes ativos, críticos e transformadores.

E neste cenário emergente, as políticas e normas de TDIC na América Latina tem apresentado abertura para discussões. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (2010), com seus membros governamentais, inclusive o Brasil, tem discutido sobre como usar as TDICs para promover sociedades equitativas de informação alfabetizada. Em 2001, a UNESCO propôs o “Programa Informação para Todos” -IFAP⁷ destacando, dentre os seus objetivos, a melhoria do ensino-aprendizagem desde o ensino fundamental ao Ensino Médio, através da alfabetização digital, não se perdendo das questões éticas concernentes à informação e indicando o aprendizado das TDICs como um processo importante a ser adquirido, e que afeta todas as instâncias da vida (ARRUDA, 2018).

⁷ Traduzido do inglês: “Information for All Programme (IFAP)”. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/digital-transformation-and-innovation/information-for-all-programme/>>. Acesso em: 15 out 2019.

Ao mesmo tempo, as TDICs são pensadas como um facilitador na promoção da integração social e na promoção de um sujeito capaz de tomar decisões importantes sobre a própria vida. Diante disso, incentivam um questionamento não apenas sobre o quanto as TDICs impactam a sociedade, mas como a escola pode dialogar com as tecnologias para que o sujeito-aluno adquira outras competências formativas e outros vínculos com os contextos culturais mediados⁸ (UNESCO, 2010).

Desde então, novos programas de implementação e uso das TDICs na escola têm sido desenvolvidos pelo Ministério da Educação, como o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) Integrado, o Banda Larga nas Escolas, o Banco Internacional de Objetos Educacionais, o Domínio Público, o Projetor ProInfo, Um Computador por Aluno (UCA), o Programa de Inovação Educação Conectada⁹, dentre outros (BRASIL, 2018). E neste contexto, as políticas educacionais têm apresentado abertura e interesse: atualmente, os novos projetos de implementação e uso de tecnologias digitais incentivadas pelo Ministério da Educação, que abrangem desde a educação básica ao ensino médio, almejam inserir a internet e a tecnologia digital como estratégia pedagógica em todas as escolas públicas do Brasil até 2024 (BRASIL, 2018). Infelizmente, percebemos que este projeto está “somente no papel”, mas não no “chão da escola”.

Sublinhamos, aqui, o PROInfo iniciado em 1997, que tem por finalidade o uso pedagógico da informática para que ocorra a integração das tecnologias através dos laboratórios de informática nas escolas, que abarca, por exemplo, a aquisição de aparelhos, capacitação dos professores e recursos pedagógicos (BRASIL, 2018).

Um dos grandes desafios em relação à Educação, principalmente no campo social, é repensar as metodologias tradicionais¹⁰, principalmente neste contexto social tão marcado pelas desigualdades sociais. Uma educação que forme o aluno no sentido a motivá-lo a despertar seu

⁸ É válido elucidar que neste contexto, a palavra mediação compreende a presença intensa da mídia em sociedade (SOUSA, 2014, p. 18): [...] entendida como um processo interacional de referência que altera o modo de comunicação humana que se estabelece no contexto cultural de uma tecno-interação – é uma realidade singular para se pensar aspectos afetacionais desse processo na configuração da condição juvenil contemporânea e as possíveis questões que essa condição afetada midiaticamente coloca à educação escolar básica. Este conceito será abordado mais adiante em nossa pesquisa

⁹ “O Programa de Inovação Educação Conectada do Ministério da Educação tem o objetivo de apoiar a universalização do acesso à internet de alta velocidade, por via terrestre e satelital, e fomentar o uso de tecnologia digital na Educação Básica” (BRASIL, 2017). Disponível em: <<http://educacaoconectada.mec.gov.br/o-programa/sobre>>. Acesso em: 12 out. 2019.

¹⁰ No método tradicional de ensino, o professor é considerado figura central e único detentor do conhecimento, que é repassado aos alunos, normalmente, por meio de aula expositiva. Ao estudante, reduzido a espectador da aula, cabe apenas memorizar e reproduzir os saberes. Nesse modelo, em geral, há a adoção de testes e provas padronizadas e as diferenças individuais não são levadas em conta. Essa concepção tradicional de ensino é chamada de “educação bancária” por Paulo Freire (1983).

interesse para o aprendizado, para o questionamento e crítica do mundo, é no mínimo laborioso e árduo (LEÃO; SOUSA, 2016). Ainda para tais autoras, o desafio da escola não está apenas em usar adequadamente as mídias como ferramentas para o ensino-aprendizagem, mas em compreender os modos de ser jovem-aluno nesse contexto. Como corrobora Baccega (2002, p. 6): “A escola precisa aprender a trabalhar as novas sensibilidades dos alunos; trata-se de outra maneira de ser e de ler, de sentir e apropriar-se do mundo, com relação à qual a escola não pode se omitir”.

Em outra perspectiva, Lima (2006) percebe que além das desigualdades sociais, o âmbito educacional ainda apresenta dificuldades no processo de interpretar as transformações geradas pela tecnologia digital, as quais não podem atender mais às necessidades da sociedade contemporânea através da limitação, irreflexão ou impedimento no uso dos seus dispositivos eletrônicos, ou ainda, transformando-os em métodos de punição e opressão. Ainda para a mesma autora, uma leitura crítica só é possível, atualmente, considerando-se o acervo disperso da internet, o que seria bem dificultoso para o processo de ensino-aprendizagem que se limita apenas aos modelos tradicionais (LIMA, 2006; KELLES; LIMA, 2017).

Arruda (2018), alerta que estamos muito distantes dos objetivos almejados nas legislações educacionais, pois o atendimento à população ainda é desigual e discriminatório em muitos aspectos, tais como os territoriais e étnicos, o que impede que os alunos se tornem agentes ativos, críticos e transformadores, e assim não podem exercer sua cidadania de maneira consciente. O que se acentua, atualmente, devido à COVID-19.

As instituições escolares têm sofrido frente a esses novos processos de midiaticização, pois têm dificuldade em compreender as novas interações sociais mediadas pelo virtual. Muitas vezes os laboratórios de informática não atendem a real demanda das escolas públicas, e os professores não possuem formação adequada para trabalhar com as TDICs, “posto que o aluno que a frequenta já é e se percebe como jovem midiaticizado, gerando tensões nas suas relações com a escola de muitas maneiras, conforme suas experiências cotidianas” (LEÃO; SOUSA; 2016, p. 286).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹¹, para construir um aprendizado em concordância com as necessidades, possibilidades e interesses das juventudes, que enfrenta as adversidades da sociedade contemporânea, a escola precisa promover a produção dos saberes através da relação entre diversas áreas do conhecimento, entre elas: “a

¹¹ É preciso destacar o não consenso de pesquisadores e educadores em torno da aprovação da BNCC, devido seu caráter conservador e privatizante, mais riscos de perda da autonomia dos professores (FILHO, 2017).

apropriação das linguagens das tecnologias digitais e a fluência em sua utilização” (BRASIL, 2017, p. 466). Tal orientação ainda propõe:

1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo [...];

7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017, p.481-482).

Assim, a instituição escolar, na atualidade, se depara com grandes desafios de estruturar os modos de como ensinar e aprender de modo inovador, prático e transformador, que atinge desde

[...] a formação docente, a infraestrutura, a incorporação regular dos dispositivos digitais em salas de aula online ou mesmo nos conhecidos Laboratórios de Informática, além de considerar os textos produzidos pelos alunos nas redes sociais, por vezes tidos como irrelevantes” (RIOS, 2018, p. 18-19).

Especialistas na área educacional sinalizam que os jovens necessitam se sentir inseridos em uma lógica de ensino-aprendizagem que faça sentido para a realidade na qual estão inseridos, qual seja, a realidade midiática e o convívio em redes. As aproximações entre escola e mídia seriam benéficas ao considerarem propostas como as de metodologias ativas¹², que suscitam jovens mais autônomos e, portanto, protagonistas na construção do conhecimento (SCHIO, 2018).

As mídias digitais e sociais se tornaram uma parte indispensável no dia a dia das pessoas em todo o planeta e estão crescendo. Em 2021, ano em que vivemos lockdowns e confinamentos em casa devido à crise pandêmica da Covid-19, o uso das mídias sociais tiveram um crescimento exponencial, o maior crescimento de usuários nos últimos três anos. Mais de 4,6 bilhões de pessoas agora usam a Internet, enquanto os usuários de mídia social ultrapassaram a

¹² Metodologias ativas é termo cunhado por John Dewey que se refere a modelos de ensino que propõem desenvolver a autonomia e a participação dos alunos de forma integral.

marca de 4,2 bilhões no mundo¹³. No Brasil, as TDICs, especificamente na realidade das juventudes brasileiras, não são diferentes. As pesquisas TIC Domicílios e TIC Kids Online, do ano de 2020b¹⁴, realizada pelo Comitê Gestor da Internet (CGI.br), demonstram que 89% das crianças e dos adolescentes com idade entre 9 e 17 anos já são usuários de Internet no país, o que corresponde a 24,3 milhões de pessoas conectadas nessa faixa etária.

Apesar do alto percentual de crianças e adolescentes que utilizam a Internet, muitos brasileiros

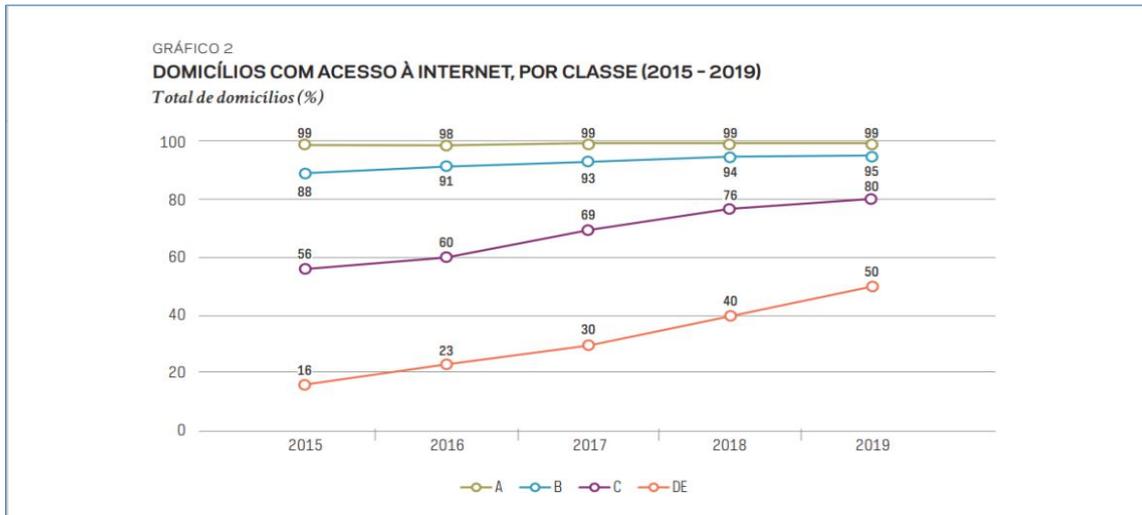
[...] enfrentam barreiras estruturais para um acesso significativo a tecnologias digitais e para usá-las. A sociedade brasileira é caracterizada por profundas desigualdades sociais e, nos últimos anos, enfrenta-se uma ausência persistente de políticas públicas sólidas para garantir o acesso universal (CETIC.BR, 2020, p. 103).

Aproximadamente 1,8 milhões de brasileiros entre a faixa etária de 9 a 17 anos não são usuários de Internet e 4,8 milhões não tem acesso à internet em sua residência.

Em 2020, devido às exigências sanitárias de prevenção à COVID-19, o uso das TDICs tornou-se mais presente e determinante para se ter acesso à educação, cultura e interação social no mundo todo. Entretanto, esse novo cenário alargou as desigualdades de acesso à rede e aos dispositivos tecnológicos, prejudicando principalmente crianças e jovens de classes sociais mais vulneráveis, socioeconomicamente.

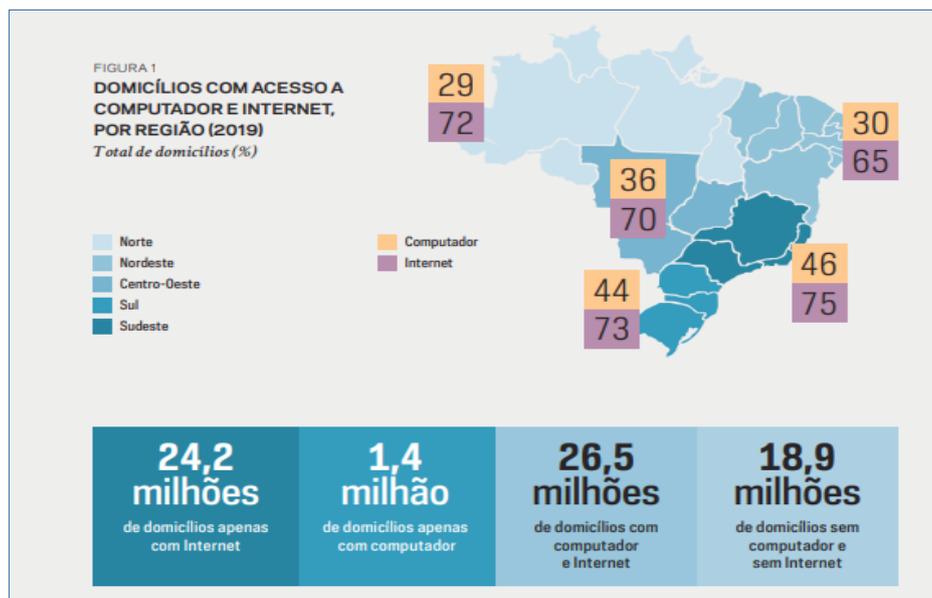
¹³ “*We are social*” e “*Hootsuite*” agências de marketing digital especializadas em mídias sociais atuantes no mundo inteiro, inclusive no Brasil. A duas agências juntas, realizam um dos relatórios mais respeitados do marketing digital. E anualmente, apresentam perfis detalhados de mais de 230 países sobre como as pessoas estão usando a Internet, telefones celulares, mídia social e comércio eletrônico no mundo. *We are social. Digital 2021*. Disponível em: <<https://wearesocial.com/digital-2021>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

¹⁴ É válido ressaltar que os dados das pesquisas TIC domicílios e TIC Kids Online foram coletados entre os meses de outubro de 2019 e março de 2020, antes da pandemia COVID-19.

Gráfico 1 – Domicílios com acesso à internet, por classe (2015-2019).

Fonte: CETIC.BR, 2020b.

De acordo com a última pesquisa da CETIC.BR (2020b) cresceu o número de conectados à internet em domicílio no ano de 2019: cerca de 50 milhões (71% do total de domiciliados conectados à internet), um aumento de aproximadamente 5 milhões a mais, comparando-se ao ano anterior. Aumento justificado pelo crescimento no acesso entre as classes C e DE (Gráfico 1), significando um salto de 20% entre 2015 a 2019.

Figura 1 – Domicílios com acesso a computador e internet, por região (2019).

Fonte: CETIC.BR, 2020b.

De acordo com a CETIC.BR (2020b), mesmo com o crescente aumento de usuários em todas as classes sociais, principalmente nas classes D e E, nos últimos anos, um a cada quatro usuários ainda não acessavam a internet. Isto é, aproximadamente 40 milhões de usuários das classes C e D não acessavam internet. Tal situação infere uma estreita relação entre desigualdades digitais e sociais no país.

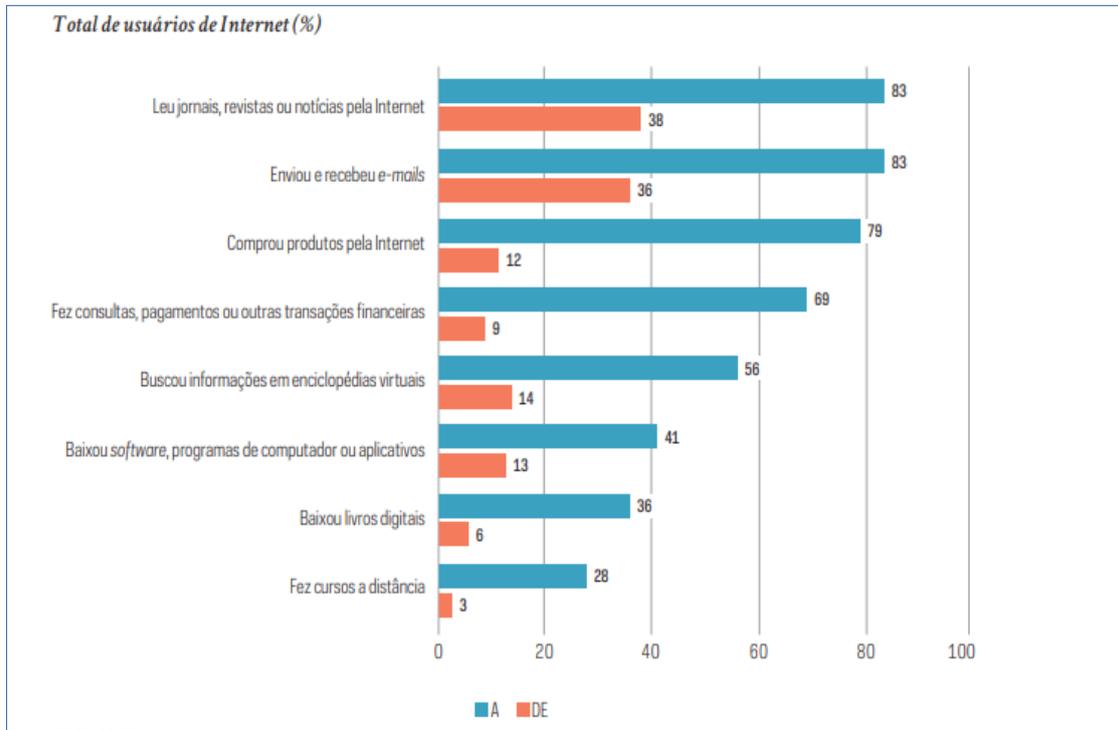
Entre os segmentos socioeconômicos nas classes D e E¹⁵ “foram registrados 13 milhões de domicílios sem acesso à Internet” (CETIC.BR, 2020b, p. 62), sendo o custo do serviço para o acesso à internet considerado “o maior vilão” (59%), sobretudo para as famílias que recebem não mais que um salário-mínimo (31%); o segundo motivo da falta de acesso à internet seria a ausência de interesse; e o terceiro motivo, o fato de que muitos não sabem ainda usar a internet.

Outro dado importante é que, apesar do aumento significativo do acesso à internet das classes DE, tal acesso manteve-se em desigualdade se comparado com as classes A e B, que aliás, têm o dobro de crianças e jovens conectados (Figura 1).

Além da desigualdade no acesso à rede no Brasil, existe um segundo tipo de exclusão digital, que diz respeito àqueles sujeitos que driblaram o não acesso à rede. Contudo, o uso da internet desse grupo se dá unicamente através do celular. De acordo com a pesquisa CETIC.BR (2020b, p. 23), esse modo de manuseio sugere “um menor aproveitamento de oportunidades on-line, incluindo atividades culturais, pesquisas escolares, cursos à distância, trabalho remoto e utilização de governo eletrônico.

¹⁵ Estimativas de renda domiciliar mensal decorrente da aplicação do Critério Brasil. Valores de referência na PNADC 2018: Estrato Socioeconômico e Renda média domiciliar: Classe A (recebe acima de 20 salários mínimos), Classe B1 e B2 (recebe de 5 a 20 salários mínimos), Classe C1 e C2 (recebe acima de 1 e 4 salários mínimos), Classe DE (recebe menos que 1 salário mínimo) (ABEP, 2019).

Gráfico 2 – Tipos de usos desiguais da internet, entre as classes sociais.



Fonte: CETIC.BR, 2020b

O Gráfico 2 evidencia diferenças no uso da internet entre as classes sociais, fortalecendo a percepção quanto à desigualdade social e o tipo de conexão de internet disponibilizados no mercado neoliberal. É visível, aqui, que o tipo de acesso e a classe social são preponderantes para demarcar quem terá o direito ao acesso a WiFi, 3G e 4G, à informação de qualidade, e ao acesso ilimitado e de alta resolução (acessíveis apenas para as classes A e B). Enquanto a população pobre, da classe DE, “tem acesso principalmente pelo celular e por conexão móvel, tem um uso mais limitado e restrito a conteúdos que exigem baixa conexão ou que integram planos de zero-rating” (CETIC.BR, 2020b, p. 124).

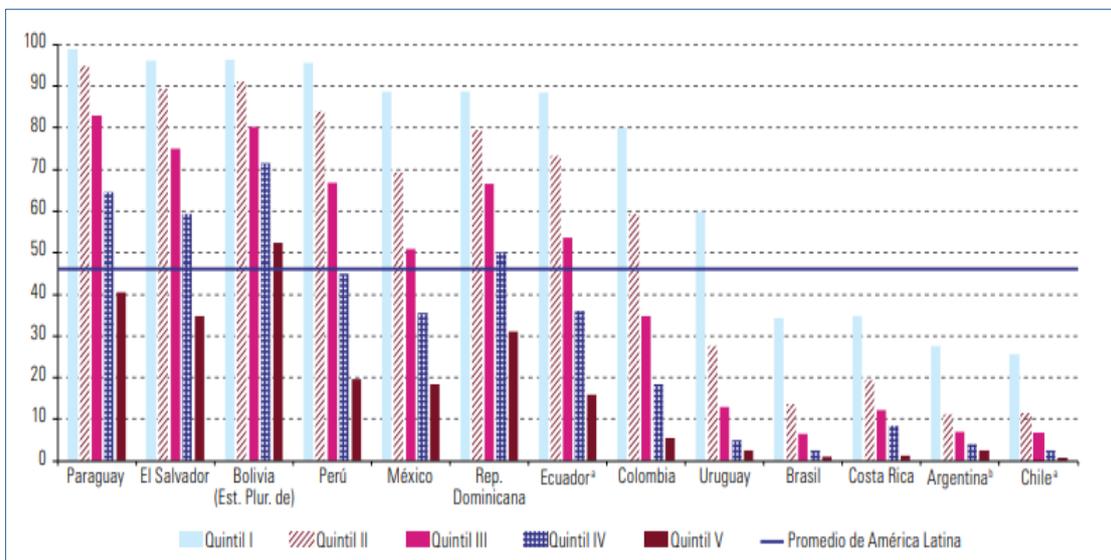
Ampliando o panorama da era digital em relação à educação online na América Latina, segundo a Cepal (2020), a situação pandêmica da COVID-19 abriu brechas mais profundas em relação à acessibilidade à rede, ampliando as desigualdades sociais entre as classes sociais. O acesso à internet de boa qualidade (acima de 18,5 Mbps¹⁶), junto com a posse dos dispositivos de

¹⁶ Segundo com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL, 2020), com base na Comissão Federal de Comunicações (FCC), classifica em categorias a velocidade da conectividade em: baixa 5,5 Mbps – permite o uso de funções básicas como, e-mail, vídeos e streaming, porém não permite teletrabalho, educação online ou remota. Média a partir de 18,5 Mbps – permite o uso das funções básicas e uma atividade online de alta demanda, é considerada ideal para teletrabalho, educação online ou remota de modo não simultâneo, e alta a partir de 25 Mbps - permite o uso de funções básicas e de alta demanda, trabalho e educação online, todos eles de modo simultâneo.

acesso, é considerado, na contemporaneidade, um serviço essencial que salvaguarda o direito à saúde, educação, trabalho e proteção contra o contágio da COVID-19, por facilitarem o isolamento social e a atividade econômica, de muitos modos. Vale ressaltar que essas soluções digitais de educação online são, *a priori*, um quadro indispensável, contudo, insuficiente para apreender os valores agregados às TDICs.

Entretanto, como nos mostra o Gráfico 3, o uso destas soluções digitais não é viável onde crianças e jovens com idades entre 5 e 12 anos vivem em domicílios sem conexão, realidade que presenciamos na atualidade, onde acontece a exclusão de mais de 32 milhões de crianças na América Latina.

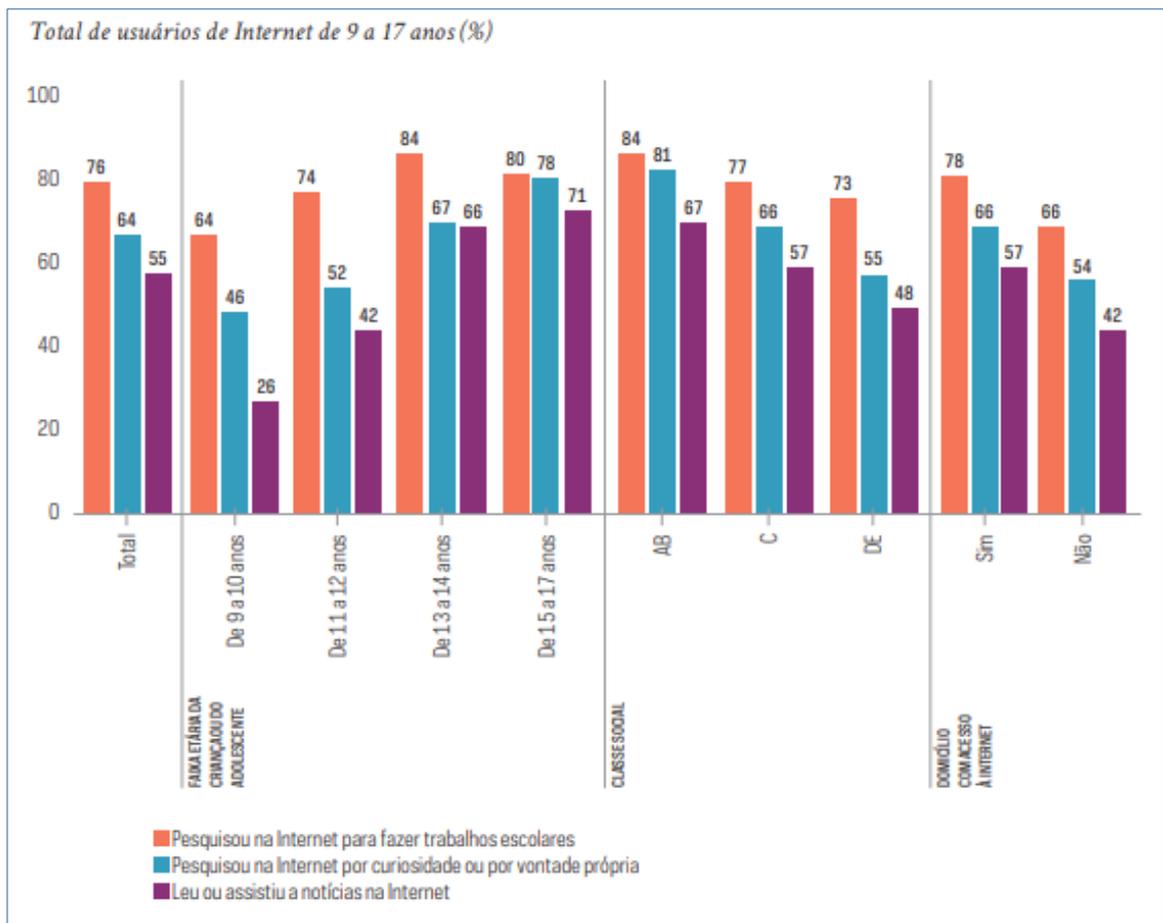
Gráfico 3 - América Latina (13 países): crianças em domicílios sem acesso à Internet, por quintil¹⁷ de renda (Em percentagens).



Fonte: CEPAL, 2020b.

¹⁷ O termo quintil, é usualmente utilizado para mensurar a distribuição de renda de uma população humana, delimitando a mais pobre até ao mais rico e, em seguida, dividindo-o em 5 partes. Enquanto o “percentil” equivale 1% do número total de indivíduos em uma população, um “quintil” equivale 20% (ou um quinto) do número total de indivíduos em uma determinada população. Logo, em cada população existem cinco “quintis” ou 100 “percentis”. Com isso obtemos 5 quintis ordenados por sua renda: Quintil I – equivale a parcela da população mais pobre; Quintil II - a segunda mais pobre, assim sucessivamente até o Quintil V – que equivale a população mais rica (CENTRO UC, 2021).

Gráfico 4 – Crianças e adolescentes, por atividades realizadas na internet, faixa etária e classe (2019)
– Educação e busca de informações.



Fonte: CETIC.BR, 2020

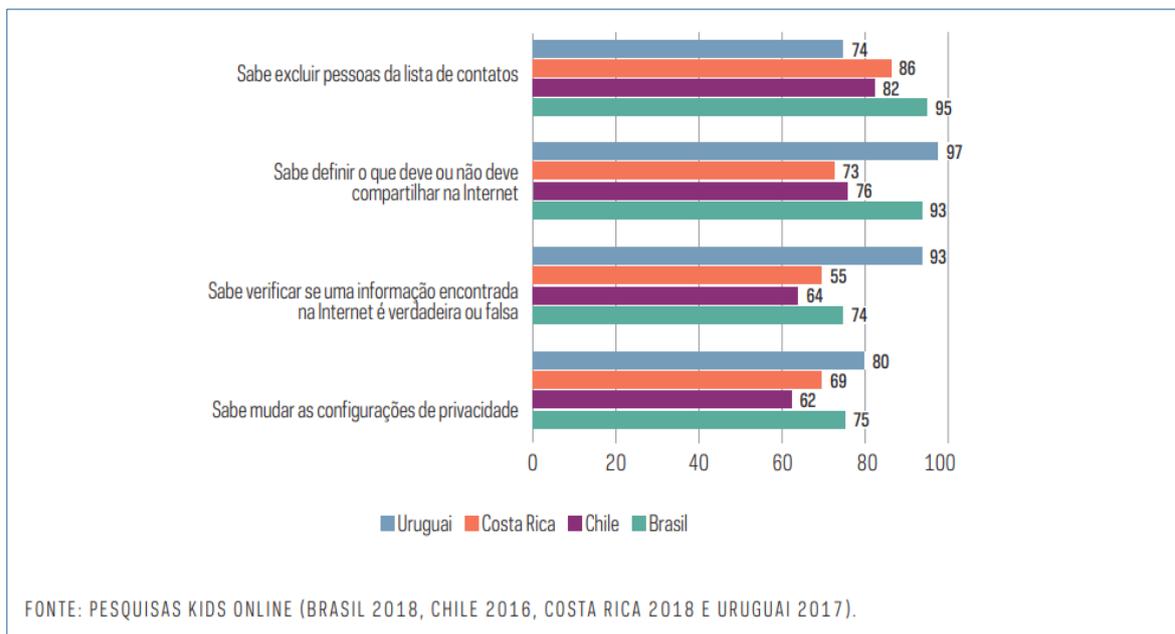
Especificamente em relação à conectividade e às dinâmicas de uso da rede da população infantil e juvenil brasileira, cerca de 89% da população entre 9 e 17 anos era usuária de Internet, o que representa aproximadamente de 24 milhões de brasileiros. O gráfico 4 nos revela um acesso ínfimo à rede, frente à demanda: nas áreas rurais (75%), nas regiões Norte (79%) e Nordeste (79%), e nas classes DE (80%). A ausência de acesso na residência foi identificada como principal causa para não conectar à internet.

Em um cenário pré-pandemia, 16,5 milhões de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos viviam em domicílios com condições limitadas de acesso à Internet (sem qualquer Internet ou com velocidades de download abaixo de 4 Mbps). O telefone celular seguiu predominante como o dispositivo de acesso à rede, dado que foi utilizado por quase a totalidade das crianças e dos adolescentes conectados (95%) (CETIC.BR, 2020a, p. 23).

Os dados do Gráfico 1 revelam que milhões de jovens e crianças, principalmente das classes DE, ainda não possuem acesso à rede, ou se a tem, é de baixa qualidade, o que significa

restrição ou impedimento quanto à sua participação em atividades educacionais, ao suporte pedagógico, a atividades culturais, comunicacionais e informacionais, que orientem, por exemplo, protocolos sanitários da Covid-19, além de restrição ou impedimento do lazer e do entretenimento, em um período pandêmico.

Gráfico 5 - Habilidades de privacidade e informacionais entre crianças e adolescentes que usaram redes sociais no Brasil, no Chile, na Costa Rica e no Uruguai.



Fonte: CETIC.BR, 2020a

De acordo com o gráfico 5, crianças e jovens da América Latina possuem habilidades básicas pertinentes para lidar com questões de privacidade nas redes sociais, aproximadamente 70%. E cerca de 84% deste público diz saber definir o que deve ou não compartilhar na Internet. E em relação à checagem de informação, cerca de 71% afirmaram saber detectar se a informação é falsa ou verdadeira. Fica evidente que o uso das redes sociais por adolescentes e crianças aumentaram significativamente após a pandemia da COVID-19, ampliando sua utilidade para: socialização, entretenimento, ensino e aprendizagem, trabalho em equipe, entre outros, facilitando a comunicação e o distanciamento social, tão necessários no momento. E segundo a pesquisa, apesar do resultado mostrar que aproximadamente 71,5% das crianças e jovens afirmarem que sabem identificar se uma informação é falsa ou verdadeira, os riscos do uso das redes sociais ainda precisam ser melhor avaliados. Ademais, é fundamental considerar nesse escopo de nossas reflexões que não há uma única juventude, mas diferentes formas de

vivenciar a condição juvenil (DAYREL, 2007). Acreditamos que, os dados coletados precisam ser analisados dentro do contexto experimentado pelas juventudes brasileiras, é o que nossa pesquisa se propôs a fazer, no intuito de compreender como os jovens leem as Fake News.

Diante disso, apesar dos jovens se sentirem familiarizados com a internet e seus ambientes midiáticos, tais como redes sociais, plataformas digitais, Web (World wide web), e com todos os seus aparatos tecnológicos, devemos nos questionar se tais ambientes fazem com que tais juventudes adquiram automaticamente, ou por si só, compreensão e prática das dimensões ética, estética e política na cultura digital. Eles realmente conseguem identificar o falso e o verdadeiro?

Entre 2015 e 2016, pesquisadores da Stanford History Education Group (BREAKSTONE *et al.*, 2016) aplicaram em campo 56 atividades avaliativas, para mensurar o “civic online reasoning” – a habilidade para julgar a confiabilidade das informações promovidas nos diversos dispositivos digitais dos jovens. Foram aplicadas e analisadas atividades para 7.804 alunos, tanto do ensino público como particular, do ensino fundamental II ao universitário. De acordo com os estudos de Breakstone et al. (2016, p. 3) os jovens estudantes desta pesquisa apresentaram muitas dificuldades para avaliar se uma informação on-line era confiável ou não. “Em geral, a capacidade dos jovens de raciocinar sobre as informações na Internet pode ser resumido em uma palavra: desolador, eles são facilmente enganados e demonstraram falta de preparo para lidar com as mídias digitais, em todos os níveis escolares”. Os resultados demonstraram que eles não tinham habilidades basilares, como identificações básicas, de acordo com nível escolar. Por exemplo, os jovens do ensino médio não souberam identificar um anúncio de uma notícia. Os alunos não conseguiram avaliar o site, quanto à sua procedência. De acordo com avaliação desses pesquisadores, estamos diante de uma situação complexa e perigosa, pois apesar da humanidade ter acesso a uma abundância de informações em suas mãos, que hipoteticamente poderia nos deixar mais instruídos, os resultados mostram, contrariamente, que não estamos preparados para lidar com este excesso de informações e desinformações.

Em outra pesquisa dos Estados Unidos, ocorrida entre 2018 e 2019, avaliaram-se 3.446 alunos com idade entre 14 a 18 anos. Foram apresentadas seis atividades para mensurar a habilidade dos jovens para avaliar fontes digitais na internet aberta. Os resultados são preocupantes: quase 100% dos alunos não averiguam as fontes da informação; 52% acreditaram em evidências totalmente falsas; dois terços dos alunos não souberam diferenciar notícias e anúncios (desencadeados pelas palavras "Conteúdo patrocinado"); 96% dos alunos se preocuparam com indicadores superficiais de credibilidade, tais como estética do site, ou a

forma de apresentação do usuário, na página no campo “Sobre” (onde se fala de si, ou propósitos do site). Faz-se urgente a Alfabetização digital de alta qualidade, validados por pesquisas rigorosas, para garantir a vitalidade democrática. Segundo Breakstone et al. (2019), infelizmente a educação está muito atrasada e a tecnologia avança a passos largos. É urgente que haja ações de enfrentamento à desinformação, pois do contrário, a capacidade de nossos alunos de se envolver na vida cívica será circunstancial ou relativa (BREAKSTONE et al., 2019).

1.2 Mídia e Educação

Neste contexto de inúmeras incertezas, as fake news ganham mais impulso com a infinidade de conteúdos lançados diariamente sobre os usuários. Além do aumento exponencial informacional, amplia-se a complexidade para acessar, para ler e interpretar essas informações, e acrescenta-se a isso a combinação de informações verídicas com informações e dados inverídicos, propagados muitas vezes ora de modo descuidado e ora de modo intencional. Com efeito, a carência da criticidade em práticas usuais como a leitura e a interpretação, logo após a automatização do comportamento das pessoas em relação à informação, pode levar à propagação da desinformação (HUYGHE, 2019; LEITE; MATOS, 2017). Assim, desenvolver habilidades, atitudes e competências sobre a informação para avaliar o nível de confiabilidade de qualquer notícia virou questão de subsistência no ciberespaço (LEITE; MATOS, 2017).

No âmbito escolar, compreendemos que a inclusão digital não acontece naturalmente. É fantasiosa a ideia de que a geração nativa digital nasceu sabendo navegar na internet. A Competência em Informação prega a necessidade de alfabetizar digitalmente os cidadãos para que se tornem competentes no mundo informacional, com habilidades específicas para atuar no ciberespaço. Em tempos de fake News, se faz necessário saber como fazer uma pesquisa na web, é imprescindível que os educadores invistam em ações que os ensinem onde encontrar uma informação confiável e como reconhecê-la, respeitando o nível de dificuldade de cada um. É imprescindível averiguar, investigar e encontrar parâmetros de checagem da informação (LEITE; MATOS, 2017).

Segundo Fischer (2007) e Pretto (2011), refletir sobre a educação na Cultura Digital é no mínimo ação laboriosa, pois ela requisita articulação entre outros campos do saber, tais como a ciência, a tecnologia, a saúde, a cultura e as práticas sociais. Vislumbramos celeridades nas mudanças dos suportes tecnológicos e a reconfiguração do espaço social com a existência da internet, o que acarretou extraordinariamente intensas transformações na produção do

conhecimento, no nosso modo de ser, de escrever, de falar e no nosso modo de pensar sobre o mundo e os sobre si mesmo. Contudo todas essas grandes transformações não coincidem no modo como planejam as políticas públicas, e no modo como essa ferramenta comunicacional se insere nas práticas educacionais.

Para pensar nas práticas comunicativas digitais é preciso pensar nas juventudes midiáticas, pois elas se apropriam velozmente da tecnologia (principalmente o celular, este suporte tecnológico que é pequeno e fácil de carregar diariamente junto ao corpo), e constroem laços sociais e novas formas de comunicação e de linguagem através da rede.

Segundo Pretto (2011), trata-se de uma juventude conhecida como geração alt+tab, pois é capaz de navegar e processar informações em janelas da web simultaneamente. Além disso, é uma geração que produz muito, escreve muito, de modo inovador, e se manifesta constantemente no espaço público virtual. Essa forma de apropriação dos aparatos tecnológicos produz culturas e conhecimentos, novas formas de expressão, novos textos e novas formas de linguagem, tais como símbolos, ícones e imagens em movimento. Assim sendo, os jovens demonstram que não são apenas consumidores passivos da informação, eles produzem culturas e conhecimento:

[...] cresce de forma vertiginosa a produção através dos sítios colaborativos, espaços onde todos passam a ser escritores e ‘jornalistas’ e, por conta disso, esses blogues e microblogues com textos, sons e imagens, transformaram-se num enorme fenômeno contemporâneo (PRETTO, 2011, p. 106).

Pretto, em seus estudos, já reforçava a relevância do acesso as redes, para que essa produção de escrita acontecesse. Isso é fundamental. E na atualidade, essa voz parece “ecoar no deserto”. Os Resultados apresentados pela CETIC.BR (2020a) confirmam que falta atenção da gestão pública para que os jovens tenham uma formação de qualidade, falta equipamento e acesso à rede.

Pretto (2011) também averigua que a escola se encontra em muitas outras dificuldades, até mesmo crises, tais como dificuldades em ouvir seus jovens alunos, de acolher a diversidade cultural, de atender a demanda crescente devido ao aumento populacional, dificuldade para treinar seus profissionais, além de sofrer com a escassez de material pedagógico apropriado, de estrutura básica para o ensino, desde o material tecnológico à dificuldade no acesso à internet, entre outros. Segundo o pesquisador

As políticas públicas terminaram sendo, prioritariamente, baseadas em padronizações e na introdução de práticas centradas em uma lógica que mais

se assemelha à linha de produção de uma indústria do que a processos de produção científica e cultural (PRETTO, 2011, p. 108).

Nesse sentido, é imperioso repensarmos o processo de alfabetização nas instituições escolares, ou seja, pensar a educação em uma perspectiva plural, em novas educações, onde possa compreender toda a complexidade proveniente das estruturas em rede (web 2.0, web 3.0¹⁸), desenvolvendo um espaço criativo e de experiências inovadoras, em oposição aos processos burocráticos e rígidos em que o processo de alfabetização onde se encontra (PRETTO, 2011). Para pensar a educação no sentido plural, faz-se necessário ir além das preocupações com a aquisição de habilidades tecnológicas e com desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula, é preciso que “instale-se uma nova pedagogia” (KENSKI, 2003, p. 8). É ensinar com propósitos de criar um ambiente para colaboração e participação dos alunos. É pensar em uma nova educação onde o jovem aluno se envolva em seu processo de construção do conhecimento, o jovem deve sentir que pertence àquele universo educacional.

Ainda que o jovem saiba fazer buscas na internet, problematizar situações experienciadas nas mídias e adquirir conhecimentos, as TDICs possuem estruturas que o faz permanecer neste sistema do seu consumo de entretenimento, por isso é desafiante e urgente, para o processo educativo, ajudar o aluno na descontinuação da lógica do mercado midiático. Além disso, urge estratégias de letramento digital sistematizado, onde a escola ensine a cultura escrita com base em letras, ícones, símbolo e signos, dentre outros elementos que compõem o universo midiático. Outro desafio para a escola seria a transição na apresentação do conteúdo, conhecida como estratégias multitarefas, onde se ensina por diversas formas, tais como publicação em blogs, abertura de várias janelas ao mesmo tempo, criação de animações, e principalmente a interatividade (ARRUDA, 2013).

Para Arruda (2013) é relevante que a escola colabore no entendimento dos aspectos sociais, políticos e econômicos da TDIC, de modo a formar o aluno não exclusivamente para o consumo e o entretenimento, mas para a conquista de sua autonomia, para o saber crítico e para a formação sólida de elementos que o ajudem a escolher, comparar e analisar suas escolhas, e conseqüentemente, avaliar suas ações e decisões em rede, distanciando-se de entendimentos simplistas que operam na cultura digital. O espaço escolar é o lugar para os sujeitos encontrarem significados e significantes das tecnologias atuais.

¹⁸ Web 2.0 e web 3.0 são as fases das estruturas que caracterizam a internet atualmente. Na web 2.0 é basicamente a fase do surgimento das redes sociais e blogs, do compartilhamento online intensivo. Na web 3.0 é a fase em que a comunicação humano-máquina se tornou o mais próximo do natural (CAMPOS, 2012).

No que tange ao professor, é relevante pôr relevo no fato de que, inegavelmente, as TDIC fomentam o trabalho do professor. Eles constroem vídeo-aulas no Youtube, charges, mêmes, páginas em sites, responde a e-mails, WhatsApp, manuseiam diversas telas, como o computador, o tablet, o celular e a tv, e tudo ao mesmo tempo, e o dia todo. Isso porque o sistema educacional funciona cada vez mais em múltiplos espaços. Ainda que estejamos vivendo um momento com tantas exigências, Pretto salienta a necessidade de refletirmos políticas educacionais no sentido de que os exercícios da profissão, como a de professor, possam recuperar a dignidade e independência, e desse modo, experienciar oportunidades singulares devido à presença de todos os elementos tecnológicos.

1.3 Condição juvenil na contemporaneidade: modos de ser e estar no mundo midiaticizado

De início, retomemos o sentido histórico-tradicional sobre a juventude: as inquietações sobre as juventudes eram historicamente direcionadas primordialmente à integração dos jovens à sociedade, através de mecanismos (instituição de passagem da infância para a maturidade, tal como a escola ou a família). Outra abordagem da juventude dava-se no entendimento de apoio no período de transição para a fase adulta, fase da expertise, do sucesso profissional, da estabilidade emocional e de maior liberdade (ABAD, 2002).

Ainda hoje afetados por este eco histórico, estudos atuais sobre a juventude esforçam-se para desconstruir esta abordagem empobrecida sobre a juventude. Segundo Carrano e Dayrell (2002), para se compreender a condição juvenil é essencial romper com concepções equivocadas, estigmatizadas e marginalizadas. Perceber as juventudes como uma fase transitória, um pré-projeto, do que ele deve “vir a ser”, e que devido a essas condições justificam as ações juvenis no momento presente, é compreendê-lo sob uma perspectiva adultocentrista. Desse modo, o jovem é vislumbrado de forma negativa, pois nesta perspectiva ele ainda não é o que “deve ser”. A escola e a família muitas vezes reforçam essa perspectiva. O “vir a ser” do jovem é percebido na valorização de projetos de futuros plausíveis, somente após o diploma, o que demonstra uma rejeição de suas experiências vividas no presente. Essa perspectiva corrobora com outras noções limitadas sobre as juventudes, tais como, período crítico da vida, de personalidade e autoestima instável e de afastamento familiar.

Ademais, a romantização das juventudes a partir dos anos sessenta, com o crescimento da indústria cultural e do mercado de consumo voltado para o público juvenil, limitou a nossa visão sobre as juventudes a um período de liberdade, prazer e comportamentos bizarros. Atrelada a esta percepção, se encontra a ideia de moratória, entendendo as juventudes como um

período para viver novas experiências, para tentativa e erro, viver a busca do prazer como primordial (doutrina filosófica do hedonismo), um tempo de inconseqüências e libertinagem (CARRANO; DAYRELL, 2002).

Para Dayrell (2007), as juventudes devem ser vislumbradas por meio das dimensões simbólicas e de suas expressões culturais, tanto em sua condição de consumidor, quanto na condição de produtor (de vídeos, de música, de conteúdo midiático, entre outros). Podemos dizer que estas duas condições oportunamente “produzem” modos de ser jovem.

De acordo com Fischer e Schwertner (2012), os jovens contemporâneos precisam ser pensados a partir da relação entre transformações sociais e temporais, não as equiparando com jovens de outras épocas, com outros comportamentos predominantes, pois as exigências e os dilemas atuais são de outra ordem. Nessa perspectiva, as autoras corroboram que o tempo presente é regido diariamente por dois aspectos: transformações e instabilidades. Entretanto, são exigidos dos jovens excelência em vários aspectos comportamentais, alguns baseados no passado e outros no presente, além de dinamicidade, imediatismo, flexibilidade e conhecimento constantemente atualizado sobre a TDIC.

Neste ensejo, Carrano e Dayrell (2002) apresentam sólida precisão nos estudos sobre a constitutividade do sujeito jovem. Segundo os autores, para de fato se apreender o modo de ser jovem, incluindo inclusive todas as classes sociais, devemos descobrir como eles constroem suas experiências, incluindo sua diversidade. A noção de juventude deve ser desenvolvida pelo prisma da diversidade¹⁹ o que pressupõe, primeiramente a partir de uma perspectiva de totalidade, como um processo de crescimento que acontece através das somas das experiências sentidas pelos jovens, no seu contexto social. “Significa não entender as juventudes como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado ao se entrar na vida adulta” (CARRANO; DAYRELL, 2002, p.3).

Compreender as juventudes nos levará a desvinculá-la de parâmetros inflexíveis, onde se a reduz a um momento determinado ou a uma passagem. Ela faz parte de um processo de desenvolvimento composto pelo conjunto de suas experiências na sua realidade social, ou seja, o jovem vai se descobrindo em diversos aspectos de sua vida, na medida que se relaciona e realiza trocas, o que leva a vários modos de ser jovem, com múltiplas possibilidades. “É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente” (DAYRELL, 2005, p. 3)

19 Diversidade que se constrói nas esferas sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), gênero, regiões geográficas, entre outros elementos.

Pensar o Jovem na contemporaneidade é pensar numa realidade global interconecta, acompanhado de díspares conexões com as transformações econômicas, sociais e tecnológicas. Podemos dizer que a interconectividade global tem produzido outros efeitos, proporcionando diferentes possibilidades de comunicação e de relacionamentos. Novas formas de relação com o tempo, espaço e com a tecnologia. Os jovens do século XXI, apesar de viverem em seu próprio corpo mudanças tanto fisiológicas quanto sociais, muitas delas de forma abruptas (característica da atualidade), têm se mostrado mais abertos para esses novos modos de estar e ser no mundo (FISCHER; SCHWERTNER, 2012).

Desse modo, as experiências vivenciadas pelos jovens não podem ser classificadas ou categorizadas como coesas ou similares, elas acontecem em momentos e regularidades desiguais. “Sobretudo os jovens ressentem estas características, na forma de descontinuidade e diferenciação entre seus papéis de aluno, sua situação de filhos e sua condição de jovens em sentido não apenas social, mas subjetivo” (MAÇANEIRO; SOUSA, 2016).

Além disso, segundo Fischer e Schwertner (2012), alguns aspectos problemáticos dos tempos atuais tem sido o direcionamento de nossos jovens a valorizar práticas como o individualismo e o consumismo, e práticas de discriminação e exclusão. Individualismo e consumismo que levam os jovens à busca de uma liberdade (falsa). Pois deter o poder de consumir e produzir mídia, além de falar o que pensa nas redes sociais, não significa tomada de consciência crítica (FREIRE, 1967) que leva à libertação objetiva de si (BAUMAN, 2001). E consequentemente, não significa expertise contra as manipulações nem contra as Fake News, que acontecem no espaço midiático.

Segundo Bauman (2001) a sociedade moderna sob o viés das relações capitalistas e neoliberais, é marcada pela difusão de uma vida social mais autônoma e individualista. Ou seja, significa dizer que o homem passa a destituir as instituições sociais (por exemplo a família, a igreja, a empresa, a escola ou o governo) de sua centralidade, dispensando crenças, regras e valores impostas por elas (desvinculação do *holismo*)²⁰, e orientando-se de acordo com sua capacidade crítica, não aceitando imediatamente o que lhe é imposto sem uma prévia reflexão e contestação.

Entretanto, apesar desta mudança significativa em relação a criticidade do sujeito e questionamento, não há uma verdadeira liberdade sem uma tomada de consciência. Vislumbramos jovens críticos questionando os mandos e desmandos das instituições sociais,

²⁰ Holismo, diz respeito sobre a maneira como um sujeito age no mundo, por meio da obediência a regras e crenças estabelecidas por instituições sociais, tendo por objetivo a iluminação, a salvação. A depender de como o sujeito age, ou melhor, segue as regras que lhe são muitas vezes impostas, lhe proporcionará a salvação ou o inferno.

porém continuam vinculados e assujeitados a ideologias dominantes, poderosas e alienantes (BAUMAN, 2001).

A educação reforça que precisamos pensar o sujeito-aluno no seu contexto, mas na prática, a escola padece frente às exigências do mercado de trabalho e da família, e acabam por ceder a uma educação tecnicista²¹ e não-humanista (aquela que prepara os jovens para ser os melhores para sobressaírem no mundo competitivo). Logo, aprender em uma sociedade individualista, onde cada um só quer defender e preservar o que acredita, tem gerado sujeitos que não respeitam a opinião alheia, pois cada um tem a sua própria “verdade” absoluta, e a verdade do outro não passa de uma mentira, engano ou mito. É produtiva, aqui, a reflexão de Bauman (2001) sobre a liberdade:

A distinção entre liberdade "subjéitiva" e "objéitiva" abriu uma genuína caixa de Pandora [...]. Uma dessas questões é a possibilidade de que o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade; que as pessoas poderem estar satisfeitas com o que lhes cabe mesmo que o que lhes cabe esteja longe de ser "objétivamente" satisfatório; que, vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar, e assim percam a chance de se tornar genuinamente livres. [...]. A ameaça mais sombria atormentava o coração dos filósofos: que as pessoas pudessem simplesmente não querer ser livres e rejeitassem a perspectiva da libertação pelas dificuldades que o exercício da liberdade pode acarretar. (BAUMAN, p.26).

Paralelamente, não é possível pensar em liberdade se o acesso ao conhecimento e aos fatos não estão à disposição da maioria da população. O que os torna alvos fáceis para mantê-los presos e manipulados pela sociedade capitalista que mente, dissimula e omite em massa através dos veículos de comunicação. De maneira implícita ou explícita, a classe dominante impõe, através da televisão, da internet e das redes sociais, como o jovem deve agir, vestir e ser. Portanto, é relevante discutir sobre os aspectos dos efeitos do individualismo moderno sobre o modo de ser jovem, uma vez que por trás dessa individualidade está o interesse político e econômico que mantém a sociedade dividida em classes dominantes e classes dominadas, e principalmente desinformadas.

É produtivo também considerar a espessura mercadológica na relação com a juventude hodierna. Segundo Abad (2002), o mercado midiático tem assumido o papel determinante na sociedade, prometendo às juventudes a tal “liberdade” e também trabalho facilitado (antes prometida pelas instâncias escola-família-trabalho). Esta liberdade se dá através do consumo,

²¹ *Conhecido como "pedagogia tecnicista", onde os professores planejavam suas aulas de modo racional, capaz de diminuir as influências subjetivas, focando na eficiência e na produtividade (SAVIANI, 1999).*

da produção e participação da e na mídia. Desse modo, “impulsiona as juventudes a ser uma fonte de valores” (ABAD, 2002, p 140.), através, por exemplo, de sua autoimagem, ou seja, o jovem não precisa aguardar a fase adulta para participar da sociedade.

Abad (2002) afirma que o mercado midiático tem usado os meios de comunicação para reforçar ou “vender” um discurso de universalização do acesso à rede. E que paralelamente ao seu discurso, as mídias disfarçam as verdadeiras desigualdades sociais, principalmente no Brasil, mostrando que essa promessa é um grande engodo, pois a realidade é que não vivemos “de la igualdad en la liberta”²² (ABAD, 2002, p. 141), muito menos, igualdade no acesso à informação, nos suportes tecnológico, no acesso à rede, entre outros. Esse grande ideal ou slogan de liberdade para todos é para quem pode pagar, logo, apenas alguns se beneficiam com essa promessa, prevalecendo práticas das classes dominantes sobre as classes dominadas.

Contemporaneamente, aponta-se uma condição juvenil que tem reconfigurado a categoria social dos jovens. Ela se baseia na negação do legado da cultura adultocêntrica. Em outras palavras, trata-se da conscientização, por parte das juventudes, de que a “garantia” prometida após o rito de passagem é apenas um mito. Os jovens se dão conta da “[...] perda de sua eficácia simbólica [do rito de passagem] como poder ordenador da sociedade” (ABAD, 2002, p. 130). A desinstitucionalização da condição juvenil levou as juventudes a viver novas experiências, como explica Abad (2002, p. 130, tradução nossa²³):

Esta nova condição juvenil é caracterizada por forte autonomia individual (especialmente no uso do tempo livre e lazer), a ânsia de multiplicar experiências de vida, a ausência de grandes responsabilidades para com terceiros, exceto amigos próximos e familiares, um rápido amadurecimento mental e físico, e uma emancipação mais precoce nos aspectos afetivos e emocionais, embora tardia nos econômicos, com um exercício mais precoce da sexualidade.

Nesse sentido, dentre vários fatores que alicerçaram a condição juvenil contemporânea, destacamos três aspectos:

²² Tradução nossa “igualdade na liberdade”.

²³ Esta nueva condición juvenil se caracteriza por una fuerte autonomía individual (especialmente en el uso del tiempo libre y el ocio), la avidez por multiplicar experiencias vitales, la ausencia de grandes responsabilidades hacia terceros, salvo los amigos y familiares cercanos, una rápida madurez mental y física, y una emancipación más temprana en los aspectos emocionales y afectivos, aunque retrasada en lo económico, con un ejercicio más precoz de la sexualidad (ABAD, 2002, p. 130).

- i. diminuição do tempo infantil e ampliação do tempo juvenil, podendo se estender por volta dos trinta anos;
- ii. relativização da cultura do trabalho, justificada pelo dissabor juvenil pelo não cumprimento da promessa, que garantia uma transição simples, regular e estruturada da fase juvenil para a fase adulta;
- iii. estreitamento dos laços entre a midiática da cultura e a cultura juvenil, ou seja, novas formas de ser jovem com influência da e na mídia. A midiática da cultura refere-se à nova configuração da comunicação humana, que se dá no espaço digital online, que modificou os modos de interação e relacionamento social (SOUSA, 2020; SOUSA, 2014), e segundo Sodré (2008) um novo *bios*²⁴, um novo modo de presença do sujeito do mundo. Para Sodré (2008), nossa inquieta o enquanto pesquisadores devem estar debruçada em compreender a influência deste novo *bios* midiático, na feitura da realidade social dos jovens – na forma o perceptiva, afetiva, nas significa es, nas normas e produ o de efeitos políticos.

Nesse sentido, as tecnologias digitais contemporâneas afetam não são o campo informativo, mas a percep o que os sujeitos têm de si e dos outros, as trocas interpessoais e as inser es no tempo e no espaço. Mais do que nunca, a linguagem tecnológica nos estimula, psicológica e sensorialmente, a estarmos conectados ininterruptamente. O que nos abre para novos campos de socializa o, e incide na nossa percep o de tempo e espaço. Nesta ambiência, as juventudes midiaticizadas²⁵ na contemporaneidade estão sujeitas a abundantes informa es (FISCHER, 2013), como assevera Laurent (2017, p. 16, tradu o nossa), vivemos a “[...] overdose de saber, de companhia e de conexão”²⁶, em sites como Google, Wikipédia e redes sociais. O que significa que os jovens têm acesso rápido   informa o, aos fatos e às imagens, modificando nossa percep o do tempo e memória, produzindo novas formas de viver, sentir, pensar e compreender (tais como a intimidade, a privacidade, a publicidade, a diversidade e a constru o  tica; entre outros). O pressuposto base deste entorno   que são estes jovens,

²⁴ A midiaticiza o implica, assim, uma qualifica o particular da vida, pensando-se na classifica o aristotélica [...] concebe três formas de existência humana (*bios*) na Pólis: *bios theorikos* (vida contemplativa), *bios politikos* (vida política) e *bios apolaustikos* (vida prazerosa). A midiaticiza o pode ser pensada em um novo *bios*, uma espécie de quarta esfera existencial [...] redefini o do espaço público burguês (SODRÉ, 2008, p. 22).

²⁵   válido esclarecer que, os jovens midiaticizados nesta pesquisa não será entendida como um conceito, mas para se referir as múltiplas e plurais modos de ser e se comunicar dos jovens, e como são atravessados pelos processos de midiaticiza o em seu dia a dia de suas rela es comunicacionais (SOUSA, 2014).

²⁶ Citado por  ric Laurent em seu artigo Jouir d’internet (2017) : «... l’overdose des savoirs, de la compagnie et de la connexion ».

familiarizados com o espaço cibercultural, que chegam ao contexto escolar (LEÃO; SOUSA, 2016; PINTO, 2013).

É relevante ponderar ainda que a tecnologia digital é instrumento que pode ser capaz de proporcionar o bem-estar, a democratização, a humanização, a liberdade de escolha e expressão, a abertura, a inovação, a colaboração, e no campo educacional, proporcionar uma aprendizagem mais lúdica e atrativa (BONA, 2010). Todavia, também pode servir para o lucro, como uma forma de dominação, controle, exploração e marginalização do sujeito. Esta mesma tecnologia digital pode vir a ser uma ciência que não está a serviço de um saber livre e desinteressado, e muito menos racional (BEVÓRT; BELLONI, 2009):

A web não é um espaço de anarquia, como os doces libertários queriam sonhar. Este é um lugar que permitiu a construção de impérios que querem alterar tudo. A Amazon quer vender tudo, o Google digitalizar e ordenar tudo, o Facebook conectar tudo²⁷ (LAURENT, 2017, p. 13).

Como bem nos recorda Martín-Barbero e Rey (1999), os usos das tecnologias digitais não são genuinamente dispositivos “transparentes” nos seus sentidos. Elas são pensadas de um modo a organizar o poder de modo global. Corroboramos com Fischer (2013) quando afirma que precisamos refletir também sobre o que é visível na mídia. Visível no sentido de compreendermos os processos de produção e circulação de significações e sentidos, isto é, a partir do que foi visto, do que foi olhado na tela, e daí refletido, a partir da imagem, do som, da publicidade, da linguagem e dos textos próprios da ambiência midiática, que permitiu de alguma forma que fosse visível e transmitido ao público.

Para além das possibilidades das redes, sendo elas reais, ideais ou ainda fictícias, e pensando no trato do que não é visível ou na não-transparência dos sentidos, é importante ressaltar que a midiática extrapola a dimensão instrumental dos meios, ela é uma formadora e reprodutora veloz e eficaz de culturas e de opiniões, que acontecem através destas conexões entre os usuários, sendo ele sujeito, instituição e sociedade, e que esse papel formador reflete em nossa percepção de mundo, de si e do outro, no nosso modo de agir, no modo de ver, no modo de falar e de ler. Neste sentido, a midiática é

[...] lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de

²⁷ Citado acima : « Le web est une évidence du tout, de l'Autre, qui précède chacun. Le web n'est pas un espace d'anarchie, comme de doux libertariens voulaient le rêver. C'est le lieu qui a permis la constitution d'empires qui veulent altérer tout. Amazon veut tout vendre, Google tout numériser et ordonner, Facebook tout connecter » (LAURENT, 2017, p.13).

compreender diferenças de gênero (isto é, de como “são” ou “devem ser” homens e mulheres), diferenças políticas, econômicas, étnicas, sociais, geracionais (FISCHER, 2013).

Logo, a midiaticização da cultura contemporânea resultaria em diferenciados comportamentos e posturas, ao mesmo tempo mudanças quanto a percepção e compreensão da realidade social e diferentes tipos de interação social, permeado pelos dispositivos tecnológicos, e que por meio destas interações, se formam novas disposições nas relações. A maestria destes dispositivos digitais se converge na capacidade de influenciar os sujeitos, tanto no campo das relações factuais, quanto pessoais, devido às diversas possibilidades acessíveis pelas trocas interpessoais instantâneas e abundantes, como também pela mudança temporal e dos espaços (BRAGA, 2016). De fato, a midiaticização modifica o nosso modo de entender a comunicação humana, ultrapassando a compreensão de simples mecanismos midiáticos, mudando para o campo das identidades, sentidos e vínculos sociais (SOUSA; MAÇANEIRO, 2016).

No próximo capítulo, trataremos sobre as práticas de leitura e suas transformações na contemporaneidade.

CAPÍTULO 2 LEITURA, ESCRITA E MODOS DE LER: MUDANÇAS, RUPTURAS E PERMANÊNCIAS

Na história humana, os modos de ler foram construídos de diferentes modos. As práticas da leitura se desenvolveram cada vez mais, considerando elementos como: materialidades, textualidades, tempo, espaço, produção de sentido, apropriações das materialidades, tipos de leitores, entre outros.

Explicitamos alguns elementos que compõe a historiografia das práticas de leitura. Dado que há diferentes perspectivas metodológicas e teóricas possíveis, neste capítulo valer-nos-emos, de autores clássicos como Chartier (1999), Darnton (2010), Fischer (2004), já que estes autores tratam sobre mudanças, permanências e rupturas, além de diferenças e singularidade nas práticas de leitura e escrita, que ocorreram desde a antiguidade até a entrada do texto digital. Interessa-nos, fundamentalmente, o destaque que os autores citados acima, dão à relevância histórica das práticas de leitura para se interpretar uma determinada cultura e suas temporalidades. Para esses historiadores das práticas da leitura, não é possível compreender a complexidade dos atos de ler da atualidade sem entender as produções de sentidos e as práticas sociais envolvidas na relação entre leitores e leituras, em suas especificidades históricas.

A seguir, elegemos autores contemporâneos como Sousa (2014), Coscarelli (2017), Ribeiro (2008), entre outros, que, na esteira destas novas configurações, refletem direta ou indiretamente os impactos das tecnologias da informação digital e das (des)informações geradas pelas falsas notícias, no campo escolar, no modo de ser e ler das juventudes, e particularmente na interação entre o conhecimento e o sentido, a partir de leitura de textos, enunciados ou imagens midiáticas, que visam promover o desenvolvimento de uma análise crítica autoral sobre os modos de ler Fake News em redes social, o que é o nosso alvo principal.

Vale ressaltar que em nossa pesquisa, o vislumbre do passado, mesmo que breve, não tem papel de nos acender a um saudosismo ou a uma animação pueril que as tecnologias digitais possam evocar em nós. Entendemos que, ao nos apropriarmos do arcabouço teórico da história das práticas de leitura, ele contribuiu para apreendermos com maior propriedade quais os significados e as implicações das permanências, rupturas e mutações que acarretam os usos, os modos de ler e os sentidos, como também refletir os modos de ser jovem, e como isso se relaciona com a prática de leitura das Fake News, privilegiadas no espaço virtual.

2.1. Da cultura oral à cultura do texto digital: um breve histórico das origens, contextos e sentidos

Fischer (2004), em seu livro “A history of Reading”, nos aponta algumas das transformações, rupturas e permanências encontradas nas práticas de leitura e escrita, percorrendo os momentos históricos destas práticas, desde o desenvolvimento dos primeiros símbolos da escrita, dos diversos suportes (desde a leitura em pedra, osso, casca, parede, monumento, códex e livro impresso), até a leitura em tela digital. E frente aos distanciamentos e aproximações encontradas no interior da história das sociedades antigas letradas do Ocidente e do Oriente, e também frente às sociedades atuais, o autor reflete a construção do passado dos modos de ler e escrever, para que, desse modo, compreendamos melhor o presente e o mundo que está por vir.

Nesse sentido, Fischer (2004) elucida que, ao longo da história do mundo da leitura, o “latim” chinês, proveniente do leste da Ásia, foi quem inspirou culturas inteiras do Oriente, como a Coreia, o Japão e a Índia, os quais basearam-se nesse “latim” chinês para a construção de suas escritas próprias. Foi apenas nos dois primeiros séculos a.C., no império de Han²⁸, que decidiram fornecer uma alfabetização generalizada, contudo muito desigual (ou seja, de curta duração se comparado ao que já era oferecido ao grupo dos letrados), beneficiando apenas uma parcela restrita da população camponesa (até então uma alfabetização que beneficiava apenas os escribas e estudiosos da época, ou seja, um grupo ainda mais seletivo). Esta alfabetização dos camponeses tinha por intuito, não o bem comum, mas “[...] uma valorização e promoção centralizada na leitura e na escrita como ferramentas sociais para autorizar a vontade coletiva” (FISCHER, 2004, p. 106 tradução nossa)²⁹, ou seja, na verdade, tal alfabetização camponesa significava controlar a vontade dos sujeitos.

Apesar deste efeito de controle de vontades dos sujeitos, mesmo assim, essa alfabetização sinalizou, pela primeira vez, o reconhecimento e promoção da leitura e da escrita como ferramentas sociais para capacitar a vontade coletiva. Não obstante, nesta época a leitura passa a ser vislumbrada “[...] como algo bom para todos, e educar as classes mais baixas da sociedade foi assentida por sustentar a classe dominante, na medida que beneficiava o bem

²⁸A Dinastia Han foi uma dinastia chinesa governada pelo clã de Liu. Seu reinado durou aproximadamente 400 anos. É considerado um período de grande importância da história da China, pois a agricultura, o artesanato e o comércio acenderam e a população chegou a milhões.

²⁹[...] a centralized appreciation and promotion of reading and writing as social tools to empower the collective will (FISCHER, 2004, p.106).

comum” (FISCHER, 2004, p. 106, tradução nossa)³⁰. Dessa forma, o acesso ao aprendizado tem por intento educar os cidadãos a se manterem em seu lugar de subserviência, ou seja, de mantê-los sob controle, foi um aprendizado-instrumentalização de manipulação, de jogo político e jogo de poder.

Sabe-se que na China, ainda no início dos primeiros séculos d.C., no leste da Dinastia Han³¹, os documentos oficiais eram escritos em seda, porém, como o papiro para o Ocidente, a seda era um material bastante oneroso para os povos do Oriente. E com o aumento do número de alfabetizados, o número de leitores aumentou consideravelmente, e concomitantemente, aumentou-se a procura por textos, então, com a alta da demanda, percebe-se a necessidade de desenvolver um material mais barato. E em 105 d.C., desenvolve-se um processo composto de trapos e fibras brutas (louro, amoreira e grama chinesa), produzindo um novo material para escrita, o papel. Vale destacar que, apesar do baixo custo do papel e de uma significativa amplitude na expansão da leitura no território asiático, a técnica para se fazer o papel foi mantida em sigilo e monopolizada pelo império e a pela elite feudal chinesa, até o século VIII. E mesmo após o desenvolvimento da prensa, a produção da literatura permaneceu nesta condição centralizadora, e estagnada nas mãos das altas hierarquias chinesas, coreanas e japonesas. Apenas no final do século XVII, devido às novas transformações sociais, a ampliação e o acesso aos textos tornaram-se mais dinâmicos (FISCHER, 2004).

Por sua vez, a história da escrita e da leitura dos pré-colombianos mesoamericanos antes da colonização europeia (2.000 a.c.), limitaram a escrita a uma elite restrita, no intento de demonstrar força e supremacia para dominar os povos e manter a ordem e o controle. De acordo com o autor, a escrita dos povos zapotecas, maias, astecas e sobretudo mixtecas, foi usada por um longo tempo como uma ferramenta propagandística governamental, onde a população era instruída através de histórias fictícias e surreais, a respeito, por exemplo, da grande proximidade da elite com o que era divino e místico. E este fato se desenvolveu num contexto onde grande parte da população mesoamericana não era “alfabetizada”, pois a escola beneficiava apenas os reis, os governantes, aristocratas hereditários e sacerdotes, considerados dignos da iluminação através do conhecimento (FISCHER, 2004).

³⁰ Indeed, popular literacy was never the desire of any regime. This was because the written word was held to be power, closely guarded by a small number of initiates who belonged to the ruling élite. It was not to be shared with the lower classes. Hence, literacy was not the province of all but rather of a select few (FISCHER, 2004, p.127).

³¹ A Dinastia Han foi uma dinastia chinesa governada pelo clã de Liu. Seu reinado durou aproximadamente 400 anos. É considerado um período de grande importância da história da China, pois a agricultura, o artesanato e o comércio acenderam e a população chegou a milhões (FISCHER, 2004).

Destarte, a escrita dos mesoamericanos antigos estabelecia uma diferenciação entre o discurso do nobre e o discurso comum. O discurso nobre era considerado elevado, merecedor e verdadeiro o bastante para ser esculpido em pedra, tinta e códice. O discurso nobre representava a “verdade”, e o discurso comum/plebeu representava a “mentira”. Nenhum plebeu era considerado qualificado para ler, escrever, guardar e compartilhar os documentos e textos que compreendiam atividades governamentais e religiosas. O controle do conhecimento servia essencialmente para manter os sistemas de governo não igualitários. Por vezes, a nobreza que detinha a “verdade” distorcia o seu discurso para manter o controle do conhecimento, e em função disso, poucos tinham autorização para ler e escrever.

A leitura mesoamericana antiga não fazia distinção entre o que era mito, história e propaganda, ou seja, todos os três gêneros eram vislumbrados como um e serviam para salvaguardar a realeza. Para exemplificar, um governante de Palenque afirmou “[...]que ele era descendente de uma mulher que deu à luz com mais de 700 anos de idade e ele assumiu o cargo com mais de 800 anos” (FISCHER, 2004, p. 128). Nesse sentido, o conhecimento, neste momento, é posto na esfera do que é divino, puro, e como tal, possui uma condição para sua transmissão: apenas o sujeito que era considerado nobre (pessoas com altos cargos políticos, como a realeza) seria qualificado e digno de recebê-lo, seria capaz de interpretar e transmitir a mensagem essencial aos plebeus/pobres, aos não dignos dessa virtualidade.

Fica aqui evidente que o exemplo que citamos acima nos remete às situações distorcidas e falsas que estamos vivendo na contemporaneidade, e que nos são contadas como verdadeiras. O que nos confirma, historicamente, que mentir fazia parte do jogo de poder político. Analisando este exemplo acima, podemos inferir que a distorção da realidade foi possível devido às condições de produção³². Para Pêcheux (2009), um discurso é continuamente expressado apoiando-se nas condições de produção dadas. O discurso pode ser um ato político, por exemplo. O governante possui uma posição social relevante, vislumbrado como um homem iluminado pela sabedoria divina, onde todos os seus registros verbais e escritos eram aceitos

³² Como afirma Orlandi (2006), ter em consideração as condições de produção da leitura é lidar essencialmente com a “incompletude” do texto, ou seja, é lidar com os múltiplos sentidos imagináveis. Desse modo, os sentidos de um texto advêm de uma conjuntura discursiva, do intervalo de enunciados, intervalo este, estabelecido pelo social. Ainda em relação às condições de produção: “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre ela mesma, mas é preciso referi-la ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 2009, p.35). Ademais, devemos ter em consideração as posições-sujeito no discurso, atentando para as relações de força, sentido e antecipação. Ter em consideração as condições de produção da leitura é lidar essencialmente com a “incompletude” do texto, ou seja, é lidar com os múltiplos sentidos imagináveis. Desse modo, os sentidos de um texto advêm de uma conjuntura discursiva, do intervalo de enunciados, intervalo este, estabelecido pelo social. (ORLANDI, 2006).

como verdade. E de um modo ou de outro, o discurso encontra-se localizado no interior da *relação de forças presentes* dentre elementos adversativos num campo político dado.

O que diz, o que anuncia, promete ou denuncia, não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz (PÉCHEUX, 2009, p. 77).

Nas Américas, a escrita que prevalecia na antiga Mesoamérica era um único sistema logosilábico (ou seja, palavra-sílaba), sendo a escrita zapoteca a mais antiga, que possivelmente motivou as tradições posteriores mixteca e asteca. Aproximadamente nos anos 600 a. C., com a ascensão política desta sociedade, a escrita desempenhou uma única finalidade na Mesoamérica: exteriorizar sua soberania e realeza, ostentando-as através de inscrições em pedras monumentais (FISCHER, 2004). No entanto, quem conseguia ler essas inscrições suntuosas? Apenas os escribas, pois a escrita demonstrava o privilégio real, representava o seu lugar no mundo.

Estes monumentos tinham por finalidade apregoar vitórias por meio de inscrições com o nome do rival derrotado e/ou sacrificado; desenhos e imagens dos prisioneiros torturados e sacrificados; história e data de nascimento, data de casamentos e mortes apenas da realeza, isto é, tudo que era entendido como socialmente superior. E, na medida que a escrita foi se popularizando entre os povos analfabetos, os monumentos foram sendo lidos e concomitantemente temidos (FISCHER, 2004).

Entre 150 a.C. e 450 d.C. na antiga civilização olmeca, as inscrições encontradas no estado mexicano de Veracruz revelou que as inscrições monumentais conservavam uma tradição herdada da realeza e divulgada por meio da autopromoção, perpetuando a supremacia real e o domínio sobre os povos não alfabetizados (FISCHER, 2004).

Por outro lado, as inscrições zapoteca, maia, asteca e mixteca clássicas geralmente privilegiavam a promoção de pessoas da esfera pública, como um modo de legitimar a autoridade, por exemplo, de um governante. A escrita era comumente utilizada como uma ferramenta propagandística dos governantes, e a alfabetização continuava sendo restrita aos aristocratas hereditários. Aqui também nos deparamos com a alfabetização que se valia como demarcação entre as classes dominantes e os plebeus (FISCHER, 2004).

Para o autor, apesar da presença de diversos sistemas de escrita e de textos desenvolvidos no Oriente e no Ocidente, a história nos mostra o quanto as práticas de leitura e escrita foram cerceadas desde os tempos antigos, usadas como forma de dominação e de

manipulação da população mais pobre, como forma de sustentar a supremacia da classe dominante (que sabiam ler e escrever) sobre a classe pobre (que não era alfabetizada):

De fato, a alfabetização popular nunca foi o desejo de qualquer regime. Isso ocorreu porque a palavra escrita era vista como um poder, para ser guardada apenas para um pequeno número de iniciados que pertenciam à elite dominante. Não era para ser compartilhado com as classes mais baixas. Portanto, a alfabetização não era para o conhecimento de todos, mas de alguns poucos selecionados (FISCHER, 2004, p. 127, tradução nossa)³³.

Ressaltamos aqui as contribuições de Darnton (2010) para a leitura, em seus estudos sobre “A questão dos livros passado, presente e futuro”. Em seu ensaio, o autor apresenta quatro transformações relevantes na história da leitura. A primeira transformação aconteceu aproximadamente 4.000 a.C., quando os humanos desenvolveram a escrita, inicialmente com os hieróglifos egípcios, e posteriormente com o desenvolvimento da escrita alfabética por volta de 1000 a. C., o que levou a uma mudança significativa na relação humana com a memória do passado e um despontar para a segunda transformação, o nascimento do livro, indicado como acontecimento histórico (DARNTON, 2010).

A história do livro é marcada pela sobreposição do códice ao pergaminho. O século III se destaca pela metamorfose do *savoir-faire* da leitura, pois o códice permite ao leitor uma unidade de percepção ao virar as páginas e ao folheá-las, o que difere dos rolos de papiro, onde o leitor tem que desenrolá-los. Além disso, permitiu outros auxílios na leitura do texto, tais como palavras separadas por espaços, parágrafos, capítulos, sumários e índices (DARNTON, 2010).

Por volta do século XV, surge a terceira transformação, a invenção da prensa com tipos móveis. Embora, os chineses tivessem desenvolvido a xilogravura (blocos de madeira com relevos) no século XI, e por sua vez, os coreanos já fazerem uso de caracteres metálicos no século XIII, a invenção de Gutenberg ampliou o alcance dos livros e o número do público leitor, o que gerou avanços na alfabetização da população, na educação e na acessibilidade da palavra impressa (DARNTON, 2010).

Após a invenção de Gutenberg, no século XV, a Europa aumentou a produção exponencialmente de livros e textos de baixo custo, gerando maior alfabetização, progresso social e grandes retornos financeiros, porque percebiam o grande potencial para o

³³ Indeed, popular literacy was never the desire of any regime. This was because the written word was held to be power, closely guarded by a small number of initiates who belonged to the ruling élite. It was not to be shared with the lower classes. Hence, literacy was not the province of all but rather of a select few (FISCHER, 2004, p. 127).

enriquecimento e avanços para a sociedade. Contudo, foi sob muitas resistências e objeções que ocorreram a prática liberal da leitura (FISCHER, 2004). Isso levou o escritor francês Voltaire em seu ensaio satírico “De l’horrible danger de la lecture”³⁴, a ironizar o quanto de fato a “leitura do livro é perigosa”:

Essa facilidade de comunicação com os pensamentos obviamente tende a dissipar a ignorância, que é o guardião e a salvaguarda de estados bem policiados. [...] Por fim, teríamos livros de história livres das maravilhas que asseguram a nação em uma feliz estupidez. Nós teríamos nestes livros a história de fazer justiça as boas e más ações e de recomendar a equidade e o amor pela pátria, o que é claramente contrário aos direitos de nosso lugar. [...] E para evitar qualquer pensamento de ser contrabandeado para a sagrada cidade imperial, cometeremos especialmente o primeiro médico de Sua Alteza, nascido em um pântano do oeste do norte; qual médico, já tendo matado quatro pessoas da família otomana, interessou-se mais do que ninguém a impedir qualquer introdução de conhecimento no país; dê a ele o poder, por estes apresentados, de apreender qualquer idéia que se apresente por escrito ou na boca nos portões da cidade, e nos traga, diz a idéia pés e punhos ligados, a serem infligidos a nós por tal punição que vai nos agradar (VOLTAIRE, 1765, p. 159, tradução nossa)³⁵

Voltaire (1765) diagnostica que o acesso liberal à leitura e às histórias livres (livres da interpretação que desinforma e histórias inverídicas), para toda população, é capaz de dissipar a ignorância, defender e requerer a equidade, o amor à nação, ao seu povo, e capaz de evitar um conhecimento enganoso ou falso. Entretanto, Fischer (2004) nos alerta que o leitor contemporâneo precisa estar atento não somente para a acessibilidade da leitura, mas frente à riqueza de informações e desinformações, o que exige de todos os leitores um exercício constante de escolhas racionais, de análise e de compreensão dos textos lidos, especialmente midiáticos. E sublinha que o leitor inexperiente com este universo digital, ou meramente sobrecarregados com o excesso informacional digital, levará à desatenção, pelos “ruídos informacionais”³⁶.

³⁴ Tradução nossa “O horrível perigo da leitura” (1765).

³⁵ Cette facilité de communication avec ses pensées tend évidemment à dissiper l’ignorance, qui est la gardienne et la sauvegarde des États bien policés. [...] Il est arrivé à la fin que nous aurions des livres d’histoire dégagés du merveilleux qui entretient la nation dans une heureuse stupidité. On aurait dans ces livres l’histoire de rendre justice aux bonnes et aux mauvaises actions, et de recommander l’équité et l’amour de la patrie, ce qui est visiblement contraire aux droits de notre place. [...] Et pour empêcher qu’aucune pensée en contrebande dans la sacrée ville impériale, commettons spécialement le premier médecin de Sa Hautesse, né dans un marais de l’Occident septentrional; lequel médecin, ayant déjà tué quatre personnes augustes de la famille ottomane, intéressé plus que personne à prévenir toute introduction de connaissances dans le pays; lui donnons pouvoir, par ces présentés, de faire saisir toute idée qui se présente par écrit ou de bouche aux portes de la ville, et nous amener dit l’idée pieds et poings liés, pour lui être infligé par nous tel châtiment qu’il nous plaira (VOLTAIRE, 1765, , p. 159).

³⁶ Ruído Informacional diz respeito à desinformação, ou à ausência de informação.

E por fim, a quarta transformação na história da leitura descrita por Darnton (2010) é a comunicação eletrônica entre redes de computadores. Essa transformação iniciou-se recentemente no século XX, e o que nos é pertinente nela é que podemos perceber uma aceleração na velocidade das mudanças, não só dos dispositivos eletrônicos, mas também das práticas de comunicação que vem acontecendo e que estão por vir no futuro.

Fischer (2004) nos recorda que, no passado, a comunicação era lenta e limitada, mas na atualidade sua principal característica é a velocidade imediata com a qual as informações são processadas, transmitidas e multiplicadas. Tudo isso através de um “clique ou toque na tela”. A multiplicação, diversificação, proliferação e agilidade do conteúdo escrito caracterizam um novo fenômeno, a pandemia de informações.

O computador se tornou rapidamente a extensão de nossas ideias, onde podemos acessar a internet em casa, na escola ou em qualquer espaço, lendo e escrevendo ao mesmo tempo. Todos aqueles que possuem seus gadgets desfrutam da palavra escrita, como faziam anteriormente em livrarias, bibliotecas e igrejas. Estamos sobrecarregados de informação. “O mundo inteiro é nossa livraria³⁷” (FISCHER, 2004, p. 308, tradução nossa). Por outro lado, a leitura individual indubitavelmente nos convoca constantemente à seleção, análise e compreensão. Na atualidade, isso tem se tornado um desafio. E aqui reside a mais moderna civilização e seu desafio urgente. Como nos adverte o historiador francês Henri-Jean Martin:

Devemos ser ensinados a administrar essa abundância de informações e esse dom da liberdade, ou seja, devemos estar mais bem preparados e ensinar que o fim da sociedade humana é o ser humano. Não no sentido material, como sujeito de economia e história, mas como um ser moral e espiritual; como uma força ativa e, em última análise, o mestre de história humana (MARTIN, 1995, p. 506, tradução nossa)³⁸

Ainda para o mesmo autor, todos os cidadãos devem ter acesso à educação e à cultura, preocupados não somente em obter ferramentas e conhecimento tecnológico, e assim conseguir entrar no mercado de trabalho, mas principalmente para estarem sempre prontos para defender sua própria liberdade. Todos os cidadãos da sociedade moderna necessitarão desenvolver uma capacidade crítica e julgamentos independentes, que lhes permitam atentar para o

³⁷ The entire world is our bookstore (FISCHER, 2004, p. 308).

³⁸ We have to be taught to manage this abundance of information and this gift of freedom—that is, we must be better prepared and taught that the end of human society is the human person. Not in the material sense, as the subject of economics and history, but as a moral and spiritual being; as an active force, and, in the last analysis, the master of human history (MARTIN, 1995, p. 506).

funcionamento da publicidade e da propaganda. Deste modo, serão capazes de compreender a realidade do mundo e dos problemas fora de suas bolhas sociais (MARTIN, 1995).

Essas advertências são muito oportunas, frente aos desafios que enfrentamos com as Fake News principalmente no campo da educação, que nos ensina desde cedo a ler e a escrever, pois o que está em jogo é a nossa liberdade de escolha.

2.2 O que é a leitura?

Segundo a sociologia das práticas culturais, a leitura são modos de compreender a sociedade, obtidos através de legados, praticados em seus grupos sociais. Diante disso, o ato de ler e a recepção sobressaem sobre o suporte em que se lê, por isso “[...] na escola, não é a leitura que se adquire, mas são maneiras de ler que aí se revelam” (CHARTIER, 2011, p. 37). Desse modo, a prática de leitura pode ser melhor entendida quando o leitor, no ato de ler, estimula seus aprendizados culturais prévios.

Chartier (2011) reforça a relevância de não neutralizarmos o estatuto da leitura no texto e no suporte, dos quais o leitor se apropria. Considerar o estatuto da leitura significa entender a leitura como uma prática produtiva, imaginativa e fecunda, é percebê-la como um lugar de sentidos plurais e móveis, um lugar de resistência e também de desvio na alma dos leitores. De modo que o ato de ler, individual ou coletivo, considerando os protocolos de leitura posto no suporte lido, nos levará a compreender melhor o texto lido. Como explica Chartier (2011, p. 106):

Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural. Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido.

Para Chartier (2011) todo ato de ler é comparativo e a compreensão do texto nunca se faz sozinho. Isto significa dizer que, no ato de ler, evocamos a memória da leitura de todos os livros ou textos lidos anteriormente e todas as informações culturais que adquirimos. A intertextualidade é essencial para compreendermos a leitura, pois tê-la em consideração nos leva a refletir acerca de que os sentidos de um texto passam pela sua relação com os outros textos (ORLANDI, 2006). Por isso Pêcheux (2009) diz ser raro que leiamos o desconhecido, porque na verdade nada é novo, é algo que já foi dito em algum momento da história.

Sob a perspectiva cerтеаuniana, o leitor é como um grande viajante explorador, capaz de caminhar sobre terras alheias e de desfrutar dos bens que nela encontrar. Por outro lado, a leitura é como uma peregrinação, uma prática de caráter tático, ao contrário da escrita, que se une à perspectiva das estratégias. As reflexões do autor sobre esse assunto levaram à abertura de novos estudos sobre as práticas contemporâneas da leitura, constatando a inviabilidade de um leitor passivo frente à leitura. E através da metáfora da “bricolagem”, averiguou-se que a leitura é mais como um percurso individual, com componentes identitários particulares, onde se é possível admitir a existência de diversas alternativas de apropriação do mesmo texto.

De acordo com Certeau (1998), existem duas categorias que compreendem as práticas de leitura. A primeira categoria são as “estratégias” que dizem respeito ao cálculo das relações de forças pretendidas por um sujeito que tenha algum poder (o poder estratégico de dominar os processos de produção cultural), e desta maneira, “(...) postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 1998, p. 46), tendo em vista, produzir, mapear e impor.

De outro lado, a segunda categoria é denominada “táticas”³⁹, e diz respeito ao cálculo das relações de forças, a partir de uma inteligência sagaz e criativa dos leitores como “bricolagens” viabilizadoras de pequenas vitórias ou sucessos dos mais fracos sobre os mais fortes⁴⁰, dos dominados sobre os dominadores. “Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta [...]” (CERTEAU, 1998, p. 47).

O leitor tático não tem um lugar próprio, porque tem que movimentar dentro do campo do outro (outro que é autor do texto, desse outro que detêm o sentido, o poder, as regras), mas apesar disso, não consegue paralisar o leitor, pois o mesmo dispõe ainda de mobilidade suficiente para aproveitar da oportunidade para dar golpes de inteligência (através da interpretação e da escrita).

³⁹ Certeau identificou dois modos de ler: uma perspectiva diz respeito à estratégica, e a outra se refere à tática. Para o autor, atividades cotidianas, feitas pelo homem comum, tais como falar, ler, ir ao mercado, entre outras, diz respeito a perspectiva tática.

⁴⁰ Segundo Certeau (1998) quando cita os mais fortes, diz respeito aos poderosos, a violência, a ordem, a retórica, entre outros. E as pequenas vitórias, diz respeito à arte dos fracos golpear, em outras palavras, a capacidade de ler e escrever, de dar sentido imprevisíveis pelo autor do texto.

Neste sentido, a proposta do autor nos leva a compreender um leitor⁴¹ capaz de gerar resultados inesperados. Esses modos de fazer diversificados permitem aos leitores driblar as empresas de controle e participar do jogo em questão, manifestando-se no consumo como espaço de produção de sentidos. Passo importante na história das práticas de leitura, ao entender o leitor como um sujeito agente participativo no consumo da “cultura de massa”, e não mais como um leitor passivo (CERTEAU, 1998).

De fato, a prática do leitor se apresenta em constante mobilidade através das páginas, sendo elas em tela ou papel. Essa transformação textual passa inevitavelmente pelo olhar do leitor, com significados imprevisíveis e expectativas de sentido suscitados por determinadas palavras, convergência de espaços escritos e movimentação fugaz. Um leitor caçador. Um leitor capaz de entender metáforas, de fazer combinações e dotado de perspicácia. E por causa desse espaço favorável à articulação destas ações, o autor afirma que o texto é um lugar “habitável”, e o compara como um apartamento alugado. O locatário/leitor reside neste espaço, mesmo que por um tempo curto, juntamente com mobília/os elementos de certo texto, e sua memória, manuseando-a de acordo com seus interesses e prazeres. Nesta metáfora, os donos/os autores do texto deste imóvel muitas vezes não conseguem ver a criatividade por trás desses manuseios de leitura, tampouco ter controle das ações destes locatários (CERTEAU, 1998).

Pereira e Arti (2010) corroboram com a pertinência das proposições de Certeau sobre as categorias táticas e estratégias, onde o sujeito leitor não é um agente passivo, mas traz algumas ressalvas quanto as suas limitações e às restrições de caráter binário com as quais esses modelos vêm sendo interpretados no estudo das práticas cotidianas ou mercadológicas. “Isto porque, em alguns casos, as maneiras pelas quais os sujeitos se apropriam dos produtos culturais implicam em uma certa dimensão estratégica, ou seja, na ocupação de um lugar que eles tomam para si” (ARTI; PEREIRA, 2010, p. 199). Essa percepção é importantíssima para que compreendamos a complexidade das Fake News e a importância de uma educação midiática, que exige na atualidade refinamento e habilidades, quanto ao que está sendo lido.

Jean Hébrard (2005) considera que as táticas de leitura e as estratégias de escritura podem estar ligadas intrinsecamente. As práticas de leitura propostas por Certeau têm contribuído para compreender melhor os leitores mais hábeis e mais informados, para além dos leitores iniciantes. Desse modo, o leitor que “caça em terras alheias”, referido por Certeau, se trata do leitor hábil ou “forte”, e não do “homem comum” ou “fraco”. Essas atualizações ou releituras nos levam a ampliar o conceito de leitura e de leitor, e de compreensão das mutações

⁴¹ Certeau, entende que o leitor tático possui uma capacidade de re-apropriar-se dos produtos culturais ou de re-apropriar-se do texto do outro.

que continuamente estão ocorrendo nas práticas de leitura, o que nos sinaliza para um movimento contínuo nesse sentido.

Hébrard (2005) nos convida a questionar a percepção binária sobre o que consideramos bons ou maus leitores, atrelada a uma distinção social e uma oposição cultural, e que vem se perpetuando ao longo da história e acarretando entendimentos reducionistas e rotuladores:

Certamente que a estigmatização de "maus leitores" tem sido frequentemente usada para reconstruir as fronteiras que se tornaram permeáveis: os clérigos a usaram para desqualificar as formas de leitura dos leigos, os discretos do vulgo, os homens honestos das mulheres ou burgueses, os burgueses dos trabalhadores ou camponeses, os detentores de capital cultural dos autodidatas (HÉBRARD, 2005, p. 28, tradução nossa)⁴².

Para o autor, em todos os grupos sociais existem “novos leitores” em potencial (em substituição a antinomia anterior entre bons leitores e maus leitores) e que

[...] as sociabilidades da leitura – e, portanto, as trocas verbais – foram e são os principais canais pelos quais os significados dos textos são compartilhados e, com base nesse acordo mínimo, são possíveis desvios, heterodoxias, cismas⁴³ (HÉBRARD, 2005, p. 28, tradução nossa).

Para Ribeiro (2008) isso mostra que não existe um único modelo de leitor, mas leitores, pois o modo de se ler é aprendido, através dos tempos, no contato com as diferentes culturas e na convergência de práticas por meio de técnicas, materiais, métodos e dispositivos de seu tempo. Jean-François Gilmont, em “A história da leitura no mundo Ocidental” (1999), já tratava sobre essas leituras plurais, ora silenciosa, ora em voz alta, ora individual, ora coletiva, e afirma que a informação se multiplica e circula por vários canais. Canais que abarcam “significações plurais” e “móveis”, inscritas nas redes sociais.

Retomando Chartier (2011), ele nos leva a compreender que a palavra “leitura” e suas práticas devem constantemente admitir atualizações. Dado que a pluralidade da palavra “leitura” levará a rupturas benéficas em relação às concepções equivocadas, como as tradicionalistas, generalistas, monolíticas e homogêneas, que frequentemente empregam o processo de leitura, entendendo-a como automática e inteligível.

⁴² Certes, la stigmatisation des « mauvais lecteurs » a fréquemment été utilisée pour rebâtir les frontières devenues perméables : les clercs s’en sont servi pour disqualifier les manières de lire des laïcs, les discretos celles du vulgo, les honnêtes hommes celles des femmes ou des bourgeois, les bourgeois celles des ouvriers ou des paysans, les détenteurs de capital culturel celles des autodidactes (HÉBRARD, 2005, p. 28).

⁴³ Que les écrivains en témoignent ou pas, les sociabilités de la lecture – donc les échanges verbaux – ont été et sont les principales voies par lesquelles se partagent les significations des textes et, sur la base de cet accord minimal seulement, deviennent possibles les écarts, les hétérodoxies, les schismes (HÉBRARD, 2005, p. 28).

Para Chartier e Cavallo (2001) existem disposições específicas para reconhecer e diferenciar os modos de ler. Um deles seria as habilidades de leitura, que diz respeito ao profundo distanciamento do entendimento sobre o que está escrito. Para os autores, aqueles que sabem ler texto não o leem do mesmo modo, isso pode variar de acordo com a época em que se lê, a comunidade na qual o leitor vive, a cultura, as tradições da leitura, o próprio modo de ler do leitor que lhe é particular, e se o leitor é mais instruído ou menos instruído. E existem outras diferenças entre regras e convenções de leitura, ditadas pela cultura, onde estabelecem os usos legítimos do que se deve ler, modos de ler, e instrumentos e procedimentos de interpretação. E por último, diferenças entre expectativas e relevância para aquela comunidade ou tipo de leitor.

2.3 Práticas de leitura na Cultura Digital

Hébrard (2005) e Craidy (2001) asseveram que, mais complexo que identificar, decifrar palavras e decodificar unidades lexicais, é o processo de entendimento do texto. Ou seja, para entender um texto pressupõe-se que o leitor tenha familiaridade com a comunidade cultural ou intelectual que teve acesso um dia e/ou ainda faz uso, o que assegura ao leitor a sua capacidade interpretativa, devido às suas diversas práticas sociais e cultura escrita. Ademais, para se ler um texto, na sua complexidade, implica-se que o leitor tenha uma cultura que se equipare a essa complexidade, o que o torna ainda mais intrincado se levarmos em conta toda uma cultura escrita que existe no planeta. Isso seria utópico e intratável, o que conclui que o que vem acontecendo é uma ampliação do “processo de fragmentação coletiva da cultura escrita” (CRAIDY, 2001, p. 159).

Arti e Pereira (2010) sugerem considerar a leitura contemporânea não como um consumo cultural, mas como uma prática social. Nesse sentido, a leitura se mantém como um lugar de apreensão de conhecimento e autognose para o leitor. Com o texto, o leitor é capaz de realizar “bricolagens” e vagar por terras alheias, sem deixar de evidenciar sua própria prática de legitimar e de avaliar os textos lidos. As práticas de leitura podem ser geradoras de transformação do leitor e do texto lido, no que diz respeito ao seu conteúdo e aos protocolos que orientam os modos de ler.

Sublinhamos que, em um sistema de mídias constituído por várias tecnologias, dentre eles livros, TV, computadores e celulares e seus aplicativos, pensar o letramento digital significa identificar atribuições ao letramento.

Como forma de esclarecimento, pela falta de consenso da noção e da expressão *literacy*, aparece o neologismo Letramento. Sublinha-se que são múltiplos os significados da palavra de

origem inglesa, que diz respeito ao “processo de estar exposto aos usos sociais da escrita, sem no entanto, saber ler nem escrever” (TFOUNI, 2010, p. 10).

Com o aparecimento do ciberespaço ampliou-se ainda mais a sua conceituação, abrangência e a sua natureza polêmica e complexa (RIOS, 2018), tais como Letramentos Múltiplos e Multiletramentos, e Letramento Digital (Brasil). E este último referenciado com múltiplas expressões, como Alfabetización Mediática, Informacional ou Digital (Espanhol), Digital Literacy (inglês), Literacia Mediática (Português de Portugal). Outras nuances: Letramento ou Alfabetização Tecnológica, Letramento ou Alfabetização em TIC e Letramento ou Alfabetização Computacional, dentre outros. Há ainda terminologias variadas, que serão utilizadas a depender do campo teórico ou saber que está apoiado.

E nesse cenário polissêmico de sentido sobre a noção de práticas de leitura e escrita no espaço virtual no campo educacional, independente do termo, sendo ele Letramento Digital, termo em uso corrente no Brasil, ou Alfabetização da Informação, termo de uso espanhol e pela Unesco (2010), alguns autores nos ajudam a compreender sua amplitude com o uso da TDIC no espaço midiático. Letramento Digital, segundo Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 9), compreendem que “[...] é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”.

Coscarelli e Ribeiro (2005) evidenciam a relação entre as práticas de leitura e escrita ao Letramento Digital, como forma de expandir as possibilidades de contato com a escrita através do ciberespaço, tanto para ler quanto para escrever. Os autores esclarecem que essas práticas de leitura se diferem no ato de ler e navegar na internet, por isso saber navegar nos ambientes digitais é uma habilidade imprescindível para uma busca de informações mais apurada, profunda e efetiva, onde o leitor consiga desenvolver uma consciência crítica, ao mesmo tempo em que é capaz de perceber consonâncias e divergências pela leitura de múltiplos textos. Compreende-se que o desenvolvimento de um conjunto de habilidades de letramento digital no espaço virtual se faz necessário atualmente (COSCARELLI, 2017).

Frade e Glória (2015) evidenciam que o uso da Tecnologia digital como suporte multimodal de texto e de inscrição da escrita durante o processo de alfabetização dentro ou fora do espaço escolar, criam diferentes e novos *letramentos* e implicações sociais e culturais na vida do aluno.

As práticas sociais de escrita e de leitura são usadas para diversos modos de interação comunicacional. E no ciberespaço, a escrita e a leitura deixaram de ser sobretudo um aprendizado que acontece apenas no ambiente escolar e para a formalidade, e surge novos modos de publicação e circulação (ROJO, 2012). A autora usa a noção de Multiletramentos

para descrever [...] a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p. 13). Destacando que, para ler no espaço virtual, é necessário entender o que se lê. O leitor deve relacionar o seu conhecimento de mundo com o texto/os discursos, comparar informações, dialogar e criticar, ou seja, os Multiletramentos dizem respeito à habilidades, conhecimentos e competências necessárias para se interpretar a mídia.

Para a American Library Association – ALA⁴⁴ (2015), o termo Letramento em informação ou Literacy, no campo teórico informacional, baseia-se no conceito de Metaliteracia, que diz respeito a um aprendizado informacional mais abrangente, tais como habilidades integradas, comportamentos, engajamentos afetivos, cognitivos e o ecossistema de informação, como produção e uso da informação, procurando convergir com outros aspectos sociais e educacionais, como autorreflexão crítica da informação, dinamismo, flexibilidade e aprendizagem em comunidade, de modo ético.

Diante disso, percebemos que o Letramento Digital é um conceito transdisciplinar e que, devido à sua transversalidade, o conceito toca dois campos: educação e mídia. O percurso histórico da mídia-educação nos mostra que a Unesco, em 1980, teve um papel crucial no desenvolvimento desses campos, a partir da criação de orientações e diretrizes sobre as práticas da mídia-educação, reconhecidas mundialmente. E dentre os principais documentos sistematizados temos a Declaração de Grunwald, assinada por representantes de dezenove países europeus, durante o evento International Symposium on Media Education, na Alemanha; e a Convenção Internacional dos Direitos das Crianças (1989), estabelecendo como fundamental a formação dos jovens e das crianças no campo da mídia-educação, para lhes assegurar o direito de se tornarem cidadãos críticos aos conteúdos difundidos pela mídia (DUARTE et al., 2019). Dentre vários autores, destacamos Jesús Martin-Barbero (2004) e Braga (2006), que ajudaram no fortalecimento e diálogo entre esses dois campos teóricos, especialmente no Brasil, mostrando a relevância de uma educação voltada para as mídias. Essas aproximações entre os dois campos, educação e mídia, são determinantes para que consigamos compreender o fenômeno das Fake News frente à sua complexidade. A convergência entre os dois saberes tem propiciado o melhor entendimento sobre a desinformação e formas de seu enfrentamento, e concomitantemente, propiciado benefícios a favor de outros campos, como o da saúde e da ciência (SOUZA, 2020).

⁴⁴ Maior e mais antiga associação, (desde 1876) de referência internacional, que promove e oferece serviços de biblioteca, educação, acesso e informação de qualidade para todos.

Com o desenvolvimento tecnológico e digital, a sociedade entrou num contexto da Cultura digital (SANTAELLA, 2003), que tem como característica primordial a convergência das mídias, mas ela também possibilita a interatividade dos usuários, consumo, produção de conteúdo e compartilhamento de dados. Isto significa que a convergência das mídias permite que o usuário possa produzir, reproduzir, modificar, integrar e distorcer um texto, um diálogo, uma história, uma imagem, por meio da internet. O ambiente midiático modifica nossa percepção sobre o campo da leitura e na formação dos leitores (CUNHA, 2015).

A noção de Cultura da Convergência Midiática de Henry Jenkins (2009) assinala o atual processo cultural de construção da informação. De acordo com o autor, a cultura da convergência é a intersecção das antigas comunicações com as mídias atuais, descrevendo como um recente modo de comunicação tem levado a construir e atribuir um novo sentido aos conteúdos. O modelo da convergência sugere que as atuais mídias e as antigas irão interagir de modo cada vez mais intenso. E como convergir não implica em unir, o autor acredita que surgirão vários processos de conflito entre forças. Ele destaca que o novo pensamento convergente vem modificando o modo de produzir e funcionar as mídias, a política, a educação, entre outros âmbitos, e nos alerta quanto a uma visão limitada da parte dos usuários, e pouco crítica sobre as relações de poder que governam o ciberespaço.

Em razão disso, Jenkins (2009) nos leva a compreender que a convergência das mídias vai além da integração de diversos dispositivos em um único aparelho, ou seja, vai além dos avanços dos aparatos tecnológicos, sua importância e benefícios para a sociedade. A convergência tem modificado o modo como os sujeitos se inter-relacionam, consomem e raciocinam a informação. Logo, é imperativo que se ensine aos alunos outras dimensões de trato com as mídias, como as dimensões ética, estética e política, o que ainda pode estar acontecendo a passos muito lentos e de modos superficiais.

Lemos e Cunha (2003) afirmam que no espaço virtual, o clique generalizado potencializa a impulsividade da ação, o imediatismo, o aprendizado simultâneo e o complexo, a colaboração ativa nas diversas redes sociais e a viralização de conteúdos/publicações das Fake News.

A esse respeito, Rojo (2012) considera que a escola deve modificar seu modo de tratar os letramentos, pois vivemos em mundo onde os textos estão progressivamente mais multissemióticos, o que exige dos estudantes o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita permeadas pela tecnologia digital, imagens, sons, gráficos, publicidade e linguagens próprias dessas ambiências.

As práticas de leitura na internet, segundo Sodré (2012), apresentam outras características particulares, como o estímulo à auto publicação. O até então chamado de “leitor comum” (na visão conservadora, aquele que não é escritor) se vê na possibilidade de criar histórias “multissequenciais”, onde o leitor pode navegar. Outra característica da comunicação virtual é a inversão pedagógica, onde são jovens que ensinam para os adultos as múltiplas formas de leitura e escrita no ciberespaço.

Esses novos artefatos de algum modo ampliam a gestualidade do indivíduo no ato de ler. É forçoso acentuar que apenas ‘ampliam’, uma vez que, além de produção do sentido por parte do autor e do leitor, portanto, além da dimensão semântica [...] implica uma concreta atuação subjetiva, ou seja, uma prática por parte do leitor (SODRÉ, 2012, p. 90).

De acordo com Soares (2002) é válido lembrar que as transformações que ocorreram com a materialidade do suporte, através dos diversos dispositivos eletrônicos e técnicas de inscrição, permitiram a difusão e a produção de material escrito de modo rico, rápido e abrangente. Contudo, Soares nos alerta que isso não significa dizer que temos mais leitores na contemporaneidade. De acordo com a autora, não é suficiente saber ler e escrever, para ser letrado é imperativo conseguir explicar, discutir e averiguar o que se está lendo, demonstrando capacidade de ir afora do que está escrito, e por consequência, o sujeito cresce intelectualmente, é transformado por um processo crescente, em um ser crítico. O que Soares (2002, p.155) assevera é que, “em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo – não só a palavra escrita, mas também a comunicação visual, auditiva, espacial”, gera transformações e consequências sobre o estado de quem a usa, o que justifica a importância do aumento da cultura letrada (SOARES, 2002). Ou seja, é emergencial a ampliação da escolarização devido às mudanças das necessidades sociais e culturais em torno da cultura escrita.

De acordo com Araújo (2016), os modos das práticas de leitura são diferentes na contemporaneidade, causadas não somente pela mudança no suporte, o texto, quer visualizado e manipulado, ou tocado (tecnologia Touch Screen⁴⁵) na tela de um dispositivo eletrônico. Tais práticas ampliam as possibilidades de acesso (a livros e textos dispersos no espaço virtual) e de manuseio (que podem facilmente ser pesquisados e baixados em diversos tipos de arquivo, e

⁴⁵ Tecnologia Touch Screen – tela dos dispositivos eletrônicos sensível ao toque do dedo, para aumentar. O usuário é capaz de realizar todos os comandos de determinado aparelho a partir do toque direto na tela do dispositivo, sem a necessidade de usar teclados, *mouses* ou outros *hardwares* e periféricos. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/touch-screen/>>. Acesso em: 20 out. 2019.

que podem ser compartilhados em sites, redes sociais e blogs). Ambos acesso e manuseio dependerão dos recursos tecnológicos que o próprio dispositivo oferece, ou do plano de dados móveis que o usuário possui no momento, ou que pode preferir comprar. O que demonstra, inicialmente, um envolvimento de muitos sujeitos no ato de ler, e de outros elementos citados aqui que irão também levar a mudanças nas práticas de leitura.

Outra transformação com a textualidade eletrônica diz respeito à ruptura da ordem dos discursos, pois todos os textos são lidos em um único dispositivo eletrônico, seja ele computador, tablete ou celular, ou seja, trata-se de um mesmo suporte (CHARTIER, 2002).

Cria-se então uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir de sua própria materialidade [...] gerando uma confusão nos leitores devido o desaparecimento dos critérios imediatos visíveis, que lhe permitiam, distinguir, classificar, hierarquizar os discursos (CHARTIER, 2002, p. 23).

Assim, o texto na tela digital assinala-se por mostrar textos abertos a variações coletivas pelos leitores que interagem transversalmente editando, recortando, copiando e etc. A leitura diante da tela é complexa, pois geralmente é descontínua ou interrompida bruscamente, e a busca é feita por palavras-chaves, ou fragmentos textuais, sem que se perceba a identidade e a coerência da totalidade do texto (CHARTIER, 2011). Essas novas formas de manuseio e de apropriação de um texto podem gerar uma desconfiança e instabilidade no leitor, com relação à procedência dos textos e com quais autores eles estão dialogando, ou ainda em relação à veracidade dos textos, o que nos leva a refletir as problemáticas das informações produzidas e veiculadas pelas Fake News.

Segundo Martín-Barbero (2003) as mudanças no modo da circulação do conhecimento representam uma das mais intensas transições que as sociedades experimentam. E devido à sua característica fragmentada, dispersa e não linear na rede, o saber se distancia dos lugares que controlavam sua legitimidade ou centralização desses poderes, tais como a igreja, a família, e a escola, entre outros. E devido à descentralização e desierarquização do conhecimento, por exemplo, do livro, na cultura digital, deixa de ocupar este lugar único do saber, tanto da escrita quanto da leitura. E na escola, perde-se os modelos de aprendizagem por linearidade e sequencialidade.

As novas dinâmicas e mudanças sociais se abrem à diferentes e híbridas formas de adquirir conhecimento, e à promoção do plural dos discursos e das linguagens sociais. Por outro lado, a transversalidade do saber vai muito mais além, pois ela ascende novos sujeitos da educação. Nesse sentido, Martín-Barbero (2003) acentua que a essa transversalidade da qual trata, não evidencia apenas os limites entre os saberes que se tornaram desatualizados, mas

evidencia a importância da mobilidade dos conhecimentos considerados indispensáveis numa sociedade digital: conhecimento lógico-simbólico, conhecimento histórico e conhecimento estético.

Segundo o mesmo autor, o conhecimento-simbólico diz respeito à habilidade de construir uma mentalidade de acordo com o mundo do conhecimento e suas tecnologias informáticas. Esse é um conhecimento fácil de ser manipulado, porque parte de seu conhecimento experienciado no passado, para compreender seu presente e futuro. São conhecimentos que se encontram nos saberes hegemônicos e na supervalorização do presente. “Não estamos apenas passando por uma redução dos horizontes futuros, mas também por uma perigosa perda de memória” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 30). E sem memória, ficamos vulneráveis à especularização, aos rumores, à desinformação e ao consumo.

Para Martín-Barbero, os conhecimentos históricos, seriam aqueles que levariam os sujeitos a questionar ou investigar a consciência histórica. “Precisamos construir uma história que, partindo de alguns fatos-chave do próximo presente, nos permita situá-los na escala mais ampla de muito tempo, para colocar o nosso hoje em perspectiva” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 31), sem naturalizar o óbvio, o que evitaria preconceitos ou os determinismos de nossa história.

E por último, o conhecimento estético, que diz respeito ao sentir, perceber ou à sensibilidade. Ele provoca transformações profundas do saber, que abrangem um conhecimento intertextual polissêmico e polifônico, e que perduram ao longo da vida.

Tendo apresentado algumas noções sobre a leitura, passemos a refletir sobre os processos de leitura na particularidade dos ciberespaços expostos às Fake News. Já que, para nós, a Fake News é um efeito de sentido oriundo de um processo de ler. Nosso esforço condensa apontamentos iniciais, esperando responder algumas inquietações sobre o tema, sem a pretensão de esgotar aqui nossas análises, ou ainda, de abarcar toda a sua complexidade.

2.4 Leitura de mundo e leitura da palavra na era das Fake News

Considerando os efeitos e as consequências das desinformações geradas pelas Fake News em rede, as noções freireanas (1967; 1985) de leitura de mundo, educação e conscientização, se tornam fulcrais para nossa pesquisa. Ler criticamente, ou valer-se da educação comunicativa (1983), distingue-se pela intencionalidade, afirmando e fundamentando que alfabetizar é conscientizar, enquanto capacidade de admirar, objetivar, desmistificar e

criticar a realidade envolvente do mundo no qual o homem, ao descobrir-se seu construtor, descobre-se sujeito da cultura, e como tal, pode se afirmar como sujeito livre contra qualquer regime de dominação que visa à massificação, numa luta pela transformação, pela conquista e efetivação da sua liberdade alcançada pela práxis.

E o que é a práxis? Nas próprias palavras de Freire (2018, p.52) “[...] é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Em nosso caso, reflexão sobre as informações geradas pelas Fake News, para produzir saber. Segundo Moraes (2015, p. 3) “[...] na alienação, não há o reconhecimento de si, do outro, do processo do trabalho e nem do produto, e nessa condição, os sujeitos se tornam mais uma extensão da máquina produtiva da sociedade capitalista”.

Saber por saber! A verdade pela verdade! Isso é desumano. E se dissermos que a filosofia teórica é direcionada à prática, a verdade ao bem, a ciência à moralidade, direi: E o bem, para que? Acaso, é um fim em si mesmo? Kant nos disse: Bem? E para que? Você tem que encontrar um porquê (UNAMUNO, 1988, p. 10)⁴⁶.

Nesse sentido, Freire, em seu livro “A importância do ato de ler” (1985), considera que para se ler um “texto”, as “palavras” e as “letras” são imprescindíveis a uma compreensão crítica do texto, uma “leitura” do mundo, que ultrapasse a decodificação, onde não aconteça rupturas, mas um continuum, uma extensão da “leitura” do mundo, que provoque no leitor uma “[...] percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1985, p.9), uma compreensão do universo na qual ele, o leitor vive, desde o seu particular, e ampliando-a para uma percepção pública e macro.

Segundo Freire, a ato de ler deve ser vivo, dinâmico, continuamente fomentando a curiosidade do leitor. Ele destaca os educadores como mediadores e incentivadores cruciais para que isso ocorra. Como bem nos lembra Rubem Alves⁴⁷ “A verdadeira cozinheira é aquela que sabe a arte de produzir fome [...] A tarefa do professor é a mesma da cozinheira: antes de dar faca e queijo ao aluno, provocar a fome”.

Entretanto, a leitura de um “texto” ou de uma “palavra” deve se distanciar de uma compreensão mecânica de sentenças, descritiva e rígida, bem como, para se conhecer o objeto

⁴⁶ Do original: “¡Saber por saber! ¡La verdad por la verdad! Eso es inhumano. [...] Y si decimos que la filosofía teórica se endereza a la práctica, la verdad al bien, la ciencia a la moral, diré: y el bien ¿para qué? ¿ Es acaso un fin en sí? [...] nos dice Kant. Bien ¿y para qué? Hay que buscar un para qué” (UNAMUNO, 1988, p.10).

⁴⁷ Poema de Rubem Alves. Disponível em:

<http://www6.ensp.fiocruz.br/visa/files/Texto_Rubens%20Alves_A%20arte%20de%20produzir%20fome.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2020.

que o texto fala, o leitor deve procurar entender, absorver, assimilar o seu sentido complexo, por vezes imperscrutável e constantemente questionável. Uma “leitura” mais crítica resulta em uma percepção diferente, tangível e profunda da realidade. É mais do que um saber ou um desvelar sobre o objeto. A palavra e a realidade do mundo pressupõem um homem como um ser (na acepção de existir, integrado ao sentido basilar, o da criticidade) no mundo e com o mundo, uma atitude participativa, dialógica e compreensiva sobre o seu universo existencial (FREIRE, 1985; FREIRE, 1967).

Corroborando Freire, Umberto Eco (2004) elucida, em suas discussões, o papel colaborativo do sujeito leitor no texto. Essa noção parte do pressuposto que todo texto é incompleto porque implica sempre a colaboração de um destinatário. A cooperação do leitor no texto é vista como uma condição para a atualização, para a construção do sentido. As interpretações são infinitas, pois um texto possui características complexas, devido ao interposto do não-dito:

Não-dito significa não manifestado em superfície, a nível de expressão: mas é justamente este não-dito que tem de ser atualizado a nível de atualização do conteúdo. E para este propósito um texto, de uma forma ainda decisiva do que qualquer outra mensagem, requer movimentos cooperativos, conscientes e ativos da parte do leitor (ECO, 2004, p. 36).

Então, de acordo com Eco (2004), como o texto prevê um leitor? Uma capacidade de decodificar uma mensagem, que demanda do leitor muito além da competência linguística, uma competência suscetível para conduzir as pressuposições e interpretações. “Prever o próprio leitor-modelo, de acordo com Eco, não significa somente “esperar” que este exista, mas implica que se deve mover o texto no sentido de construí-lo” (SANTOS, 2007, p. 98). Nas redes sociais, podemos ver isso acontecendo instantaneamente. Entre um diálogo e outro, conhecido como engajamento em rede. Ali, são gerados vários discursos e interpretações da parte dos destinatários. Nesse sentido, a leitura, deve ser entendida como um lugar de construção de sentidos para o sujeito. Um sujeito que compreende estes sentidos a partir de suas histórias de leitura, suas relações sociais e culturais (PÊCHEUX, 2009).

Logo, é inviável um texto sem o seu contexto (1985), e para tal, Freire evidencia a noção de integração contextual do homem (1967), pois dela resulta o homem Sujeito, que existe no tempo e no espaço determinado. O homem integrado é um Sujeito-leitor, participativo, questionador, consciente e sobretudo crítico, capaz de transcender as práticas desumanizadoras – práticas adaptativas, acomodativas e de ajustamento. Tais práticas implicam em uma leitura

de si e do mundo de modo absolutista, passiva, não reflexiva, ou baseada em uma opinião resultante do achismo, subserviente, condicionadas à supressão da liberdade. E cada vez que o homem enfrenta as práticas desumanizadoras e as responde, de modo crítico e questionador, por meio da apropriação de temas e fenômenos do tempo presente e do passado, e que reclamam por atualizações, mais o sujeito vai se humanizando, vai se tornando um leitor de seu mundo mais consciente e crítico, e por consequência livre.

Um dos grandes desafios do leitor moderno está na dominação pela “[...] força dos mitos, comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não. E, por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir” (FREIRE, 1967, p. 43). O sujeito leitor tem sido tratado como um espectador domesticado e “coisificado” em sua história, pois a classe dominante tem ditado as respostas e reflexões, e, por vezes, os caminhos que devem ser seguidos. O homem coisificado e não consciente, então se ajusta, pois liberta-se de pensar, opinar e sentir, para atender a expectativa do outro.

Apesar de seu disfarce de iniciativa e otimismo, o homem moderno está esmagado por um profundo sentimento de impotência que o faz olhar fixamente e, como que paralisado, para as catástrofes que se avizinham” (FREIRE, 1967, p. 43).

Com o crescimento da divulgação de notícias falsas ou das Fake News, publicadas como verdades, tanto pelo meio jornalístico quanto pelo mercado midiático, e viralizado com o advento das redes sociais, ler o mundo criticamente se tornou crucial. Muitas vezes, essas notícias falsas possuem um caráter apelativo e especulador, como se fossem informações reais e, geralmente, as pessoas que leem essas (des)informações não procuram averiguar o seu conteúdo ou, quando o fazem, têm dificuldades para distinguir o que é fato do que é boato (RECUERO; GRUSD, 2019; FILHO, 2018).

Freire sugere que a nossa dificuldade de leitura crítica e consciente pode estar atrelada à dificuldade em gestar temáticas e captá-las a partir de nossas funções intelectuais, que evocam nossa criticidade, capacidade questionadora e investigativa dos fatos. Ao invés disso, usufruímos das funções instintivas e emocionais, o que nos leva a um enfrentamento ou a respostas a estas questões de maneira mágica, ingênua e, por vezes, fanática (FREIRE, 1967). Isso porque o sujeito sob a funcionalidade instintiva e emocional, a partir de uma consciência ingênua, acredita ser “superior aos fatos, dominando-os de fora e, por isso, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada” (FREIRE, 1967, p. 105). Ou, por outro lado, o sujeito sob ótica de uma consciência mágica, sente-se capaz de captar os fatos, porém se submete às

explicações dominadoras: “É próprio desta consciência o fatalismo, que leva ao cruzamento dos braços, à impossibilidade de fazer algo diante do poder dos fatos, sob os quais fica vencido o homem” (FREIRE, 1967, p.106). E por último, o sujeito sob a funcionalidade de uma consciência fanática, é entendida como uma “patologia da ingenuidade” que levaria a irracionalidade, a acomodação e o ajustamento (FREIRE, 1967).

Para Freire, independentemente de o homem ser alfabetizado ou não, ele se encontra num lugar de saber sobre sua realidade, ou seja, em um modo de ler o mundo. Ele tem algo a dizer, ainda que este saber ou ler o mundo seja meramente opinativo, absolutizado ou ingênuo. Por isso, as Fake News preocupam. Essa leitura de mundo acrítica, irreflexiva e baseada na emoção e não consciente deixa o saber do homem à mercê da consciência dominadora, de um modo de ler hegemônico, o que permite que ele seja facilmente enganado. Assim, o homem “não capta o dado da realidade, o fenômeno, a situação problemática pura” (FREIRE, p.104, 1969).

Logo, Freire nos propõe que a prática de leitura deve ser ensinada e ofertada ao leitor para além da repetição, memorização mecanicista, entendimento mágico, dicotômico entre texto e contexto, ou um desvelar do mundo. A leitura, desde a alfabetização, deve ser como uma prática de conhecimento criativo e político do mundo e da palavra. Isso porque “Quanto mais conscientemente faça a sua História, tanto mais o povo perceberá, com lucidez, as dificuldades que têm a enfrentar, no domínio econômico, social e cultural, no processo permanente da sua libertação” (FREIRE, 1985, p. 24). De outro modo, corremos o risco de que a nossa visão de mundo seja uma mera reprodução da ideologia autoritária hegemônica.

Como bem nos fala Freire quando nos diz sobre a relevância do processo de significação para a compreensão crítica, consciente e libertadora do ato de ler, indicando como uma proposta pedagógica para a alfabetização, pois o modo de se ler o mundo nos leva a reescrevê-lo, a ressignificá-lo, a transformá-lo, promovendo o sujeito-leitor da transitividade ingênua à crítica. Somente assim evitaríamos a sua massificação e uma formação sloganizante, domesticadora, e nos distanciáramos de uma visão de mundo, falsa, manipulada ou uma mera reprodução da ideologia autoritária hegemônica (EAD FREIRIANA, 2020b).

Refletindo sobre o pensamento de Barbosa (1999), podemos inferir que no mundo contemporâneo, vulgar é o compartilhar, raro é o ler, e escasso é o refletir. O nosso cognitivo não consegue ler tudo que lhe é compartilhado ou acessado pelas redes sociais, o que pode nos levar à incompreensão e até ao fanatismo. Navegar com segurança exige de nós uma busca de informações de modo crítico, atento e com intuito de construir conhecimento (LEITE; MATOS, 2017; HUYGHE, 2019).

Mas, senhores, os que madrugam no ler, convém madrugarem também no pensar. Vulgar é o ler, raro o refletir. O saber não está na ciência alheia, que se absorve, mas, principalmente, nas ideias próprias, que se geram dos conhecimentos absorvidos, mediante a transmutação, por que passam, no espírito que os assimila. Um sabedor não é armário de sabedoria armazenada, mas transformador reflexivo de aquisições digeridas. Já se vê quanto vai do saber aparente ao saber real. O saber de aparência crê e ostenta saber tudo. O saber de realidade, quanto mais real, mais desconfia, assim do que vai aprendendo, como do que elabora (BARBOSA, 1999, p.32).

No próximo capítulo, apresentamos as principais noções sobre Fake News, Pós-verdade e desinformação, expressões que se tornaram triviais na contemporaneidade.

CAPÍTULO 3 FAKE NEWS NA ERA DA PÓS-VERDADE

Como já citado no capítulo dois desta dissertação, as Fake News não são um fenômeno novo, pois sempre ocorreram na história da humanidade, nações, governos ou ainda grupos que utilizavam da desinformação para manipular e desinformar a população (FISCHER, 2004). As Fake News preocupam devido ao seu poder de alcance e à sua viralidade (RECUERO; GRUZD, 2019). Nas mídias sociais, elas se tornaram substancialmente influentes e desafiadoras para as normas jornalísticas (SACRAMENTO, 2018), principalmente as tradicionais, e particularmente um desafio para a educação, no trato do seu enfrentamento (COSTA; ROMANINI, 2019).

Geralmente, essas notícias falsas têm por intuito validar um ponto de vista e/ou prejudicar uma pessoa ou um grupo (CAMPOS, 2021). Os motivos que levam à sua criação são múltiplos, contudo, por meio destas mentiras e boatos, tem havido reforço de crenças preconceituosas e ideológicas (DOWBOR, 2019; FILHO, 2018). Na seara midiática, tais notícias falsas têm ganho um espaço muito grande. Isto pode ser notado no processo eleitoral de 2014 no Brasil. Nesse sentido, o consumo de informações ou notícias, via mídias e redes sociais, podem ser comparado a uma via de mão dupla, ora elas oferecem acesso à informação fácil e instantânea e maior interatividade, ora essas mesmas virtudes favorecem o consumo e o aumento da disseminação de Fake News.

Estas notícias falsas, assim conhecidas no Brasil, são notícias de baixa qualidade, disparadas principalmente nas redes sociais com intenção de falsear as informações e causar danos. Devido ao seu impacto para a sociedade e para o indivíduo, pesquisas sobre como elas funcionam e como detectá-las possuem um caráter emergencial e fundamental para a jovem democracia brasileira (SHU *et al.*, 2017; FIGUEIRA; SANTOS, 2019). Parte dessas pesquisas destaca a pertinência dos estudos das Fake News no campo da Educação (ARRUDA, 2020; (BREAKSTONE, 2021; CORDEIRO, et al. 2021). Entre muitos debates aí postos destaca-se o papel que as universidades e as escolas podem desempenhar na educação juvenil frente ao fenômeno das notícias falsas. Para tanto, seria fundamental colocar em reflexão o lugar destas notícias falsas na vida cotidiana, cultural, política, identitária e democrática de cada ser humano. É urgente colocar em conversa tal contexto: o que é verdade neste cenário das notícias falsas? O que está ali sendo veiculado? O que está presente naquela mensagem? A que grupos ou pessoas se dirigem? Qual a fonte? Eu posso dizer sobre tal assunto desta forma? Eu sou livre para veicular, nas redes sociais, o que eu quiser? Nesse sentido, o que seria liberdade de expressão? Portanto, mais do que educar os estudantes para habilidades técnicas, o cenário atual pede um educar para as relações, para as mensagens, para o hábito de checar as informações

que circulam na web, no Google, mesmo as mais simples, para que, assim, os jovens estudantes possam aprender posturas reflexivas e até mesmo não se tornarem alvo fácil das Fake News, aprimorando suas críticas e posturas. Faz-se jus lembrar que a autenticidade não é meta na apreciação interpretativa das Fake News, senão apenas uma possível leitura (a da averiguação de falso/verdadeiro) (BRASIL, 2017).

Segundo orientações da BNCC, os educadores devem contribuir para que o jovem desenvolva habilidades de leitura e produção de textos com as TDICs, e promovam

[...] uma formação que faça frente a fenômenos como o da pós-verdade, o efeito bolha e proliferação de discursos de ódio, que possa promover uma sensibilidade para com os fatos que afetam drasticamente a vida de pessoas e prever um trato ético com o debate de ideias (BRASIL, 2017, p. 136).

Pensando nisso, para compreendermos esse fenômeno social valer-nos-emos dos autores que tratam sobre o seu espaço de funcionamento. No que nos interessa, de modo mais particular, Fake News veiculadas à COVID-19, assunto que se destacou nos anos 2020 e 2021, devido ao seu impacto mundial. Frente às problemáticas causadas pelas Fake News no contexto de pandemia da COVID-19, tratar desta temática é de extrema importância, porque ela atravessa questões que envolvem a saúde pública brasileira, a legitimidade das instituições, a relevância e a credibilidade da ciência, a salvaguarda da democracia, e sobretudo a relevância da educação para o enfrentamento da desinformação (CORDEIRO et al. 2021).

Com o crescimento da divulgação de notícias falsas, algumas expressões se tornaram comuns para se referir a elas, sobretudo nas mídias sociais, tais como, *pós-verdade*, *Fake News* e *desinformação*, o que necessita de esclarecimento, pois frequentemente esses termos têm sido citados como semelhantes (ARAÚJO, 2021). Diante disso, faz-se necessário esclarecimentos para compreendermos as Fake News em seu espaço de maior circulação, as mídias ou redes sociais.

3.1 Pós-verdade e Fake News: uma perspectiva histórica

Para pensar inicialmente as Fake News no seu espaço de funcionamento, corroboramos que a internet é um veículo de informação rápida, poderosa e, por isso, capaz de influenciar devido seu alto teor atrativo de entretenimento e informação, o qual permite que os sujeitos, em qualquer lugar do planeta, acessem notícias, lugares, boatos e fatos em questão de segundos (DELMAZO, VALENTE, 2018). E não é de hoje que percebemos inúmeras informações e

notícias falsas⁴⁸ que são publicadas como verdades⁴⁹ neste espaço midiático. E com o advento das redes sociais (CAMPOS, 2021), esse tipo de publicação espalhou-se celeremente, em outros termos, viralizou-se (RECUERO, GRUSD, 2019).

Não obstante o funcionamento contemporâneo da língua, o termo Fake News, conhecido também como notícia falsa, manipulação de fatos ou desinformação, não é recente e podemos vislumbrá-lo ao longo da história. O que mudou foi o seu uso contemporâneo, o veículo de divulgação e a ampliação de sua capacidade de persuasão. Segundo o dicionário americano Merriam-Webster, o uso da palavra fake é considerado relativamente nova (CAMPO, 2021), até o século XIX, os países de língua inglesa utilizavam o termo Fake News para denominar os boatos de grande circulação.

Notícias Falsas, nomeado de Fake News, está incluída numa noção maior, a desinformação. Existem três características relevantes que correspondem à desinformação. Primeiramente, a desinformação é uma forma de informação. Se utilizarmos o termo informação em um sentido que pressupõe verdade, do mesmo modo, podemos a utilizar em um sentido que não pressupõe a verdade, ou seja, é compreender um objeto de uma certa maneira, mas também pode ser inferir que o mesmo objeto seja outro. A segunda característica, a desinformação, é um modo de informação enganosa, que geralmente produz falsas crenças. Esse tipo de desinformação é temerário, porque ele tem a inclinação de enganar, o que coloca os sujeitos em perigo. A terceira característica, a desinformação é uma informação intencionalmente enganosa, ou seja, não é por acaso que ela acontece. Essa característica nos ajuda a diferenciar dois tipos de informação: uma mais inofensiva, e outra mais perigosa. Os tipos de informações mais inofensivas ou acidentais são aquelas que têm erros honestos e informação satírica. Assim, um erro honesto acidental, que não tem intenção de enganar, não deve ser visto como desinformação (FALLIS, 2015); Os tipos de informações perigosas são aquelas intencionalmente enganosas.

Acontecimentos mentirosos ou falsos, visíveis constantemente na mídia, não são novos. A prática da desinformação ou das Fake News, nos acompanha desde os primeiros sistemas de escrita, ou seja, historicamente, mentir faz parte do jogo de poder político e ideológico (FISCHER, 2004). Narrativas falsas e mentirosas, foram exploradas e exercidas pelas agências governamentais na época do conflito militar. Intensificado na contemporaneidade, o fenômeno

⁴⁸ Falsa: longe de toda a vasta discussão filosófica e ética sobre falsidade, nesta pesquisa artigo, falsidade define uma *notícia pública não verídica, baseada em fatos*.

⁴⁹ Verdade: longe de toda a vasta discussão filosófica, ética, moral, no que tange o conceito de verdade, polêmico em si, para esta pesquisa, a verdade é uma *notícia pública verídica, baseada em fatos*.

das Fake News, foi inserido nas redes sociais midiáticas, nas quais, seus usuários, inclusive os jovens têm tido dificuldades para discernir entre o discurso baseado em fatos, na ciência, e o discurso mercadológico, e principalmente pela depreciação generalizada à realidade dos fatos em benefício exacerbado e desordenado das emoções (SODRÉ, 2019).

Dado que o fenômeno das Fake News ganhou destaque, promovendo discussões políticas e sociais na mídia, em contrapartida, outro fenômeno tem ganhado relevância e novas atualizações: a expressão pós-verdade (FIGUEIRA; SANTOS, 2019; AMARAL; SANTOS, 2019). Efetivamente, os efeitos da desinformação catastróficos durante as eleições de 2016 nos Estados Unidos, e o crescimento exponencial de mentiras sobre a Covid-19 no Brasil, colocaram a pós-verdade, as Fake News e a desinformação nas agendas políticas e científicas, como assunto emergencial (OMS, 2020a).

Segundo Schlesinger (2017), pós-verdade é um termo que registra a transformação de uma era, e o seu destaque na contemporaneidade sinaliza uma ideia de mudança em seu modelo, bem como no domínio público. Não surpreende, portanto, que o termo tenha sido considerado a palavra internacional do ano de 2016, segundo o Oxford Dictionary⁵⁰, que a define como “circunstâncias em que fatos objetivos exercem menos influência na formação da opinião pública do que apelando para as emoções e crenças pessoais”. Seria, de fato, algo inédito na história da humanidade, até então perfeitamente racional (HUYGHE, 2019; SCHLESINGER, 2017). Trata-se de uma afeição estreita com uma crença entranhada no sistema emocional do indivíduo que não cede, aliás, se fortifica diante da confrontação de argumentos factícios. Tudo isso indica de fato uma mudança (BAPTISTA, 2019). Ressalta-se que tanto o fenômeno das Fake News, quanto o fenômeno da pós-verdade, não são sinônimos, mas eles se encontram imbricados (ARAÚJO, 2021), e por essa presente equivocidade na definição e caracterização dos termos, faz-se necessário o esclarecimento das duas perspectivas

3.1.1 Pós-verdade

Na evolução dos debates e discussões acerca da terminologia da pós-verdade, exprime-se grande dificuldade em seu adensamento analítico e elucidativo que o termo exige e merece (AMARAL; SANTOS, 2019). No entanto, autores como Lewandowsky et al. (2017) afirmam que as predisposições de alguma delas, já elucidadas acima, estão relacionadas às manifestações

⁵⁰ English Oxford Living Dictionaries (2016). Word of the Year 2016. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

do atual “mal-estar” na sociedade da pós-verdade. Segundo o autor, nós estamos lidando com uma situação em que a maioria da sociedade está vivendo, uma rejeição dos critérios tradicionais de evidência, coerência interna e averiguação de fatos. Ademais, uma sociedade que admite um discurso público baseado em uma realidade alternativa, perda a confiança nos fatos e na realidade, de tal modo que os fatos são combatidos ou são indiferentes no processo de construção do conhecimento.

De acordo com Recuero e Grusd (2019), o conceito de pós-verdade refere-se aos eventos em que a opinião pública e os comportamentos são orientados mais pelos apelos emocionais, falaciosos ou subjetivos, afirmados pelas suas convicções pessoais, do que em fatos verídicos e atestados. Ou seja, acontece quando um indivíduo valoriza mais suas crenças pessoais ao analisar um fato, do que o fato em si. O indivíduo escolhe crer naquilo que satisfaz suas convicções ao invés de guiar-se pelo senso crítico.

De acordo com Araújo (2021), o termo pós-verdade ocorre para definir um marco histórico, na qual a propagação de informações falsas ganha um impulso viral assombroso nas mídias ou redes sociais, capaz de influenciar e persuadir durante a tomada de decisões, e, geralmente, as publicações não possuem identificação, são sem autoria. A inovação desse fenômeno se encontra na aversão e indiferença das pessoas pela autenticidade das informações que recebem em suas redes, sem o cuidado de checar a procedência da notícia antes de compartilhá-las. Por vezes, as pessoas compartilham mesmo percebendo o teor falso da informação. Em suma, a inverdade converte-se em banalidade, trivialidade da vida, embora em tempo algum se tenha visto tantas maneiras de checagem e verificação. A pós-verdade, na contemporaneidade, diz respeito a uma combinação de vários fatores ou fenômenos, ocorridos anteriormente ou há décadas, e que nos últimos anos, tal inter-relação entre estes fatores levou a mudanças na forma como as pessoas constroem determinado saber sobre os fatos (ARAÚJO, 2021).

A princípio, o negacionismo científico é um desses fatores, cuja credibilidade da ciência é constantemente atacada, questionada e invalidada, no intuito de suscitar insegurança e confusão na população em geral. A inauguração desse processo data dos anos 50 nos Estados Unidos, em que “cientistas” eram patrocinados para comprovar ou refutar evidências, de acordo com os interesses econômicos de determinados grupos empresariais, tal como, a empresa de “Tabacco Industry Research Committee”, que financiou estudos para comprovar que não existia evidências conclusivas que pudessem associar o fumo a doenças cancerígenas, dado que seu objetivo era a promoção de vendas.

Sacramento (2020) se aproxima dos estudos de Beck (1992) para compreender o ceticismo científico, vislumbrado nas “sociedades de risco contemporâneas”, no tocante à ciência e ao saber. De acordo com Beck, nossas sociedades atuais são definidas por uma cientificidade reflexiva, o que significa dizer que temos sustentado um descontentamento ou desconfiança em relação à ciência, e como resultado, vivemos um processo crescente de “demonização” e inclinação de uniformização do saber científico, entre o que é ciência e o senso comum. A desconfiança também tem se dado paulatinamente pelas constantes divergências e disputas de narrativas entre a ciência e a pseudociência. Outra questão, que se fortalece, diz respeito à percepção de que os cientistas e especialistas não são mais dignos ou merecedores de confiança, porque se preocupam apenas com suas alianças com a indústria farmacêutica, em busca de retorno financeiro. Enfim, a sociedade da cultura do risco, decepcionada com a ciência, opta por confiar em fontes de conhecimento duvidoso, contraditórias, ou em alternativas e curas milagrosas.

O segundo fator se dá pelo “viés cognitivo ou de dissonância cognitiva”. O ser humano tem uma disposição a rejeitar informações que contrariam sua fé, crença ou pensamento, e por isso recorrem ao conforto psíquico, através da autoafirmação (ARAÚJO, 2021). Nesse sentido, Schlesinger (2017) nos alerta que, se for compreensível que o indivíduo acredite naquilo que ele quiser, será quase impossível alterar a sua crença, posto que a evidência divergente não alcança força de tração. E um agravamento desse processo, potencialmente mais perigoso, refere-se a indivíduos que pendem a insistir em crenças que consideram ser extensivamente compartilhadas, o que não significa que elas realmente sejam. Nesse sentido, Dunker (2017) afirma que um dos pontos centrais da pós-verdade está relacionado à lógica de reconhecimento atual. A cultura da indiferença, ou a rejeição do outro enquanto um ser sui generis, é um dos seus pilares. De modo que, quando um indivíduo se sente ofendido ou atacado, contrapõe-se com ódio ou agressividade. Percebe-se que, progressivamente, os indivíduos veem o quanto é laborioso ouvir o outro, este outro que é diferente de mim, porque possui pontos de vista ou crenças diferentes. Ao mesmo tempo esse indivíduo percebe o quanto é árduo refletir, mudar de ideia e fazer convergir as diferenças, então, invertem-se as práticas de tolerância para práticas de segregação e violência identitária.

O terceiro fator trata do fenômeno da desintermediação da informação (ARAÚJO, 2021). Para Lewandowsky et al. (2017), no período em que a comunicação de massas predominava, geralmente as notícias deveriam seguir um conjunto de regras e códigos, que foram estabelecidos por um grupo social, os jornalistas. Com o advento da internet, da cultura digital e das mídias sociais, emergiram outros modos mais contemporâneos de “publicar,

compartilhar e consumir informação”, mas na maioria, modos não regulados por padrões editoriais. Dessa maneira, superabundou conteúdos equivocados, enganosos, baseados no senso comum. Diferentemente dos meios de comunicação de massa, como as publicações que não estão vinculadas a instituições, o que as levaria a se responsabilizar por seus conteúdos nas mídias sociais vigentes, por notícias falsas, boatos e manipulação dos fatos, que são divulgados e compartilhados despreocupadamente (ARAÚJO, 2021).

Um outro fator se refere ao progresso das redes sociais, correlacionado a outros dois elementos, o efeito bolha e a disseminação “subterrânea” de informação. As redes sociais têm sido um lugar útil para se obter informações do mundo todo, e os algoritmos utilizados nas redes tentando entender os interesses ou perfil do usuário, oferecem apenas conteúdos com a mesma visão ou crença, o que gera o “efeito bolha”. Por outro lado, a lógica “subterrânea” de informação ocorre através de disparos de mensagens em massa, sem que o usuário possa as recusar, o que implica em propagação de notícias pertinentes ou enganosas.

E finalmente, o quinto fator, diz respeito ao questionamento da ideia de verdade. Impulsionado pelo movimento pós-modernista no século XX, identificado como um movimento artístico, cultural e filosófico. Este movimento levanta a ideia de que não existiria uma única resposta sobre a realidade, e sim, verdades plurais ou “fatos alternativos”, o contrário seria uma imposição arbitrária da sociedade. Nesta vertente, movimentos políticos e econômicos têm se apropriado deste fenômeno para utilização em benefício próprio, e o resultado desta estratégia partidária tem sido catastrófico. Em tempos de Fake News e pandemia da Covid-19, o que está em jogo é a existência humana. Assim, a pós-verdade se mostra, desse modo, como um grande desafio para a ciência da informação e para a educação na contemporaneidade.

3.1.2 O fenômeno Fake News

Um dos aspectos que mais se aproxima da pós-verdade e a torna mais evidente nos tempos atuais, são as Fake News. Não havendo também concordância, frequentemente as Fake News possuem dois elementos fulcrais em sua definição: a inserção de conteúdos intencionalmente falsos e a disseminação on-line destes conteúdos (SHAO *et al.*, 2018; FRAU-MEIGS, 2019). Amaral e Santos (2019) refletem sobre o método e o intuito dessas definições, de tal modo que um site é construído semelhante a uma informação real (mas é falsa), com o propósito de levar sujeitos a compartilharem e dar likes, quanto mais vezes possível.

Uma das primeiras vezes que o termo Fake⁵¹ foi mencionado na mídia data por volta de 2000, em um *post* no New York Times “Day Trader⁵² Arrested for Posting Fake Lucent Earnings Warning⁵³”. De acordo com o post, em março de 2000, um corretor do Texas postou um falso comunicado à imprensa no Yahoo!, que dizia: "Based on preliminary estimates, [Lucent] expects operating results for its second fiscal quarter of 2000 to be lower than analysts' estimates"⁵⁴ (DINI, 2000). Este fake teve por objetivo falsear uma desestabilização econômica e promover queda nas ações da Lucent Technologies⁵⁵ (AISCH, G. et al., 2016), e como consequência, levar grandes investidores a perder dinheiro (HUYGHE, 2019; FRAU-MEIGS, 2019).

Atestada desde a virada do século, a expressão se espalhou exponencialmente, já que é usada para explicar os infortúnios do mundo e evitar qualquer debate com os adversários (HUYGHE, 2019). A expressão *Fake News* destacou-se e ganhou repercussão mundialmente no ano de 2016, durante a disputa presidencial nos Estados Unidos entre Donald Trump e Hillary Clinton. É interessante marcar aqui também que, em 2017, a citação da expressão Fake News teve um aumento de 365% (FIGUEIRA, 2019).

O fenômeno das Fake News alcançou celeridade instantânea devido ao alcance global da internet, a presença dos dispositivos digitais, principalmente os aparelhos móveis e das plataformas digitais, o que alargou o poder comunicacional entre os indivíduos. Isso significa que uma única notícia tem o poder de alcançar milhões de usuários em instantes, “sem que sua origem seja imediatamente identificada” (WEEDON *et al.*, 2017).

Após a vitória e ascensão de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, o sentido das Fake News transita entre a desconfiança ou perda da credibilidade na área jornalística, e a estratégia de marketing eleitoral, fabricação e destruição de candidatos eleitorais, além de ameaças constantes à democracia (SACRAMENTO, 2020; WEEDON *et al.*, 2017). Isso

⁵¹ Acentuamos que a Fake News não está atrelada apenas a questões políticas ou econômicas. Não devemos também ignorar a enorme produção de afirmações falsas, duvidosas e suposições conspiratórias relacionadas à saúde que vem ocorrendo na atualidade. As Fake News também estão atreladas a vacinas, a causas de doenças e a tratamentos, de maneira geral, a tudo que podemos supor como riscos ocultados ou escondidos (HUYGHE (2019).

⁵² Day trade é uma operação de compra e venda de ações de uma mesma empresa realizada em um único dia na bolsa de valores. O objetivo do investidor é obter lucro com a oscilação de preço do ativo financeiro entre a abertura e o fechamento do mercado (BLOG, 2020).

⁵³ Tradução nossa: “Day Trader Preso por publicar aviso falso de ganhos da Lucent” (NYTimes, 2000).

⁵⁴ Tradução nossa: "Com base em estimativas preliminares, [a Lucent] espera que os resultados operacionais do segundo trimestre fiscal de 2000 sejam inferiores às estimativas dos analistas" (NYTimes, 2000).

⁵⁵ Lucent Technologies foi uma grande empresa americana de telecomunicações. Mais tarde em 2006, a Lucent se fundiu com sua concorrente francesa, a Alcatel, para se tornar Alcatel-Lucent. ALCATEL.LUCENT. We make everything connect by delivering technology that works for you, 2020. Disponível em: <website: <<https://www.alcatel-lucent.com/en/company/about-us>>. Acesso em: 11 out. 2020.

significa que a expressão Fake News, desde então, tem sido apropriada por políticos do mundo inteiro para caracterizar organizações jornalistas como difusoras de notícias falsas, quando a informação noticiada os desagrada. Em vista disso, trata-se de um mecanismo eminente, onde influenciadores e poderosos conseguem censurar a liberdade de imprensa (AMARAL, SANTOS, 2019).

Frente às polêmicas das Fake News durante as eleições de 2016, Trump atualmente é alvo de investigação criminal, que inclui desde a disseminação de Fake News a fraudes fiscais. Paralelamente, também no ano de 2016, no Reino Unido, o referendo para decidir a permanência ou não do país na União Europeia (o Brexit) sofreu com a manipulação das massas, devido à disseminação de mentiras orquestradas, em sua grande parte, por xenófobos⁵⁶ e ativistas de direita, o que gerou no país uma dolorosa crise política (SODRÉ, 2019).

No Brasil, o fenômeno das Fake News não tem sido diferente. Ela inicia sua trajetória na mesma época, no ano de 2016, uma semana antes do controverso pedido de Impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, quando ocorreram propagações de notícias falsas. De acordo com o Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação da Universidade de São Paulo (USP), a cada cinco notícias mais compartilhadas no Facebook, três eram inverídicas. Esta pesquisa analisou 8.290 notícias divulgadas por 117 jornais, revistas, sites e blogs noticiosos. Em 2018, nas eleições brasileiras, o fenômeno das fakes News foi bem notório, pois houve grande uso do método de mensagens ou notícias falsas pelo WhatsApp, com consequente viralidade em rede, como consequência a democracia nacional se encontra vulnerável (DELMAZO, VALENTE, 2018; LAVANDA; SANSHOTENE; SILVEIRA, 2016). E na atual conjuntura, em 2021, onde as Fake News sobre Covid-19 tem se desenvolvido e multiplicado amplamente o número de óbitos e rejeição à vacina, no Brasil, continua-se investigando a desinformação, em plena pandemia, através da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das *Fake News*, com colaboração técnica da CPI da Covid-19 (SENADO, 2021).

Segundo Campos (2021), no período de eleições presidenciais nos Estados Unidos, o eleitorado trumpista⁵⁷ compartilhou desmedidamente diversas notícias falsas sobre a candidata de oposição de Trump. Durante a campanha nas eleições dos EUA em 2016, a então candidata

⁵⁶ Xenófobos, diz de quem rejeita estrangeiros. Dicio. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/xenofobos/>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

⁵⁷ Eleitorado trumpista: assim chamados todos os eleitores que se identificam com o discurso político do Presidente Donald Trump. O discurso político trumpista basicamente são de cunho apelativo a sentimentos de rancor, medo, ódio e ira. O seu discurso público fundamenta-se em reforçar a supremacia branca americana sobre os estrangeiros, os negros, refugiados, etc., (considerados os vilões do crescimento econômico no país) com a promessa de deportá-los e proibi-los de entrar no país (RODRIGUES, 2021).

presidencial Hillary Clinton e seu assessor de campanha, John Podesta são bombardeados com vários boatos de que estariam envolvidos com o tráfico e abuso sexual infantil. De acordo com um relatório da Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos, após encerrarem as investigações, concluíram que o intuito destas falsas informações foi “minar a fé pública no processo democrático dos Estados Unidos, denegrir a imagem da Secretária [Hillary] Clinton e prejudicar sua elegibilidade e potencial presidencial”⁵⁸ (SANGER, 2017).

Foram vários os efeitos desta ação antidemocrática, desde a perda na eleição a presidência da candidata, que até poucos dias antes do dia da eleição tinha 90%⁵⁹ do voto popular, até ações violentas. Em dezembro de 2016, um homem carregando um rifle de assalto entrou na pizzaria Comet Ping Pong em Washington, DC, onde acreditava ser uma sede clandestina de sexo infantil supostamente administrada pela então candidata presidencial Hillary Clinton e seu ex-gerente de campanha, John Podesta. Ele foi motivado por teorias conspiratórias que leu em sites como WikiLeaks⁶⁰ (WIKILEAKS, 2015), blogs e redes sociais (principalmente Facebook, Twitter e Reddit) de direita que desenvolveram essa linha de pensamento. Diversos clipes publicados no YouTube ampliaram a divulgação da falsa história, acumulando centenas de milhares de visualizações, assinaturas em fóruns, indivíduos alimentados por teorias conspiratórias. A notícia viral, no entanto, foi uma farsa. O Pizzagate (LOPES, 2016), assim conhecida, é apenas uma das inúmeras notícias falsas que inundam a mídia social (HUYGHE, 2019; FRAU-MEIGS, 2019; AISCH; HUANG; KANG, 2016; LOPES, 2016).

Segundo Tandoc Jr. *et al.* (2017), na maior parte, os leitores ignoram (ora propositadamente, ora por desconhecimento) as Fake News que encontram. Entretanto, em alguns casos, o consumo ou absorção de Fake News pode levar a práticas drásticas, como o caso citado acima.

Embora o Pizzagate tenha rapidamente se tornado um dos exemplos mais conhecidos de notícias falsas que deram errado, ele é parte de um problema muito mais amplo com Fake

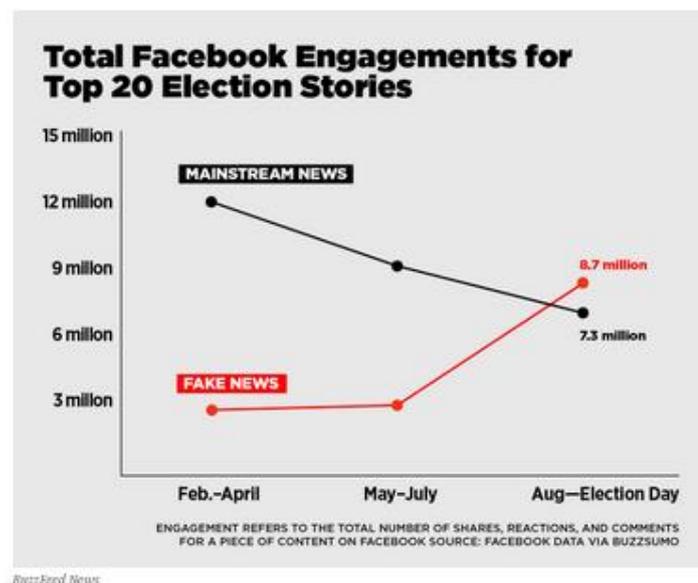
⁵⁸ SANGER, David E. Intelligence Report on Russian Hacking. News York times. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2017/01/06/us/politics/document-russia-hacking-report-intelligence-agencies.html>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

⁵⁹ De acordo com pesquisadores políticos e centros de pesquisa dos Estados Unidos. AAPOR. An Evaluation of 2016 Election Polls in the U.S. Disponível em: <<https://www.aapor.org/Education-Resources/Reports/An-Evaluation-of-2016-Election-Polls-in-the-U-S.aspx>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

⁶⁰ O WikiLeaks é uma organização de mídia multinacional sediada na Suécia, especializado na análise e publicação de fontes anônimas, de dados de materiais oficiais censurados ou confidenciais do governo ou empresas, como fotos, e-mails, mensagens, envolvendo guerra, espionagem e corrupção. A WikiLeaks já recebeu vários prêmios por seu compromisso com a verdade e liberdade de expressão (WikiLeads, 2015; FRAU-MEIGS, 2019).

News. O *Buzzsumo*⁶¹ (2016), com base na análise dos dados obtidos com a BuzzFeed News⁶² (2016), nos últimos três meses da campanha presidencial dos Estados Unidos, as notícias eleitorais falsas publicadas na rede social do Facebook, geraram mais engajamento do que os maiores noticiários de comunicação, por exemplo, New York Times, Washington Post, dentre outros. E foi identificado que dentre as inúmeras histórias falsas sobre as eleições com maior engajamento, vinculado a sites falsos, a perfis individuais com baixo número de inscritos e blogs hiperpartidários, 20 delas geraram 8.711.000 compartilhamentos, reações e comentários no Facebook. Enquanto isso, os noticiários tradicionais iniciavam um processo de queda livre, com um perda expressiva de cinco milhões de acessos no mesmo período. Este resultado pode ser vislumbrado na figura 2.

Figura 2 - Análise do BuzzFeed realizada com o BuzzSumo sobre o engajamento por conteúdo falso no Facebook nas eleições de 2016 nos EUA.



Dentre as dez Fakes News sobre as eleições presidenciais de 2016 com maior engajamento no Facebook, nos últimos três meses antes das eleições, destacamos: “Papa Francisco choca o mundo, endossa Donald Trump para presidente”; “Hillary Clinton e seu assessor estão envolvidos com tráfico de menores”; “Hillary Clinton vendendo armas para o

⁶¹ O *Buzzsumo* faz buscas sobre os assuntos mais consumidos e compartilhados na Internet com base em análise de dados e monitoramento de conteúdo (BUZZUMO, 2016).

⁶² O BuzzFeed News é uma organização global de notícias que fornece reportagens online (BUZZFEED, 2016).

ISIS”; “Hillary Clinton sendo desqualificada de ocupar cargos federais e o diretor do FBI recebendo milhões da Fundação Clinton”. (AISCH; HUANG; KANG, 2016; LOPES, 2016).

Para Costa e Romanini (2019), as redes sociais são, na atualidade, fulcrais para os debates político-ideológico no mundo todo, preterindo as instituições tradicionais ou o modo de fazer do século XX. Contudo, deslocaram rapidamente as milícias digitais, que encontram nas práticas de comunicação social midiática um terreno fértil para propagação de informações falsas. Diante disso, instituições não-governamentais, jornalística e agências especializadas procuram desenvolver caminhos para combater as Fake News, através de checadores virtuais, sites e plataformas digitais que identificam, analisam e denunciam qualquer tipo de desinformação, boatos e manipulações dos fatos.

O fato é que, na atualidade, qualquer indivíduo, especializado ou não, é capaz de produzir e disseminar informação (JENKINS, 2009), sendo ela factível ou não, graças às novas práticas comunicacionais sociais digitais, pois, segundo Castells (2015), a sociedade vive numa "autocomunicação de massas", e atinge milhares de usuários, mesmo não sendo tão respeitado como instituições jornalísticas tradicionais, como CNN, ou The New York Times atingem. (ARAÚJO, 2021).

Podemos vislumbrar, até aqui, que as duas expressões pós-verdade e Fake News avançam juntas. E em virtude de estarmos enfrentando uma pandemia da Covid-19 em um mundo digital, as práticas sociais midiáticas, combinadas nesses dois termos, colocam os usuários em situação de risco, pois toda desinformação relacionada a orientações sobre a Covid-19, e que contradiz a ciência, pode propagar o medo e credices em tratamentos não seguros, ampliando oportunidade do crescimento da infecção e de óbitos (GALHARDI *et al.*, 2020). Dado que há diferentes perspectivas conceituais e teóricas possíveis, valer-nos-emos, aqui, de autores que nos ajudarão a refletir sobre as Fake News, e seu espaço de funcionamento. É o que veremos a seguir.

3.2 Fake News: definições e caracterizações

De acordo com estudo de Tandoc Jr. *et al.* (2017) e Shu *et al.* (2017), o uso da expressão *fake* ainda é instável, é incerto. Fake pode designar a paródias ou sátiras, falsificações e manipulação. Pode ser ainda caracterizado como uma mensagem sobre uma realidade inexistente – uma história inventada ou um erro, da imprensa íntegra e imparcial; uma contextualização de fatos para produzir um efeito de influência - ideológico, conspiratório, delirante; um boato ou lenda urbana; um simples efeito sensacionalista visando a uma comoção,

logo, o máximo de fascínio - um método artiloso para capturar cliques, likes, visualizações; um conteúdo falso e implausível, mais destinado a entreter e rir ou avaliar até onde chega a credulidade humana; uma fonte que se apresenta como aquilo que não é, tentando passar por um órgão oficial ou uma mídia respeitável; ou ainda um movimento de opinião fictício (HUYGHE, 2019).

As Fake News são basicamente notícias, fatos, relatos, encenação, reprodução ou ainda interpretação de acontecimentos falsos, que não aconteceram, ou que foram manipulados. E como o falso, está registrado no passado, permanecerá assim, pois quem produziu a mentira não tem interesse ou não procura restaurar e reconstituir esse passado, o objetivo é produzir um efeito de futuro. Essas falsas notícias pressupõem testemunhos falsos ou documentos não assegurados sobre uma realidade externa e uma série de fatos não inter-relacionados (HUYGHE, 2019). A mentira geralmente está relacionada ao significado ou ao sentido que se quer dar aos fatos, ou às consequências e ao rótulo que quer que seja gerado (FRAU-MEIGS, 2019), tal como afirmar que a vacina da Covid-19 contém um microchip ou nanorobôs de monitoramento (AGÊNCIA BRASIL, 2021) que, ao ser vacinado, o cidadão poderá ser facilmente rastreado. Esse tipo de desinformação pode prejudicar a adesão à vacinação e à imunidade coletiva da população, tão necessária para o enfrentamento deste vírus, pois cria dúvidas quanto à eficácia e à segurança, além de temer que suas vidas sejam controladas ou vigiadas.

As Falsas notícias possuem um caráter apelativo e especulador, como se fossem informações reais e, geralmente, as pessoas não procuram averiguar o seu conteúdo ou, quando o fazem, têm dificuldades para distinguir o que é fato e o que é falso (RECUERO, GRUSD, 2019; FILHO 2018; CAMPOS, 2021). Nas Fake News podemos observar que grande parte das notícias estão ligadas a elementos ou discursos inflamados e emocionais, hiperpartidários e tendenciosos, acrescentado de mentiras, circulação rápida e excessiva, devido seu poder viral das redes sociais (BENVENDORFF, 2017).

Segundo Shao *et al.* (2018) e Frau-Meigs (2019), existem aspectos basilares para a definição das Fake News: i – elementos empregados nas narrativas jornalísticas e elementos informacionais; ii – narrativas com elementos absolutamente ou parcialmente inverídicos e fictícios; e iii – propósito de ludibriar ou formular percepções errôneas e falsas por meio da circulação dessas desinformações nas mídias ou redes sociais.

E no interior dessa definição concentram-se duas particulares que delineiam as Fake News: a falta de autenticidade e intenção do conteúdo da notícia. Primeiro, Fake News referem-

se a informações que podem ser verificadas como falsas, não incluindo notícias sátiras⁶³, boatos ou rumores⁶⁴ (SHU *et al.*, 2017; LAVARDA *et al.*, 2016; BEVENDORFF *et al.*, 2017). De acordo com Baptista (2019) esta característica é mais estreita, pois considera apenas as notícias que podem ser desmentidas através da verificação dos fatos. Em segundo lugar, as Fake News que são criadas com a intenção desonesta de enganar os consumidores. Essa definição foi amplamente adotada em estudos recentes (KLEIN; WUELLER, 2017; BAPTISTA, 2019), compreendendo as notícias falsas como iniciativas dispostas a desinformar, manipular, adulterar e inutilizar os efeitos da informação baseada nos fatos (SCHLESINGER, 2017), mediante narrativas ou discursos equivocados e fragmentados, de maneira que amplie a insatisfação, o ódio, a polarização entre a população. Em suma, as Fake News vão além de informações fragmentadas e não averiguadas, trata-se de intencionalmente divulgar uma informação falsa intencionalmente, para lograr interesses de indivíduos ou grupos (RECUERO, GRUZD, 2019).

As Fake News têm como missão arruinar a imagem de pessoas, desorientar as emoções e paixões dos indivíduos, incitar ressentimento e ódio, provocar polêmicas e confusão, adquirir satisfação e ganhos em detrimento alheio, dificultar o discernimento na tomada de decisões (JUREMIR, 2019).

De acordo com Huyghe (2019), o funcionamento das Fake News depende de um sujeito que:

- i. fabrique deliberadamente um documento falso ou uma falsa declaração;
- ii. multiplique seus esforços para transmitir uma informação falsa como se viesse de uma fonte neutra ou confiável. O bom funcionamento de qualquer história ficcional ou mentirosa depende de quão plausível ela é. Quanto mais crível, mais real a informação se torna (MACHADO, 2019); e que
- iii. vise deliberadamente enfraquecer um adversário. O elemento informacional ou jornalístico é fulcral para o funcionamento das Fake News, pois é ele que confere o caráter de credibilidade procedente do jornalismo tradicional, de legitimidade e de fachada de narrativa ou informe de um evento, além de estar em concordância com os

⁶³ Notícias sátiras não serão neste trabalho incluídas como Fake News, pois mostra sua intenção no próprio discurso e formato pelo humor, não havendo o intuito de intencional de enganar (SHU *et al.*, 2017; LAVARDA *e al.*, 2016).

⁶⁴ Boatos e rumores não serão vistos nesta pesquisa como Fake News, pois está ausente o propósito de autenticidade e geralmente sua informação não possui prova evidente, incontestável durante da divulgação (SHU *et al.*, 2017; LAVARDA *e al.*, 2016).

padrões de linguagem e funcionamento social próprios das notícias jornalísticas (SHU *et al.*, 2017).

Segundo Juremir (2019), em nenhuma outra circunstância esteve tão simples e célere falsear e enganar, pois qualquer pessoa pode produzir e difundir dados, isto significa que qualquer indivíduo é capaz de fazer circulação rapidamente de informações e dados irrestritos sobre inverdades.

Amiúde as Fake News são desenvolvidas sobre pessoas públicas ou sobre fatos polêmicos novos ou antigos, de qualquer modo, eles são atualizados. Em seguida, espera-se que sejam compartilhados e disseminados pelas redes sociais, na expectativa de se tornarem virais. O intuito dos produtores de Fake News é de que circulem seus conteúdos, em múltiplas plataformas digitais e sociais, e desse modo, podem monetizar através do tráfego da web decorrente. Efetivamente, uma Fake News de sucesso é aquela que corresponde ao seu objetivo, que foi compartilhada milhares de vezes e gerando lucros pela sua publicidade (KLEIN; WUELLER, 2017). É sobre este outro aspecto funcional que iremos tratar agora, sobre a disseminação de conteúdos falsos na mídia social.

3.2.1. Disseminação de Fake News nas mídias sociais

Iniciemos nossa discussão com famosa frase de Goebbels, chefe do ministério da informação e propaganda nazista alemã: “quando uma mentira é repetida suficientemente, torna-se uma verdade”. García (2010) se utiliza desta frase para exemplificar os tipos de falácias ou mentiras aplicadas em debates políticos, entendendo-a como uma ferramenta capaz de persuadir eficazmente e intencionalmente seus destinatários.

Um dos fenômenos ligados aos efeitos dos processos de midiaticização, relaciona-se a produção e propagação de Fake News, pois ao modificarem as organizações sociais neste novo habitat comunicacional, atravessados por regras e códigos algoritmos, possibilitam novas formas interacionais e novas condições de produção de mensagens on-line, acarretando rivalidade de sentidos no processo circulatório (NETO, 2019).

À medida que cresce nossas interações na ambiência midiática através das mídias e redes sociais, amplia-se a procura e consumo por informações, diversamente deixamos de buscar por organizações de notícias tradicionais. Essa modificação no comportamento dos consumidores é relativa às características dessas mídias sociais, isso porque o consumo de conteúdos nas mídias se mostra mais rápido, mais barato e mais favorável, se comparado com

os meios tradicionais, tal como o jornal e a tv; ademais, a mídia social facilita o compartilhamento e discussões com colegas e outros usuários (SHU *et al.*, 2017).

No entanto, embora vislumbremos as vantagens oportunizadas pelas redes sociais, constata-se que seus conteúdos podem ser falsos, confusos e omissos, ou seja, as notícias fabricadas na mídia social podem ser de baixa qualidade se comparadas às das instituições jornalísticas tradicionais. Embora as informações em redes sejam mais acessíveis à população e mais velozes, elas também propiciam a disseminação de informações falsas em grande escala. (SHU *et al.*, 2017). Resumindo, as redes consistem em novas ambiências de circulação, recirculação e discussão de informações, com alto poder de viralidade de Fake News (RECUERO, 2009).

As redes sociais são, na atualidade, indispensáveis para o funcionamento das Fake News, é onde se encontram as melhores condições de produção e compartilhamento (GALHARDI, *et al.*, 2020). Um dos efeitos negativos dessa tendência é que ela vem acompanhada de um decréscimo da credibilidade dos veículos tradicionais, o que tem levado os leitores a procura de outras opções de fontes de informacionais, englobando blogs e mídias sociais. Neste contexto, onde os links que são compartilhados nas redes sociais dificultam o reconhecimento ou identificação da procedência dos conteúdos em circulação, proporciona um ambiente mais favorável para difusão de mentiras (SHU *et al.*, 2017; DELMAZO; VALENTE, 2018). Como o espaço midiático e as redes sociais permite que qualquer pessoa escreva ou publique o que deseja, isso pode deixar os leitores ainda mais suscetíveis a informações incompletas, falsas ou enganosas (CHEN, 2016).

É neste cenário que vemos crescer a procura por informações sobre a saúde nas redes sociais. A procura por informação sobre saúde nas redes sociais tem crescido exponencialmente, desde o início da pandemia da Covid-19. As redes sociais têm funcionado como fonte de notícia sobre a doença, como instrumento de divulgação para os prestadores de serviço, espaço para compartilhamento de vivências individuais e procura por troca de experiências pessoais similares. Em vista disso, usuários alargam seu potencial no processo comunicacional, de meros espectadores, e se tornam participantes ativos, os quais discutem, compartilham, produzem e consomem conteúdos (NETO, 2019 *apud* SOUZA, 2020). Entretanto, neste espaço de acesso informacional não muito regulado, podemos encontrar, com frequência, conteúdos sobre saúde não confiáveis ou duvidosos, que não foram validados pelas instancias científicas. Dessa forma, os usuários podem estar compartilhando e disseminando Fake News, e sem as habilidades necessárias para surfar nas redes digitais, os usuários

conseguem acessar informações perigosas, sem ter conhecimento ou consciência sobre o fato, colocando em constante perigo a própria saúde (SOUZA, 2020; GALHARDI *et al.*, 2020).

Segundo a *The Lancet* (2020), os humanos não possuem habilidades naturais ou boas que lhes ajudem a discernir entre o que são notícias falsas e notícias baseadas em fatos. Para Shu *et al.* (2017), existem dois fatores principais que exploram a vulnerabilidade dos consumidores para as Fake News: (i) a primeira diz respeito ao realismo ingênuo, onde os consumidores tendem a acreditar que suas percepções da realidade são as únicas e as mais corretas, o que os levam a concluir que todos que pensam diferente dele, são desinformados, irracionais ou partidários; e o outro fator (ii) refere-se à predisposição da confirmação, onde os usuários optam por receber informações auto afirmativas, de acordo com suas crenças. Em suma, quando o usuário considera um equívoco como informação, é muito difícil levá-lo a mudar de ideia.

O Fenômeno das Fake News coloca em dúvida a nossa capacidade reflexiva e investigativa. Atualmente, as Fake News têm 70% mais chances de viralizar do que notícias verdadeiras, segundo revela um estudo do MIT (Massachusetts Institute of Technology) (VOSOUGHI; ROY; ARAL, 2018). Este estudo baseou-se em 126 mil notícias compartilhadas no Twitter 4,5 milhões de vezes, entre os anos de 2006 a 2018. Os pesquisadores identificaram que, enquanto a verdade (informação baseada em fatos) dificilmente alcançava mais de mil usuários, as Fake News alcançavam mais de 10 mil. Além disso, os estudos revelaram que os maiores responsáveis pela viralização e/ou divulgação das Fake News não possuíam um perfil com muitos seguidores, ao contrário. Para esses estudiosos, o que levou à viralização das Fake News foi o caráter do ineditismo do twitees falsos. Além de gerar reações emocionais negativas, medo e ódio (VOSOUGHI; ROY; ARAL, 2018).

Outro dado relevante indica que o efeito viral das notícias falsas está atrelada à imprecisão e polarização, conhecido como viés de confirmação. Diz respeito à inclinação cognitiva para lembrar, pesquisar e/ou interpretar fatos e informações que afirmem suas ideologias. Nesta perspectiva, a problemática se amplia, pois o ato de compartilhar não está relacionado à intenção de informar, o que nos leva a perceber um compartilhamento impulsivo à procura possivelmente por interação (LEITE; MATOS, 2017; HUYGHE, 2019).

É preciso entender que não basta apenas a estrutura da rede para que as Fakes News se espalhem ou viralizem, existem atividades e recursos que são ativadas pelas mídias, característica *sui generis* das redes sociais. Para Shu *et al.* (2017), existem duas perspectivas que nos ajudam a compreender o *modus operandi* da disseminação das Fake News. O primeiro está relacionado a contas maliciosas nas redes sociais para anúncios. Não obstante, geralmente,

os usuários de mídia social serem reais e autênticos, nesta ambiência, existem usuários perversos que têm a intenção de prejudicar o outro, como também usuários que não são reais, mas foram criados. Devido à facilidade, o baixo custo de se criar uma conta na mídia social oportuniza a criação de contas maliciosas, como bots sociais, usuários ciborgues e trolls (SHU et al., 2017).

Todas as vezes que o usuário acessa a sua rede social, deixa uma pegada digital (dados) registrada. Os dados ou mais conhecidos como big datas se encontram em grande proporção na rede, e são programados para objetivos bem personalizados. Assim, os recursos de personalização, os algoritmos, são capazes de controlar e manipular os dados que foram gerados ao acessar a rede e funcionam de maneira a selecionar o que os usuários verão, baseado no comportamento em rede. Acrescenta-se que os algoritmos têm se tornado mais intercambiáveis, estabelecendo ligações com algoritmos de diferentes plataformas. Para a autora, esta troca de dados se estende às Fake News, por meios dos algoritmos automatizados, os bots sociais (AMARAL, 2019).

Um bot social se refere a uma conta de mídia social que é controlada por um algoritmo computacional. Os bots sociais têm o propósito de fabricar conteúdos de modo automático e de interagir com outros usuários (sendo eles humanos ou não) nas redes sociais, e são criados especificamente para prejudicar, manipular e propagar Fake News nas redes sociais (AMARAL; SANTOS, 2019; RECUERO, GRUZD, 2019). A divulgação de Fake News pode ser operada por vários autores na rede, sendo eles bots ou pessoas engajadas. Estudos sugerem que estas entidades podem produzir falsas percepções consensuais, com o propósito de fazer circular, nas redes sociais, determinada informação. O excesso de informações falsas criado pelos bots, excede nossa capacidade de checagem de fatos, por causa de nossa dificuldade de concentração ou limitação que reduz nossa atenção, leva ao interesse por informações que pareçam ser mais populares e à confiança ingênua nos conteúdos obtido nas redes (AMARAL; SANTOS, 2019).

Nesse sentido, as redes de bots têm como projeto fazer crescer exponencialmente a visibilidade de uma informação, e inflar o perfil dos usuários, para que uma determinada informação falsa possa parecer como verdadeira. Ações como essas fomentam a disseminação de Fake News, num esforço contínuo de influenciar a opinião pública, através de manipulação artificial de consenso (RECUERO; GRUZD, 2019).

Os estudos de Bastos e Mercea (2017) corroboram que as redes de bots e contas ciborgues são articuladas e organizadas para fabricar, replicar conteúdos, retuitar e dar likes, ou seja, são articuladas para potencializar a disseminação de desinformação.

Os trolls são identificados como usuários reais, ou seja, são humanos que tem a intenção de provocar ou gerar confusão emocional negativa (raiva, medo, dúvida e comportamento irracional) nas plataformas digitais online, através de mensagens polêmicas ou banais, mas com propósito de interromper uma discussão pertinente, levando ao desvio de foco. Nesse sentido, os trolls têm colaborado com a divulgação de Fake News, pois sua ação afeta o humor dos usuários e a direção das discussões online (SHU *et al.*, 2017).

Por último, os usuários cyborg, que articulam os dois modos de disseminação de Fake News, atividades automatizadas com atividades humanas. Geralmente são contas com características de camuflagem para agir nas redes. Assim, estas contas maliciosas existem como canais de disseminação de informações falsas (SHU *et al.*, 2017).

A segunda perspectiva ajuda-nos a avançar sobre o funcionamento das Fake News, no que tange ao efeito de câmara de eco nas redes sociais. A mídia social inaugura uma nova prática de busca, produção e consumo de informação, desafiando as definições tradicionais de “notícia”. Ela abre espaço para que qualquer usuário, especializado ou não, produza conteúdo informativo, capaz de atingir pessoas em massa, ou seja, antes a informação era mediada pelos profissionais da área, os jornalistas, e na atualidade, acontece pela via desintermediada, qualquer pessoa que tenha acesso a rede (SHU *et al.*, 2017; TANDOC JR. *et al.*, 2018.).

Elas são programadas e personalizadas pelo sistema de algoritmos, e quando aplicados ao conteúdo da mídia escolhem as informações que o usuário pode se interessar por acessar, ou seja, os algoritmos selecionam o que vamos ver, com base nas pegadas (dados) que deixamos, todas as vezes que entramos na internet, e a partir disso, ele identifica o que desejamos ver na mídia. Estes dados do usuário são obtidos a partir do histórico de navegação, interações online, postagens, pesquisas, compras online, entre outros (BAKIR; MCSTAY, 2017 *apud* AMARAL; SANTOS, 2019).

As bolhas sociais online são construídas com o objetivo de aproximar os usuários com base na compatibilidade dos gostos, de crenças, de conhecimento, de ideologias, visões de mundo, deixando de existir o impedimento geográfico para que isso aconteça. O fenômeno das bolhas sempre existiu nas relações humanas, porém, com o advento da internet, essas aproximações se intensificaram, de tal modo que a polarização das ideias se tornou um desafio às vezes ameaçador, conviver com pessoas que pensam diferente. Por um lado, os usuários da internet são responsáveis pela intensificação da polarização, que não entendem que suas ações online direcionam o que irão receber de informações. Essas informações são filtradas e personalizadas para cada usuário, de acordo com a sua preferência pessoal. A mídia, por sua

vez, facilita o compartilhamento de conteúdo na rede, e por meio da filtragem informacional projetado pelos algoritmos, inflamando os dois fenômenos manipuladores e alienadores da sociedade atual, as Fake News e a pós-verdade. Assim, quando as bolhas são alimentadas de desinformação, pensamentos equivocados, ressentimento, intolerância e medo, colocam em risco o bem-estar individual e coletivo da sociedade, risco este que só pode ser enfrentado por meio de uma educação que desenvolva o pensamento crítico e ético (BARRETO JUNIOR; PELLIZZARI, 2019).

Em função da ampliação das redes sociais, impulsionada pelos algoritmos para identificar o perfil, psíquico, social, econômico e político dos usuários, as câmaras de eco ou filtros-bolhas (terminologia atual) passam a controlar o círculo social e o conteúdo visto. Tais filtros-bolhas atuam para categorizar todas as ações online do usuário, selecionar os perfis que mais se aproximam de seus interesses pessoais e manter circuito de informações compartilhadas. Isto significa que o sistema operacional dos algoritmos controla a opção de escolha intencional, violando a liberdade de escolha e a privacidade do usuário (BARRETO JUNIOR, PELLIZZARI, 2019). Nesse sentido, se os algoritmos de um perfil ecoam Fake News funcionando como notícia verdadeira, já que ele replica as publicações baseadas no modo de pensar do usuário, isto significa que se mantém, na bolha, um circuito de narrativas que ecoam preconceitos e visões de mundo a partir de equívocos (RECUERO; GRUZD, 2019).

Especialistas nos alertam que este tipo de programação tende a criar uma espécie de “monocultura” ou realidade paralela, porque o usuário tende a compartilhar e consumir as mesmas informações, reproduzindo um circuito auto afirmativo de suas convicções. E como consequência, os sujeitos tendem a ser resistentes, a não discutir opiniões divergentes, contrárias a veracidade dos fatos, tendem a ser vítimas de manipulações que atestem suas crenças pessoais. E por último, os efeitos da câmara de eco geram comunidades homogêneas, polarizadas e promotoras de informações falsas (BAPTISTA, 2019; SHU et al., 2017).

Na sociedade da pós-verdade, e progressivamente mais individualizada e midiaticizada, as práticas comunicacionais foram redesenhadas, e novas narrativas foram promovidas e intensificadas. Nesta esteira, pessoas ou grupos até o momento desconhecidas na mídia ganham impulso por meio das redes sociais, tornando-se influenciadores sociais, passando a rivalizar o poder simbólico de dar significado, de definir o que é factual e o que é irreal, ou o que é verdadeiro e o que é falso (SACRAMENTO, 2018), ou seja, o poder de definir o que é ou não verdadeiro. Acrescenta-se a este contexto a descrença nos sistemas de verdade vigentes, onde representantes de autoridade tradicionais até então eram incontestáveis (PERES, 2018 *apud* SOUZA, 2020).

As Fake News transformam o modo como os indivíduos percebem e reagem a informações reais, baseada em fatos. Por vezes, as Fake News são criadas meramente para gerar obscuridade e descrença, dificultando que os indivíduos consigam discernir o que é fato ou fake (RECUERO, GRUZD, 2019). Neste cenário midiático de tantas incertezas relacionadas a questões tão sensíveis quanto à saúde das pessoas, a presença de Fake News, acrescida à falta de transparência e efetividade do Estado no enfrentamento à pandemia da Covid-19, tem resultado no agravamento desta desconfiança nas instituições (SANTANA; SIMEÃO, 2021). Evidencia-se que o momento é único, refere-se a uma disputa de regimes de verdade (FOUCAULT, 2008), no qual as narrativas construídas não se baseiam em fatos, mas ao contrário, é fundamentada em intimidações, em crenças pessoais e em proveito próprio (SANTANA; SIMEÃO, 2021).

Na realidade das Fake News e da pós-verdade, o poder está com aqueles que têm mais voz e influência nas mídias sociais, capazes de mobilizar milhões de likes ou compartilhamentos por bots, trolls e cyborgs, produzindo um efeito ilusório de opinião generalizada (LEWANDOWSKY, 2017). Nesta realidade, os especialistas ou autoridades são zombados e desacreditados, principalmente quando seus conhecimentos colocam em risco a soberania mercadológica capitalista ou dos preconceitos equivocados (SCHLESINGER, 2017).

Segundo Foucault, “a verdade é deste mundo”, é construída como acontecimento num espaço e tempo particular. Esta afirmação revela que a verdade está intimamente relacionada à conexões existentes entre poder e saber de uma sociedade específica. Em Foucault compreendemos que “cada sociedade tem seu regime de verdade”. Isto significa que, em cada sociedade, funciona e admite-se um tipo de verdade, um tipo de discurso que diferencia o que é fato e o que é falso, o *modus operandi* que validam alguns enunciados e não outros, a condição, a qual se admite para vigorar afirmações sobre o verdadeiro e o falso (FOUCAULT, 1986 *apud* SACRAMENTO, 2018).

Atravessamos, na sociedade atual, um regime de verdade alicerçado na fé das instituições em direção a outro ordenado pelas crenças individuais, pela familiaridade e pelo *savoir-faire*: “Uma radicalização do ‘ver para crer’ – frase atribuída ao personagem bíblico Tomé, que se tornou um ditado popular ao longo de muitos séculos – ancora nosso atual regime de verdade que estabelece algo como o ‘viver para crer’ e ainda um ter ‘vivido para ser crível’” (SACRAMENTO, 2018, p. 5).

Para Sacramento (2018), o conhecimento adquirido com a prática é a base para legitimar o saber acerca da verdade, ou seja, se enaltece a “autoridade experimental”. Eu vivenciei, então eu posso afirmar que eu sei sobre isso. Para se compreender a verdade, é preciso ter

experimentado pessoalmente, participado do processo. É um tempo de encarceramento da verdade, dando lugar aos dogmas, ao monólogo e ausência de polidez, onde os indivíduos preferem acreditar nas informações obtidas em redes sociais como WhatsApp, nos grupos de amigos, familiares, ao invés das instituições. As consequências disso são inúmeras, dentre elas o negacionismo que ainda persiste em relação à existência da Covid-19 ou a recusa à vacinação (SACRAMENTO, 2018).

Outra possibilidade de compreender a mudança no regime de verdade na contemporaneidade relaciona-se à concepção de “panaceia informacional”. Em função da voracidade consumista que está atrelada à excessividade e intensividade de produção e circulação de conteúdos informacionais, as pessoas são levadas à busca de respostas sobre qualquer dúvida sobre a saúde, no modo online. Essa busca quase sempre por paliativos (chás, plantas medicinais e exercícios físicos, entre outros) tendem a uma expectativa, encontrar em suas redes uma resposta, uma cura para todas as doenças, ou um milagre. Estas bolhas informacionais dificultam que o indivíduo se distancie de confrontos de “nossa verdade”, pois se por um lado não desejamos que nossa verdade seja contestada, por outro estamos inclinados às polêmicas para comunicar publicamente nossos juízos de valor (CASTIEL; VASCONCELLOS-SILVA, 2017 *apud* SACRAMENTO, 2018). O que estamos vivendo na sociedade da pós-verdade e das Fake News é um tempo em que o relativismo evidencia que a verdade é relativa, porque ela pode ser outra, é impossível aceitar o conhecimento de um especialista, uma vez que outra autoridade pode provar o seu contrário, “só a falsificação se dispõe a apresentar uma ‘verdade’ incontestável” (MACHADO, 2019, p. 36).

3.3 Detecção e medidas de enfrentamento das Fake News

Vislumbramos que tem crescido o número de estudos sobre o fenômeno das Fake News. Alguns autores (SHU *et al.*, 2017; ZAROCOSTAS, 2020; FONSECA, 2020; SADANHA, TUMA, 2019) nos alertam que a detecção das falsas notícias ainda é complexa e desafiadora, pois ela possui características únicas, específicas, o que transforma os algoritmos de detecção ou aplicativos de detecção, por vezes em tentativas insuficientes ou superficiais.

Sublinhamos que existem louváveis iniciativas proporcionadas por várias organizações da sociedade civil brasileira. Todas elas se esforçando para ajudar a população brasileira a combater a desinformação. E para este propósito, desenvolveram sites e aplicativos que ajudam a tirar dúvidas das pessoas, confirmar ou refutar uma informação. Podemos citar, deste rol, *Eu Fiscalizo* (FAGUNDES *et al.*, 2020), *NILC-USP – Detecção Automática de Notícias Falsas*

para o Português (ALMEIDA et al., 2018), Fact-checking (FONSECA, 2017), *Saúde Sem Fake News*, canal do Ministério da Saúde, Agência Lupa, Fato ou Fake, Agência Pública-Truco, E-farsas, Fake Check, entre outras iniciativas no intento de enfrentamento de qualquer desinformação.

No entanto, segundo Shu *et al.* (2017), devemos refletir inicialmente que as Fake News são pensadas e desenhadas com intenção de enganar e fazer os usuários/leitores a acreditarem nestas informações, logo, não é suficiente detectar apenas com base no conteúdo da notícia, será necessário incluir todo os engajamentos gerados em suas redes sociais, e assim fazer uma definição deste conteúdo dessas informações adicionais. Além disso, explorar essas informações adicionais em si é bastante desafiador, pois os engajamentos sociais de notícias falsas geralmente geram grandes dados informacionais, desestruturados, confusos, rudes e inconclusos, ou seja, não é possível garantir a qualidade dos dados.

Outro dado relevante é que os conteúdos das Fake News são em si diversificados em vários aspectos, no seu estilo, na sua temática, nas plataformas digitais nas quais são publicadas e no seu uso linguístico, para distorcer o fato ou a realidade. A título de exemplo, notícias falsas estruturadas com base em informações ainda não averiguadas, mas divulgadas num caráter emergencial, tal como esta: “Água fervida com alho serve como tratamento para o coronavírus” (FAGUNDES, *et al.*, 2020, p. 4205). Esta é uma das Fake News mais denunciadas por meio do Eu Fiscalizo, e de acordo com os mesmos autores ainda não existem estudos científicos que confirmem essa informação, e que validem sua eficácia.

Por outro lado, Saldanha e Tuma (2019) afirmam que todos os cuidados em prol da checagem de notícias falsas podem se perder, caso não haja um esforço, apoio por parte tanto das lideranças da Saúde, quanto pelos usuários que recebem Fake News, afirmativa confirmada pela baixa procura por estes veículos de checagem. Ademais, existem outros fatores, como inviabilidade destes serviços conseguirem verificar todos os boatos e notícias falsas que se encontram em rede. Boa parte da população ainda não conhece esses detectores de Fake News, e as instâncias oficiais da saúde fazem uma divulgação parca dos mesmos. Diante disso, acreditamos que se faz necessário outros tipos de ações que alarguem a desconstrução das Fake News, que se dá por meio de uma educação midiática, identificada como essencial para o enfrentamento e desenvolvimento do sentido crítico e reflexivo de todos os cidadãos, e desse modo, consigam averiguar as informações por si mesmos.

Eysenbach (2020) propõe quatro eixos de ação como forma de lutar contra o excesso de falsas informações na mídia. Primeiramente, uma explicação mais facilitada, acessível e clarificada do conhecimento, procurando adequar a linguagem para alcançar os diferentes

públicos. O segundo eixo, diz respeito ao estímulo ao refinamento do conhecimento e os processos de seleção e verificação dos fatos no campo científico, político, informacional, social e jornalístico, proporcionando clareza e facilidades para encontrar informações de qualidade. Em terceiro lugar, o desenvolvimento de um letramento para o conhecimento midiático, tal como a eHealth Literacy para a saúde. A eHealth literacy refere-se à capacidade da pessoa buscar, encontrar, compreender e analisar qualquer informação no ambiente digital, especificamente sobre a saúde, e conseguir colocá-la em prática. O letramento midiático formaria um cidadão capaz de consumir informações de qualquer área, habilidade reconhecida como crucial em tempos de Fake News e pandemia. E a última ação refere-se ao monitoramento contínuo e análise dos padrões de troca de dados e informações na internet (OMS, 2020a).

Evidenciamos que o Letramento midiático e informacional funciona como “antídoto”, capaz de atenuar os agravamentos da desinformação na sociedade, como medo e insegurança (THE LANCET, 2020; CASTRO, 2021). Além de proporcionar redução de recirculação de desinformação, favorecer para o desenvolvimento de uma leitura mais crítica e favorecer o protagonismo de cidadão mais participativos e seguros, tanto sobre o que consomem na mídia, quanto na resolução de desafios do cotidiano. A habilidade para averiguar as informações que circulam nas mídias, demanda, necessariamente, compreendermos de que maneira somos afetados por estas informações, como elas influenciam nossas decisões e escolhas e nos impõe uma revisão constante de conhecimento, desafio contínuo em sociedade da pós-verdade.

3.4 Fake News em meio a pandemia da Covid-19

O início do ano de 2020 será lembrado como um grande acontecimento, que marcará para sempre a história mundial como uma das maiores epidemias já vistas, que atingiu todos os países e acarretou mudanças drásticas de comportamento, nunca vislumbradas (ARRUDA, 2020; GALHARDI *et al.*, 2020): trata-se do novo coronavírus (nCoV), mais conhecido como Covid-19. A Covid-19 é uma nova cepa da família coronavírus, que pode causar diversificadas condições, desde o resfriado comum a doenças mais graves, como síndrome respiratória aguda grave, semelhante à pneumonia. Os primeiros casos foram detectados após a notificação de um surto na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019. O surto da doença se propagou rapidamente pelo mundo, e para garantir as condições sanitárias e proteção social, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020a) decretou o quadro mundial em pandemia (OPAS, 2021). Considerando a complexidade e o agravamento da situação a cada dia, as

recomendações dos órgãos de saúde nacional e internacional foram de: distanciamento social, diminuição das atividades comerciais consideradas não essenciais, restrições de circulação de pessoas em lugares públicos ou eventos, fechamento das escolas, universidades, uso obrigatório de máscaras e uso de álcool em gel para higienização (BRASIL, 2020; OPAS, 2020). Se tomarmos o ano de 2021 como base reflexiva, veremos que, no Brasil, apesar das orientações sanitárias da OMS (2021^a) e do decreto de Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2020), mesmo com todas as orientações, a curva de pessoas contaminadas e de óbitos segue em alta. A situação da Covi-19 no Brasil, em 2021 é dramática, a média no número de contaminados e de mortes chegou a ser a maior do mundo, e assim se manteve por vários meses. Segundo dados atualizados da OMS (2021), até 30 de julho de 2021, o Brasil acumulou 553.179 óbitos, sendo 1.344 nas últimas 24 horas.

O ineditismo deste quadro pandêmico exigiu o isolamento social, obrigando diversos setores ao fechamento obrigatório, como no caso da educação, gerando uma ruptura quanto à perspectiva de funcionamento das práticas de ensino e aprendizagem em instituições educacionais. As dificuldades do acesso ao ensino escolar extrapolam qualquer mera eventualidade. A normalidade virou ao avesso: as famílias tiveram que se tornar responsáveis em tempo integral pelo trabalho, pelo cuidado da casa e pelos estudos dos filhos (ARRUDA, 2020), acrescentado pelo estresse e medo da doença (CASTRO, 2021), arcaram com dificuldades financeiras, perda de trabalho, estrutura habitacional reduzida por coabitarem em espaços pequenos e constante desinformação (THE LANCET, 2020). Segundo pesquisas realizadas com jovens nos Estados Unidos os eventos pandêmicos reforçam o risco que o analfabetismo digital representa para a saúde pública (BREAKSTONE *et al.*, 2021).

Segundo Cordeiro *et al.* (2021), outras mudanças atingiram a educação em cheio. O uso intenso das TDIC nas atividades de ensino e aprendizagem “tornou-se onipresente e indispensável”. A educação remota emergencial levou professores e alunos a valer-se de vários aplicativos, redes sociais e plataformas digitais que os auxiliaram a driblar os estudos em casa, e ao mesmo tempo ampliou-se o contato com a desinformação (ARRUDA, 2020).

Neste cenário, a desinformação ou Fake News, que já havia ganhado espaço na mídia e se destacou desde o ano de 2016, manifesta-se com maior ímpeto e dinamismo mediante a pandemia (CORDEIRO *et al.*, 2021). É perceptível que a disseminação das Fake News ampliou o sofrimento ligado ao quadro da Covid-19, o que nos impõe uma série de indagações para o campo da educação, e que se tornam inquietantes para a prática educacional.

Compreende-se que a propagação de informações falsas, especificamente no campo da saúde, não é um problema da atualidade (GALHARDI *et al.*, 2020), mas é no mínimo

desafiador. Isto porque exige ações rápidas para enfrentá-las nas redes sociais (ZAROCOSTAS, 2020). Para exemplificar, no ano de 2008, surgiram vários boatos desinformativos nas redes sociais, onde ensinava-se receitas naturais para se proteger contra a febre amarela, como o consumo de própolis para repelir o mosquito transmissor da doença, entre muitas outras notícias falsas (GALHARDI *et al.*, 2020, SACRAMENTO; PAIVA, 2020). Na contemporaneidade, as Fake News tomaram proporções alarmantes, disseminando viralmente informações durante o surto da Covid-19, colocando em situação vulnerável a vida dos indivíduos (GALHARDI *et al.*, 2020; SOUZA, 2020).

Segundo Fonseca (2020) e Daniels (2021), a condução da pandemia pelo governo federal brasileiro tem sido catastrófica, seja na gestão para obtenção de dados, seja na orientação e na condução nas áreas da saúde e social, quanto na resposta das ações. Mensagens falsas e contraditórias, principalmente de autoridades governamentais, em relação à origem, à prevenção e ao tratamento da Covid-19, têm agravado o enfrentamento de uma doença com nível de letalidade elevada e potencialmente contagiosa, preocupante no Brasil. Para exemplificar, em dezembro de 2020, em um evento ocorrido no estado da Bahia, o presidente Jair Bolsonaro discursou optando por uma postura distinta das informações científicas. Ele colocou em dúvida a eficácia da vacina contra a Covid-19 e possíveis efeitos colaterais, alegando que não existiria garantia que ela não transformasse os cidadãos em um jacaré. Neste momento ele se referia a vacinas da indústria farmacêutica da Pfizer e do Laboratório de biotecnologia - BioNtec. Segundo ele: “Lá no contrato da Pfizer, está bem claro nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema seu” (ISTO É, 2020). Além disso, em várias outras ocasiões colocou em dúvida a gravidade da pandemia e a super notificação de número de óbitos. Lembrando que, na época, esta vacina já era administrada nos Estados Unidos. Em outro momento, o presidente reforça que ele já tem imunidade contra este vírus, então não há motivos para se vacinar: “Algumas pessoas dizem que estou dando um mau exemplo, mas para os imbecis e idiotas que dizem isso, digo que já peguei o vírus, tenho os anticorpos, então por que me vacinar?” (DANIELS, 2021).

As consequências destas desinformações são visíveis. Segundo uma pesquisa realizada em dezembro daquele ano, pela Datafolha, revelou que 22% dos brasileiros disseram que iriam se recusar a tomar qualquer vacina contra a Covid-19, contra 9% no mês de agosto daquele ano. Outra desinformação dada pelo governo brasileiro, diz respeito aos dados de internações das juventudes por Covid-19. De acordo com o Ministério da Saúde, no ano de 2020, foram internados por Síndrome Respiratória Aguda Grave, incluindo infecções por Covid: 27 mil internações de mulheres e 24 mil internações de homens, entre 20 e 29 anos; e entre os 6 aos

19 anos, foram mais de 16 mil meninas e 15 mil meninos internados. Estes dados contradizem as declarações do governo à época, onde afirmavam erroneamente que a doença atingia apenas idosos e pessoas portadoras de doenças pré-existentes (CASTRO, 2021). Segundo a pesquisa *Juventudes e Pandemia do Coronavírus (2020)*, realizada em 21.201 jovens estudantes, identificou-se que 37% afirmam que falta clareza nas orientações dadas pelas autoridades, e 61% afirmam que os dados de infectados no Brasil não refletem a realidade, pois acreditam que exista subnotificações.

Segundo os estudos sobre a criança e adolescente da Fiocruz (2020), as consequências da pandemia de COVID-19 sobre este público no Brasil, igualmente em outros países da América Latina, têm condições mais favoráveis ao risco de aumento na morbimortalidade do que em outros países europeus e da América do Norte, o que contradiz o senso comum ao afirmar que estes não são alvo da Covi-19. E, segundo estudos da Fiocruz, as implicações da pandemia nestes sujeitos são inúmeras, e eles têm efeitos diretos (a doença da Covid-19) e indiretos, tais como: i – perda no ensino e na convivência social, devido ao fechamento das escolas, em geral; ii – aumento do distanciamento familiar, incluindo amigos e rede de apoio, gerando maior vulnerabilidade; iii – problemas emocionais como o estresse, depressão e ansiedade; iv – crescimento exponencial da violência contra o menor e redução na procura de serviços protetivos, entre outros (FIOCRUZ, 2020).

Embora a OMS e organizações da sociedade civil estejam coordenando ações contínuas para minimizar o surto da Covid-19, uma “epidemia global” de Fake News avança rapidamente pelos meios de comunicação e pelas mídias sociais. “Não estamos apenas lutando contra uma epidemia; estamos lutando contra um infodêmico”, disse o Diretor-Geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus (ZAROCOSTAS, 2020). Sabemos que estes esforços salvam vidas, porém, é notório que as Fake News, ao contrário, matam (FONSECA, 2020).

Segundo a OMS (2020, p. 2), infodemia é “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa”. Isso significa que há um excesso de informação ligado à pandemia e, logo, aparecem os rumores e as Fake News nas redes sociais, como um vírus (ZAROCOSTAS, 2020; OMS, 2020). Desse modo, esta superabundância de informações dificulta que os cidadãos diferenciem entre o que é verdade e o que é falso, impedindo encontrar fontes confiáveis. Desse modo, a taxa de contaminados e óbitos crescerão, as pessoas ficarão desorientadas e poderão fazer uso de tratamentos equivocados, que não têm eficácia e não são comprovados cientificamente. A desinformação se tornou um grave risco à saúde (THE LANCET, 2020).

De acordo com Bontcheva e Posetti (2020), existe um outro fenômeno nesse quadro, a “Desinfodemia”. Trata exclusivamente da desinformação referente aos temas e os impactos da Covid-19. Este tipo de desinformação sobre a COVID-19 gera obscuridade na área médica, e rápido impacto na sociedade.

Todas essas questões tornam-se cruciais para nos ajudar a pensar sobre os malefícios que a desinformação pode gerar para e nas juventudes, e como elas são afetadas, conforme vislumbramos nas diversas narrativas que induzem a desacreditar na ciência, nas vacinas, na gravidade da doença, na adesão à práticas preventivas e protetivas, entre outras (CORDEIRO et al., 2021). Por fim, apresentaremos o percurso metodológico realizado durante a coleta de dados da pesquisa qualitativa a análise dos dados com base em nosso referencial teórico, e nas evidências dos resultados dos questionários e das entrevistas.

CAPÍTULO 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem por intuito identificar e analisar como jovens estudantes do Ensino Médio leem, identificam e discutem as desinformações geradas pelas Fake News, sobretudo no ciberespaço; compreender e analisar, do ponto de vista sociocultural, quem são os sujeitos afetados pelas Fake News; identificar em quais espaços tem ocorrido a leitura e a discussão das informações geradas pelas Fake News sobre a Covid-19; e como as juventudes têm sido afetadas por tal fenômeno midiático.

Desse modo, apresentamos, neste capítulo, o tratamento metodológico conferido à investigação que foi delineada em duas dimensões: a primeira dimensão refere-se à revisão da literatura, que teve por intuito ampliar o conhecimento sobre as práticas de leitura no ciberespaço, sobre as juventudes midiáticas e sobre o fenômeno das Fake News. Ademais, por se tratar de um fenômeno recente, nossa estratégia se pautou na leitura e fichamento de artigos, monografias, dissertações e teses de pesquisadores provenientes de áreas distintas, e que dialogam com estudos sociais, linguísticos, informacionais, políticos, educacionais, com foco nas juventudes, Fake News e práticas de leitura midiática.

Na segunda dimensão, trataremos dos dados sob uma ótica qualitativa, a partir da relação sociocomunicativa que acontece no espaço virtual, atentos aos sentidos, que não são transparentes, e às relações que extrapolam a dimensão instrumental dos meios, e que se constroem nas práticas comunicativas, e assim obtermos dados analisáveis.

A convergência juventude/escola/Fake News foi ponto de partida de nossas indagações, tema que foi ampliado no percurso heurístico. Assim, o entrelaçamento entre as vivências juvenis na internet, escola, práticas de leitura, comunicação midiática, Fake News e pandemia da Covid-19, dentre outras, foi privilegiado. Com vistas a desenvolver / compreender o nosso objeto de estudo e os modos de se ler Fake News, a perspectiva metodológica buscou acentuar a compreensão dos processos midiáticos e socializadores, partindo dos sujeitos jovens.

4.1. Abordagem quantitativa e qualitativa da pesquisa

Nesse sentido, adotamos primordialmente em nossa metodologia de pesquisa a abordagem qualitativa, pois, os fenômenos das leituras juvenis midiáticas que foram observadas e registradas só podem ser compreendidos na construção social, nas inter-relações que surgem em um dado contexto e temporalidade, suprimindo “[...] a possibilidade de se

identificar relações lineares de causa e efeito e de se fazer generalizações de tipo estatístico” (ALVES, 1991, p.54). Além disso, a pesquisa de abordagem qualitativa visa:

[...] esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta, o que estão fazendo ou o que está lhes acontecendo em termos que tenham sentido e que ofereça uma visão rica. As interações e os documentos são considerados como formas de constituir, de forma conjunta (ou conflituosa), processos e artefatos sociais (BARBOUR, 2009, p.12).

Para Flick (2013), o objetivo da pesquisa qualitativa é descobrir novos aspectos na situação pesquisada e construir hipóteses ou teorias a partir das descobertas, por isso ela deve ser mais aberta e não padronizada.

Esta dissertação compreende um estudo de caso comparativo. Segundo Minayo (2014), os estudos de caso usufruem de procedimentos investigativos de caráter qualitativo para mapear, detalhar e analisar o contexto, as vinculações e as compreensões referente à situação ou fenômeno em questão.

A pesquisa qualitativa utiliza o universo dos significados, das expectativas, das crenças e dos valores. Esse complexo de fenômenos humanos é percebido aqui como parte da realidade social, pois os sujeitos se diferenciam a partir do agir, do pensar e das interpretações de decisões dentro e a partir da realidade experienciada e compartilhadas com seus próximos (MINAYO, 2002).

O estudo exploratório tem por intuito proporcionar melhor proximidade entre o(a) pesquisador(a) e o problema, além de propiciar uma análise do tipo aproximativo, acerca de determinado fato (GIL, 1989).

Para conduzir nossa pesquisa, optamos pelo procedimento metodológico de levantamento on-line. Neste sentido, corroboramos com Flick (2013, p.26) quando afirma que “as novas formas de comunicação virtual facilitam a realização colaborativa da pesquisa”.

Pensando na escolha do método de coleta, optamos pela combinação de duas abordagens, a quantitativa e a qualitativa (FLICK, 2009), através de um questionário com perguntas fechadas e abertas (seção 4.3). Este questionário teve como finalidade obter aspectos estruturais gerais. E um segundo momento, realizamos entrevista semiestruturada online síncronica, através de formulações de perguntas (seção 4.4), privilegiando o método estudo de caso. O estudo de caso é definido pelo estudo profundo e minucioso de um ou de poucos objetos, de modo a permitir conhecimento aprofundado e pormenorizado do mesmo (GIL, 1989).

Nesta investigação, adotaremos a perspectiva da hermenêutica dialética, pois acreditamos que ela é capaz de fornecer fundamentos para a percepção do sentido da comunicação, por meio da intersubjetividade. A hermenêutica dialética faz o resumo dos processos compreensivos e críticos. A hermenêutica empenha-se junto à comunicação da vida rotineira e do senso comum, e baseia-se nas seguintes noções: a experiência cultural, experiências, sentidos compartilhados e símbolos (MINAYO, 2014).

A hermenêutica dialética é um método que proporciona uma ação crítica referente aos dados empíricos, levando em consideração o aspecto histórico e espacial sujeito ao saber construído. Assim, procura-se superar visões superficiais e distinções da realidade, fazendo uso de múltiplos métodos e ávida para descobrir fenômenos complexos, através da combinação de técnicas qualitativas e quantitativas (MINAYO, 2002).

Todas as questões formuladas para o questionário e para a entrevista foram construídas baseadas em nosso referencial teórico, em métodos existentes (ARAÚJO, 2016; SOUSA, 2014) e adaptando as perguntas às circunstâncias concretas do nosso estudo (FLICK, 2013), de maneira semiestruturada, aberta e extensiva. Acreditamos que este método empírico nos permitiu vislumbrar o campo e os fenômenos sociais que esta pesquisa se propôs tratar, como também, características e peculiaridades sociocomunicativas. E dos resultados, pudemos suceder explicações, descrições, *insights* a serem apropriados e compreendidos por meio de nosso objeto de estudo, as práticas de leitura de Fake News sobre a Covid-19. De acordo com Flick (2009), isso é possível, pois esses métodos podem convergir entre si, de modo a complementar um ao outro.

Alinhando-nos a essa concepção, esta pesquisa pretende focar-se nos jovens pertencentes a duas instituições escolares, uma da rede particular e uma da rede pública, de modo a produzir um relato detalhado e comparativo sobre as situações e os discursos que vamos observar, no intuito de produzir conhecimento sobre os leitores sobre as realidades estudadas.

O caminho teórico-metodológico priorizou compreensões sobre o contemporâneo processo estrutural de singularização, a partir de múltiplas vivências juvenis (PRETTO, 2011), pois o espaço midiático é veículo transversal no cotidiano desta juventude analisada, dimensão que está relacionada, de diversas formas, e associada a outros espaços socializadores como a família, a escola e lazer (SETTON, 2009).

A metodologia adotada neste estudo não nos permitirá fazer generalizações únicas ou chegar a conclusões finais sobre esse tema. No entanto, buscaremos, durante nosso processo investigativo, apontar questões merecedoras de maior atenção em pesquisa futuras. A seguir,

descreveremos o processo investigativo da pesquisa e as adversidades que tiveram que ser superadas, devido a realidade pandêmica.

4.2 Mudanças no processo investigativo: impactos da pandemia da Covid-19

Para iniciarmos a pesquisa em campo, elaboramos um planejamento de trabalho. Nesta etapa, nos preocupamos quanto à mobilização das instituições, tendo em vista o recrutamento de voluntários, a elaboração das entrevistas e roteiro das atividades que seriam desenvolvidas em grupo.

Inicialmente, antes das orientações sanitárias sobre o distanciamento social (prática adotada para o enfrentamento da Covid-19, iniciadas em 11 de março de 2020), a proposta metodológica aconteceria em três fases: primeira fase, observação participante (onde a pesquisadora observaria os jovens em suas atividades dentro da escola, ou seja, *in loco*); segunda fase, realização de entrevistas semiestruturadas; e terceira fase, atividades grupais, que aconteceriam no Laboratório de Informática da escola ou em uma sala da própria instituição escolar, que tivesse acesso à internet. As atividades grupais aconteceriam no espaço virtual (online, síncronas), especificamente em uma rede social que os jovens mais se identificavam e, desse modo, as discussões seriam norteadas ao redor de um *corpus* teórico de Fake News sobre um tema sugerido, através de materiais de estímulo pré-selecionados pela pesquisadora (imagens, enunciados, vídeos, memes, dentre outros).

Conforme as normas da BNCC (2017), dependendo da relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, podem ser criadas situações de trabalho mais colaborativas, que se organizem com base nos interesses dos estudantes e favoreçam seu protagonismo. Algumas das possibilidades de articulação entre as áreas do conhecimento são:

Laboratórios: supõem atividades que envolvem observação, experimentação e produção em uma área de estudo e/ou o desenvolvimento de práticas de um determinado campo (línguas, jornalismo, comunicação e mídia, humanidades, ciências da natureza, matemática etc.) (BRASIL, 2017, p. 472).

Quanto ao procedimento metodológico, partiríamos da análise sistemática das questões desta pesquisa, por meio de um método empírico e grupos focais, pois este método nos permitiria vislumbrar o campo e os fenômenos (FLICK, 2013).

O critério de atividade grupal online síncrona justificou-se primeiro porque tinha o propósito de aproximação da situação real em que o jovem vive nas redes sociais. Segundo para

que, após a aplicação do método, a pesquisadora pudesse ter acesso a todos os computadores, e assim obter e registrar as informações e caminhos traçados pelos alunos (likes, shares, recomendações, compartilhamentos, sites de pesquisa, entre outros) durante as discussões online, além de documentar os efeitos das intervenções e tratamentos, em uma base empírica.

Nesta pesquisa, selecionamos o método de grupos focais, por considerarmos apropriado para o nível de complexidade dos dados e alcance das questões deste estudo – desde a amostragem, até a coleta e a análise (FLICK, 2013). Os grupos focais podem ser incorporados a variados métodos (BARBOUR, 2009). Na pesquisa social, existem três maneiras primordiais de coleta de dados: primeiro, fazendo perguntas aos sujeitos, através de pesquisas de levantamento e entrevistas, observação de campo e análise de documentos. Desse modo, nossa pesquisa de campo pretende usufruir destes três instrumentos, de modo semiestruturado, e que será dividida em três fases:

✚ Primeira Fase: Observação Participante

Este instrumento de observação de campo será utilizado em todo o processo de coleta de dados. Pretendemos, por meio deste instrumento, compreender o ambiente escolar, assistindo algumas aulas e durante o processo de grupo focal que acontecerá no laboratório. Ao mesmo tempo, observar as interações entre os jovens e as relações que eles estabelecem com os dispositivos eletrônicos e a mídia (FLICK, 2013).

✚ Segunda Fase: Entrevistas Semiestruturadas

Nesta fase investigativa, optamos por uma entrevista semiestruturada, de forma não padronizada para coleta de dados verbais. Para Barbour (2009, p.55), “Na análise da integração grupal, é importante, portanto, examinar as vozes individuais na discussão”. Serão elaboradas algumas perguntas onde os entrevistados possam responder de modo mais livre e extensivo o quanto desejarem. De acordo com Flick (2013, p. 115-116):

O objetivo da entrevista é obter visões individuais dos entrevistados sobre um tema. [...]. Se suas respostas não forem suficientes ricas, o entrevistador deve sondar mais. [...]perguntas abertas devem ser combinadas com perguntas focadas, que destinam a conduzir os entrevistados além das respostas gerais e superficiais e a introduzir temas que eles não teriam mencionado espontaneamente.

A partir disso, construímos um roteiro baseado em método existente (ARAÚJO, 2016; SOUSA, 2014) adaptando as perguntas a circunstâncias concretas do nosso estudo (FLICK, 2013) de maneira semiestruturada, aberta e extensiva.

✚ Terceira Fase: Grupos Focais

O método de grupo focal é uma outra forma de coletar dados verbais, é entendido como: “Qualquer discussão de grupo pode ser chamada de um grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando às interações do grupo” (Kitsner e Barbour, 1999 *apud* BARBOUR, 2009, p.21). Para a integração do grupo o pesquisador estimulará os participantes a discussões entre si, geradoras de ponto de vista diferentes, experiências diversificadas, insights e integração do grupo. Outro ponto importante destaca “[...] a preparação necessária ao desenvolvimento de um guia de tópicos (roteiro) e a seleção de materiais de estímulo que incentiva a integração [...] para garantir que os participantes tenham o suficiente em comum entre si [...]” (BARBOUR, 2009, p. 21).

Apesar da nossa pesquisa usar as redes sociais online para visualizar os fenômenos, a realização desta pesquisa se daria privilegiadamente *in loco*. Essa decisão se justifica primeiramente, pelo fato de nossos participantes serem jovens que se encontravam regularmente na instituição escolar, o que facilita os encontros. Segundo, porque desejávamos explorar e analisar as questões de pesquisa a partir das experiências de vida que acontece na relação entre o midiático-escolar, que seriam observadas online e off-line. E por último, porque as escolas selecionadas possuem laboratórios de informática com ferramentas tecnológicas, como computadores e acesso à internet, que permitiria que este estudo se tornasse viável (FLICK, 2013). Mas devido à pandemia mundial, um novo *locus* – que já existia – impôs-se às escolas, que pela primeira vez, obrigou o funcionamento escolar virtual em escala mundial. É esse locus virtual que determina nossa pesquisa, porque produz novos modos de existir e ser das juventudes.

Por outro lado, por razões práticas, durante o processo investigativo, caso fosse necessário, criaríamos grupos em redes sociais para driblar as limitações da pesquisa *in loco*. Claro, que tudo isso deveria ser acordado entre todos os envolvidos da pesquisa e desde que as atividades em rede tivessem o propósito de ser usada como uma ferramenta metodológica para tratar as questões que envolvem este estudo.

Foram selecionados jovens alunos de duas escolas de Belo Horizonte e que contemplam o Ensino Médio: uma da rede pública de ensino, Escola Estadual Professor Alvo Dumbledore⁶⁵ e outra da rede particular, Escola Sonserina⁶⁶ (de modo a configurar diferentes níveis socioeconômicos). A escolha de duas escolas de natureza distintas para a coleta de dados se deve ao fato que a escola é um “local de sociabilidade, de encontro, de construção de identidades e imagens de si, de aprender a burlar regras, de escapar ao controle adulto, de criar um espaço de autonomia e construção próprios” (CORTI, 2014, p. 322-323).

Além disso, ela contempla as mais diversas vivências juvenis tais como: raça, gênero, classe social, acesso à cultura midiática, acesso as comunidades virtuais, entre outras situações (SOUSA, 2014). Por isso, a natureza distinta destes espaços nos levará a compreender as situações diferenciadas que ocorrem com o processo de midiatização das práticas de leitura de Fake News.

Diante disso, como o interesse de nossa pesquisa são jovens, optamos por pesquisar e selecionar jovens midiatizados que estejam matriculados nas turmas do primeiro, segundo ou terceiro ano do Ensino Médio (idades entre 15 a 18 anos). O critério desta seleção se justifica, pois, para investigarmos os modos de leitura de Fake News nas redes sociais, implica que estes alunos já façam uso dos dispositivos eletrônicos, com acesso livre da internet e que estejam inseridos de algum modo nas redes sociais. Mesmo que a pesquisadora não tenha pré-selecionado os jovens que se voluntariaram, ela teve o cuidado de incluir diferentes classes sociais, raças e gêneros.

Com base nessa prerrogativa, a escolha de duas instituições, uma da rede particular e a outra pública, se deve ao fato de que a primeira, geralmente apresenta jovens alunos que podem ter mais acesso à informação, acesso à internet e condições econômicas para adquirir vários dispositivos digitais (smartphone, tablet, E-book e gamers). A segunda instituição selecionada, geralmente apresenta jovens de estratos econômico mais baixo, o que pode inviabilizar ou dificultar o acesso à internet e aquisição de dispositivos digitais.

Os primeiros contatos com as instituições escolares de Belo Horizonte foram realizados no final do ano de 2019, através de contatos telefônicos e em seguida, através de e-mails, onde foi enviado uma carta convite aos diretores (APÊNDICE 1). As instituições que concordaram, agendaram uma data para a visita. Dessa forma, a pesquisadora visitou as escolas e pode explicar os objetivos e procedimentos metodológicos do projeto. Ao concordarem com o

⁶⁵ Nome fictício para preservar a identidade da escola.

⁶⁶ Idem.

projeto, os responsáveis por ambas as instituições formalizaram sua colaboração junto a pesquisa por meio da assinatura do Termo de Anuência.

O primeiro contato com os pais ou responsáveis dos alunos do Ensino Médio foi feito pela escola, conforme solicitado pela própria direção. Isto porque todos os participantes são menores de idade e por isso os responsáveis pelas escolas decidiram entrar em contato primeiro com os pais e depois da autorização deles, entrar em contato com os alunos. Desse modo, no mês de fevereiro de 2020, as escolas entraram em contato com alguns pais dos alunos do primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio perguntando se seus filhos poderiam participar da pesquisa. Esse contato foi formalizado por e-mail e contato telefônico. Todos os pais receberam uma carta-convite (APÊNDICE 6) e um vídeo desenvolvidos pela pesquisadora, contendo explicações de como seria a pesquisa. Entretanto, no dia 11 de março de 2020 é decretado pandemia da Covid-19 pela OMS⁶⁷. E no dia 20 de março de 2020, o governado de Minas Gerais anuncia decreto de calamidade pública e restrições ao comércio, transporte e educação⁶⁸. O que significou o fechamento das escolas por tempo indeterminado. Aproximamos do mês de agosto de 2021 e os dados da pandemia da Covid-19 no Brasil continuam preocupantes. Houve alguns indícios de melhora no quadro pandêmico no Brasil apenas por volta de agosto de 2021, desde o início oficial em março de 2020 (em Minas Gerais), mas boa parte das escolas no Brasil continuam fechadas em 2021, ou seja, as escolas em grande parte estão funcionando remotamente⁶⁹ ou no modo híbrido⁷⁰.

Neste momento, por conta da pandemia da Covid-19, o processo investigativo desta pesquisa teve que ser repensado e adaptado para o modo online (solução encontrada para driblar as limitações da pesquisa *in loco*). Um dos primeiros dilemas foi em relação a assinatura dos Termos de Autorização, tais como, Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE 3 E 2) e Termo de autorização de uso de imagem e depoimento do menor (APÊNDICE 5) para autorizar a participação do jovem na pesquisa. Apenas com a assinatura de todos os Termos era possível iniciar a coleta de dados nas dependências da escola do aluno voluntário. Então, as soluções encontradas e orientadas pelo Comitê de Ética, foram de que, para que as pesquisas não sofressem impedimentos em seu desenvolvimento prático, as autorizações

⁶⁷ Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>.

⁶⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/03/20/coronavirus-zema-anuncia-decreto-de-calamidade-publica-e-restricoes-ao-comercio-transporte-e-educacao-em-minas.ghtml>

⁶⁹ Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/manifesto-unicef-unesco-opas-oms-reabertura-segura-das-escolas>.

⁷⁰ O ensino híbrido é um método de ensino que uni dois elementos, o ensino presencial e o ensino virtual. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/o-que-e-ensino-hibrido>

dos pais/responsáveis legais poderiam a partir daquele momento ser enviadas por e-mail ou preenchido pelo formulário online (APÊNDICE 4).

Em segundo lugar, a atualização temática imperou em nossa pesquisa, dado que a Covid-19, além de fenômeno pandêmico, é fenômeno de transformação social, e por isso, também educacional. A Covid-19, era e é algo que estava e ainda está muito presente em nosso dia-a-dia e também porque surgiram desde o seu início várias Fake News sobre a Covid-19. De tal modo, que a OMS (2020), junto com diversos pesquisadores do mundo todo, desenvolveu um documento onde orientam a população quanto ao excesso informacional, denominado de Infodemia.

Além disso, ressaltamos que a escolha da temática da Fake News sobre a Covid-19 deve-se ao fato que ela pode ilustrar o nosso objeto de estudo. Além disso, o tema Covid-19 tem sido alvo das Fake News, gerando polêmicas e desinformação, principalmente no Brasil, envolvendo desde chefes de Estado, governantes e Presidentes e que por isso tem provocado sérios agravamentos na pandemia da Covid-19, como crise sanitária, discurso de ódio, ataques contra a ciência, polarização ideológica e política, aumento exponencial no número de óbitos, entre outros. E finalmente, porque segundo as diretrizes da BNCC nos orienta, enquanto educadores, a discutir sobre questões atuais no currículo escolar (BRASIL, 2017).

O terceiro dilema da pesquisa se refere as etapas do processo metodológico. A solução para esta problemática foi desenvolver um questionário, onde pudesse coletar as primeiras impressões sobre as juventudes e sobre o objeto de estudo e uma entrevista semiestruturada on-line sincrônica. Desse modo, durante as entrevistas, buscamos abarcar os elementos que pudessem envolver os modos de leitura das juventudes sobre Fake News para, desse modo, compreendermos o que é a leitura em rede em tempos de desinformação, acentuado pelo contexto pandêmico da Covid-19, além de compreender quem são os sujeitos leitores e quais os sentidos e relações que são estabelecidos entre o leitor e o texto de conteúdo falso, e como são afetados por ele, obtidos através do relato de suas próprias vivências.

Destacamos que devido às restrições sociais, não foi possível visitar as escolas e observar o dia a dia dos alunos na instituição. Assim, comunicamos os Diretores, coordenadoras pedagógicas, estudantes voluntários e pais dos alunos voluntários sobre as mudanças e adaptações no processo metodológico.

Diante do exposto, após estas tomadas de decisões, retomamos os contatos com os pais por e-mail e pelo whatsapp (APÊNDICE 7) e conseguimos todas as autorizações nos meses de maio e junho de 2020, o que levou algum tempo, devido à adaptabilidade entre o antigo e o novo documental, imposto pela pandemia.

A partir da autorização dos pais dos alunos, através do preenchimento e assinatura no Formulário Google ou e-mail de autorização, os pais nos enviaram o contato dos jovens alunos e assim pudemos efetivar as primeiras tentativas de contato com os possíveis voluntários.

Após essas etapas supracitadas acima, com autorização dos pais, entramos em contato com os jovens alunos do Ensino Médio para confirmar o interesse em fazer parte da pesquisa. O primeiro contato com os jovens do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio da escola pública foi feito através da rede social WhatsApp (APÊNDICE 8). Enviamos uma mensagem reforçando o convite para participação como voluntário. O primeiro contato com os alunos do Ensino Médio da instituição particular aconteceu durante as aulas virtuais sincrônicas na modalidade remota na disciplina de língua portuguesa, por meio de uma apresentação e convite. Após essa apresentação, os alunos interessados, nos deram seus nomes e contato telefônico, para oficialização. Ao final, tivemos dez alunos da rede particular e dez alunos da rede pública que se voluntariaram para participar da primeira etapa da pesquisa. Destes alunos que se voluntariaram, apenas um de cada instituição não responderam o questionário enviado. Os questionários foram desenvolvidos no Formulário do Google (APÊNDICE 9) e enviados através de e-mails e contatos de WhatsApp dos alunos voluntariados.

Para a segunda fase, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas por vídeo conferência através do aplicativo do WhatsApp. No total foram entrevistados 14 alunos, sendo seis da escola particular e oito da escola pública, pois nesta fase, houve seis desistências, quatro desistências de alunos da escola particular e duas desistências de alunos da escola pública. As justificativas destas desistências dos alunos na participação da pesquisa foram: não conseguiram conciliar as atividades escolares, aulas online e provas com os horários agendados. Vale lembrar, que os horários das entrevistas foram combinados previamente com todos os alunos, porém mesmo com este agendamento não foi possível para estes alunos seis alunos conciliar todas estas atividades. As entrevistas aconteceram entre os meses de outubro e novembro de 2020. Destacamos que os jovens alunos, tanto do ensino público quanto do ensino particular, foram muito receptivos em todo o processo da pesquisa, respondendo todas as questões com a melhor excelência possível. O que, já aqui, neste exercício de entrevistas, põe destaque às duas escolas nas questões de letramentos juvenis.

Por último, a análise e a discussão dos resultados realizaram-se pelo confronto entre os dados e a epistemologia eleita, privilegiando as práticas de leitura das Fake News das juventudes, através dos suportes digitais e da rede on-line. A sistematização dos dados nos permitiu colocar em evidência principalmente o nosso eixo temático, Fake News sobre a Covid-19, na relação com nossas indagações, quais sejam, triangular reflexões sobre juventude, leitura

e (des)informação na mídia. Iniciamos com a sistematização dos dados coletados através do questionário, pois nos trouxe uma visão geral de nossas problemáticas. E em seguida, iniciamos o tratamento dos resultados obtidos através das entrevistas.

A seguir, descreveremos as duas fases do procedimento metodológico.

4.3 Primeira Fase: Aplicação do Questionário

Nesta fase, elaboramos um questionário composto de questões de múltipla escolha com perguntas fechadas e algumas abertas, registrado em um Formulário Google. Foram no total 20 questionários preenchidos, com 89 questões para serem preenchidas, sendo que em todas as questões foi dada opção de responder e acrescentar abertamente. O que nos permitiu um tratamento quantitativo e qualitativo dos resultados dos jovens leitores.

Todas as questões formuladas para o questionário e para a entrevista foram construídas baseadas em nosso referencial teórico, em métodos existentes (ARAÚJO, 2016; SOUSA, 2014) e adaptando-as às circunstâncias concretas do nosso estudo (FLICK, 2013).

A construção do questionário contribuiu para que pudéssemos descrever as características gerais dos sujeitos pesquisados e também informações acerca de padrões de uso da Internet, atitudes e usos dos dispositivos digitais e mídia sociais, práticas de leitura midiática, informações relacionadas sobre a pandemia da Covid-19 e informações relacionadas à Fake News. Acreditamos que esses dados são importantes para os objetivos desta investigação e para a análise e correlação com o referencial teórico. A íntegra do questionário aplicado encontra-se no APÊNDICE 9.

A seguir apresentamos o questionário sociodemográfico que foi dividido didaticamente em seis blocos:

I. O PERFIL DO JOVEM
a) Nome, e-mail, contato, idade, sexo, estado civil
b) Pertencimento racial e religioso
c) Trabalho (tipo de ocupação)
d) Instituição Escolar que está cursando o Ensino Médio e ano escolar
e) Posses midiáticas: aparelhos digitais
II. PERFIL DOS FAMILIARES

<p>a) Nome, profissão, grau de escolaridade dos pais/responsáveis legais</p> <p>b) Renda familiar, familiares que residem juntos</p>
III. PRÁTICAS DE LEITURA E SOCIABILIDADE
<p>a) Cursos de formações: informática, computação, língua estrangeira e outros</p> <p>b) Práticas de leitura/culturais: gênero literário, hábitos de leitura, suportes e locais de leitura</p> <p>c) Práticas de sociabilidade: redes sociais e seus usos</p>
IV. PRÁTICAS MUDIÁTICAS: USOS DOS DISPOSITIVOS DIGITAIS
<p>a) Tempo e lugares de usos dos dispositivos midiáticos</p> <p>b) Acesso à rede e preferências midiáticas online</p> <p>c) Tipo de uso dos dispositivos digitais</p> <p>d) Práticas midiáticas: leitura, modos de participação social: interação com o conteúdo digital, likes, compartilhamentos, checagem de informação, entre outros</p> <p>e) Relação do midiático com a busca de informações/atualizações e com as atividades escolares.</p> <p>f) Compreensão geral sobre a internet e suas práticas</p>
V. INFORMAÇÕES RELACIONADAS A COVID-19
<p>a) Situações vivenciadas durante a pandemia</p> <p>b) Acesso à informação: veículo midiático, por outras instâncias, como escolar, familiar, entre outros</p>
VI. INFORMAÇÕES RELACIONADAS AS FAKE NEWS
<p>Conhecimento geral, confiabilidade, acesso e frequência as Fake News</p> <p>Tipos de interação com o conteúdo: likes, compartilhamento, entre outros</p>

Fonte: elaborada pela autora

4.4 Segunda Fase: Aplicação da Entrevista

Cumprido este processo, agendamos as entrevistas individualmente, com um grupo um pouco menor dos jovens alunos, dada uma baixa porcentagem de desistência. As entrevistas foram realizadas pela rede social de WhatsApp, por vídeo. Cada entrevista teve uma duração aproximada de uma hora e todas as entrevistas foram digitadas durante o processo. Todas as respostas fornecidas pelos jovens voluntários foram registradas durante o processo pela pesquisadora, não houve gravação dos áudios. O roteiro das entrevista semiestruturada se encontra no APÊNCIDE 10. Em seguida, passamos ao tratamento qualitativo dos resultados coletados.

Nesta fase investigativa, optamos por entrevistas semiestruturadas on-line sincrônicas, de forma não padronizada para coleta de dados verbais. Em todas as questões, os entrevistados responderam de modo livre e extensivo, o quanto desejaram.

Nesta fase, o objetivo principal foi aprofundar as questões do questionário, de modo a compreender as práticas de leitura das Fake News e o modo de ser jovem midiaticizado.

Esta entrevista foi realizada com 14 jovens. As questões das entrevistas foram divididas didaticamente em quatro blocos, a saber:

I. PERFIL DO JOVEM LEITOR
<ul style="list-style-type: none"> a) Perfil dos jovens b) Modos de ler na era digital c) O livro e os seus suportes d) Gênero literário e) Aprendizagem em rede f) Leitura e acesso à rede g) Família e a leitura h) Leitura de notícias
II. MODOS DE SER JOVEM NAS REDES SOCIAIS
<ul style="list-style-type: none"> a) Sociabilidades em mídiatizações b) Práticas de lazer juvenil em rede c) Aprendizado em rede d) Experiência e percepção de violência e polêmicas em rede
III. PERCEPÇÃO DAS JUVENTUDES SOBRE AS FAKE NEWS

- a) Compreensão sobre as Fake News e suas práticas
- b) Busca por informação/atualização sobre as Fake News
- c) Reconhecimento do efeito de sentido decorrente do uso das Fake News
- d) Percepção de causa e efeito da desinformação sobre a Covid-19
- e) Experiência e percepção das Fake News na escola
- f) Experiência e percepção das Fake News na família
- g) Experiência e percepção das Fake News na sociedade
- h) Experiência e percepção das Fake News na sua própria vida
- i) Imbricações entre os modos de ler e as práticas midiáticas de Fake News
- j) Práticas midiáticas de Fake News e os modos de interação com o conteúdo
- k) Fake News e a escola: os efeitos da educação midiática
- l) Experiência e percepção da desinformação nas redes sociais
- m) Compreensão sobre os algoritmos no embricamento com as Fake News
- n) Compreensão sobre as bolhas sociais no imbricamento com as Fake News

IV. O IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NAS JUVENTUDES

- a) Compreensão sobre a pandemia da Covid-19
- b) Busca por informação/atualização sobre a Covid-19
- c) Experiência escolar em tempos de pandemia da Covid-19
- d) Hábitos escolares em tempos de pandemia
- e) Crise na aprendizagem: problemas na qualidade e equidade
- f) Impactos emocionais e sociais da pandemia da Covid-19

Fonte: elaborada pela autora

E por fim, na próxima seção apresentamos resultados e iniciamos reflexões e análises do levantamento on-line realizado com os jovens participantes da pesquisa, visando debater as questões, o campo e os fenômenos. A análise dos dados foi feita com base em nosso referencial teórico e nas evidências dos testes aplicados. A partir dessa trajetória analítico-interpretativa, acreditamos ser possível inferir tendências e/ou apontar hipóteses explicativas sobre o caso estudado.

CAPÍTULO 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos a partir dos dois instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa: questionário e entrevista semiestruturada. Aqui, propomos nos valer de nossa perspectiva teórica para pensarmos o nosso objeto de estudo, como os jovens leem Fake News sobre Covid-19.

A última fase do processo metodológico abarca a organização, a análise e a interpretação dos dados empíricos coletados nas etapas já descritas anteriormente, vinculando-os com os conceitos e com a literatura que são suporte da dissertação. Nesta etapa analítica, basear-nos-emos na perspectiva hermenêutico-dialética, método de análise de material qualitativo (MINAYO, 2014). A hermenêutica procura entender o fenômeno que está sendo investigado, a dialética, por sua vez, conceber o pensamento crítico.

Desse modo, a técnica hermenêutica-dialética tem o intuito de compreender as práticas, a linguagem e as relações sociais em um determinado momento, identificando interesses que os distanciam e os aproximam. Assim, essa abordagem dirige-se para os contextos da vida humana, procurando compreender a prática social dos indivíduos em sociedade em seu movimento discordante (MINAYO, 2014).

Na primeira seção 5.1 deste capítulo apresentamos os resultados e alguns apontamentos obtidos por meio do questionário sociodemográfico. Em seguida, na segunda seção 5.2, apresentamos os resultados de quatro entrevistas: duas entrevistas se referem aos alunos entrevistados da escola particular, “Escola Sonserina⁷¹” e duas entrevistas se referem aos alunos entrevistados da escola pública, “Escola Estadual Professor Alvo Dumbledore⁷²”, de forma a evidenciar suas trajetórias ou experiências juvenis midiaticizadas. Sublinhamos que, por ser um grupo pequeno, este universo não representa a população brasileira (FLICK, 2013). Nossa metodologia buscou analisar as narrativas dos jovens alunos, elucidando suas experiências singulares e respeitando expressões próprias de sua geração. Deste modo, pudemos compreender de maneira pormenorizada o material empírico, os sentidos e relações estabelecidos pelo cotidiano juvenil midiaticizado, procurando identificar as formas de ler as Fake News e considerando as práticas de comunicação virtuais destes jovens.

Nosso interesse, neste capítulo, é o de analisar as falas dos jovens enquanto sujeitos que consomem e produzem saber – sujeitos que se encontram num lugar de saber sobre sua realidade. Neste sentido, buscamos refletir os discursos e enunciados das juventudes,

⁷¹ Nome fictício para preservar a identidade da escola.

⁷² Nome fictício para preservar a identidade da escola.

vislumbrando-as como atores sociais, capazes de ser sujeitos transformadores e criadores no seu modo de ser jovem e no seu modo de ler o mundo (FREIRE, 1967). Contudo, para pensar as juventudes e suas práticas de leitura de Fake News é necessário analisá-las em seus espaços midiáticos e como eles são afetados pela desinformação no seu dia a dia. Do mesmo modo, é pertinente perceber como as vivências juvenis acontecem de forma concreta, levando em consideração que existem plurais formas de se experienciar o modo de ser jovem (DAYRELL, 2007).

5.1 Análise e Discussão dos questionários

Conforme já abordado no capítulo quatro sobre o processo metodológico, nesta pesquisa exploratória, a análise dos dados dos questionários visa ampliar nossas possibilidades explicativas, colaborando para indicar caminhos em direção a algumas hipóteses.

Os resultados que apresentamos a seguir, admitiu uma fase de tabulação dos dados coletados por meio do questionário, sendo transformados em números, porcentagens e gráficos, o que nos permitiu compreensão geral sobre o perfil das juventudes midiáticas e sobre o nosso objeto de estudo, as práticas de leitura de Fake News.

A finalidade desta pesquisa foi agregar informações que pudessem guardar relação direta com nossa pergunta de pesquisa. Dito isso, dada a amplitude das questões e das respostas do questionário, nossos esforços analíticos se centram em cinco eixos e alguns dos aspectos apresentados na seção 4.3, descritos a seguir:

O Bloco I – Perfil dos leitores. Este bloco do questionário refere-se à identificação do respondente. Optamos por incluir: idade, escola em que estuda, grau de escolaridade, gênero, religião renda familiar, tipo de ocupação e posses de dispositivo digital.

Voluntariaram-se, para a primeira fase da pesquisa, 20 jovens estudantes de duas escolas de Belo Horizonte, Minas Gerais e que contemplam o Ensino Médio: 50% sujeitos da rede pública de ensino, “Escola Estadual Professor Alvo Dumbledore” e 50% sujeitos da rede particular, “Escola Sonserina”. Esta fase aconteceu ao final do ano entre os meses de novembro e dezembro de 2020. Os jovens tinham entre 15 e 18 anos de idade, sendo 10% tinham 15 anos, 15% tinham 16 anos, 30% tinham 17 anos e 45% tinham 18 anos. Destes jovens 20% são do primeiro ano do Ensino Médio, 40% são do segundo ano do Ensino Médio e 40% são do terceiro ano do Ensino Médio, todos os jovens correspondem a idade escolar em curso. Sublinhamos que, tal regularidade nos anos escolares, não significa que estes jovens possuem experiências semelhantes em suas trajetórias.

Dos 20 participantes, 40% eram do sexo feminino e 60% eram do sexo masculino, todos solteiros. Uma das participantes se identificou como cisgênero. Destacamos que apesar de ter opção aberta após todas as questões, as respostas não se mostraram tão espontâneas. A instituição particular selecionada encontra-se na região centro-sul de Belo Horizonte, considerada um dos bairros mais nobres, com excelente infraestrutura urbana, comercial e cultural e índices sociais mais elevados. A instituição pública encontra-se na zona norte, na região da Pampulha, considerada um bairro residencial, e possui índices sociais mais baixos.

A religião dos participantes são: 30% evangélicos, 35% católicos, 15% espíritas, 15% ateus, 10% umbanda, 5% agnóstica, 5% deísta e 5% disseram não possuir religião.

Os jovens da rede particular prioritariamente são 90% brancos e 10% se identificaram como pardo. Na rede pública são prioritariamente negros 60%, 30% brancos e 10% pardo. Dois participantes assinalaram duas opções, e identificaram como pardos e negros. Sublinhamos que apesar de estar aberta esta questão, as respostas não se mostraram tão espontâneas.

Quanto à renda familiar dos jovens da rede particular: 10% família recebe até dois salários-mínimos, 40% famílias recebem de três até cinco salários-mínimos e 50% famílias recebem mais de seis salários-mínimos. Renda familiar dos jovens da rede pública: 20% famílias recebem até um salário-mínimo, 50% famílias recebem até dois salários-mínimos, 20% famílias recebem de três a cinco salários-mínimos e 10% família recebe mais de seis salários-mínimos.

No que concerne ao resultado geral, a quantidade de aparelhos de dispositivos digitais que cada participante possui: dos 20 participantes, 100% disseram ter celular próprio, 15% possuem tablet, 15% desktop, 65% notebook, 5% E-book e 35% console game. A quantidade de aparelhos de dispositivos digitais que cada participante da rede particular possui demonstra que 100% dos jovens possuem celular próprio, 30% dos jovens possuem tablet, 30% dos jovens possuem desktop, 80% dos jovens possuem notebook, 20% dos jovens possuem E-book e 40% dos jovens possui console game.

A quantidade de aparelhos de dispositivos digitais que cada participante da rede pública: 100% dos jovens possuem celular próprio, 40% possuem notebook e 20% dos jovens possui console game. Visivelmente são dispares o acesso a dispositivos digitais, o que nos leva a pensar que os jovens da escola pública, frente à virtualização da sala de aula, estudam majoritariamente pelo celular.

No que diz respeito às relações dos jovens com o mundo da leitura, no resultado geral, 95% dos jovens dizem que gostam de ler 5% diz que não gosta, destes 80% têm hábitos de leitura e 20% dizem não possuir hábitos de leitura. Dentre os jovens da rede particular, 80% afirmam ter hábitos de leitura e 20% dizem que não possui o hábito de ler. Dentre os jovens da rede pública, 70% afirmam ter hábitos de leitura e 30% dizem que não possui ter hábitos de leitura. Apesar dos jovens terem respondido no geral positivamente que gostam de ler, boa parte destes alunos não se consideram leitores, principalmente os jovens da rede pública. No resultado geral, 65% se consideram um leitor e 35% não se consideram um leitor. Dentre os jovens da rede particular, 80% se consideram um leitor e 20% não se consideram um leitor. Dentre os jovens da rede pública, 60% se consideram um leitor e 40% não se consideram um leitor. No entanto, os dados obtidos através das entrevistas, demonstraram que os jovens leem, quando ampliam a sua compreensão sobre o que é considerado leitura. Os dados obtidos através das entrevistas sobre aspectos da leitura, revelaram que, os jovens relacionam a prática de leitura ao livro.

Todos os participantes disseram possuir alguma rede social. Em relação as redes sociais, os jovens participantes da rede particular responderam que frequentam diariamente, 100% Whatsapp, 70% Instagram, 90% Youtube, 20% Facebook, 60% Twitter, 10% Letterbord, 10% Wattpad e 10% Pinterest. Os jovens da rede pública responderam que frequentam diariamente, 90% Whatsapp, 100% Instagram, 90% Youtube e 40% Facebook.

No que diz respeito aos usos dos dispositivos digitais, os jovens participantes da rede particular responderam que 100% usam para ler, 100% usam para fazer trabalhos escolares, pesquisar e estudar, 90% usam para participar das redes sociais, 100% para ver vídeos, 60% para jogar e 100% para ouvir música. Já os jovens da rede pública responderam que 90% usam para ler, 100% usam para fazer trabalhos escolares, pesquisar e estudar, 100% usam para participar das redes sociais, 100% para ver vídeos, 80% para jogar e 80 para ouvir música.

Já o **Bloco IV** – Práticas midiáticas: usos dos dispositivos digitais. Refere-se a informações sobre acesso e uso da Internet, ou seja, aos hábitos de consumo de conteúdos digitais.

Em relação às respostas dadas pelos jovens da rede particular, eles afirmaram que após ler ou receber as notícias, 60% têm o hábito de compartilhar com outras pessoas, 40% curti, 10% criam mêmes, 20% não faz nada, 70% pesquisa sobre o assunto e 80% averiguam a informação. Os jovens do ensino público, afirmaram que após ler ou receber as notícias, 30% têm o hábito e compartilhar com outras pessoas, 30% curti, 10% recomendam a notícia, 10%

criam mêmes, 60% não faz nada, 50% pesquisa sobre o assunto e 30% averigam a informação. Podemos identificar que tanto os jovens tanto da escola pública quanto da particular, procuram pesquisar e averiguar a informação que eles recebem, esse é um dado importante para nossa pesquisa, pois pode demonstrar um novo processo de leitura, que passa pela checagem e averiguação das fontes. Podemos inferir que as juventudes percebem o ambiente comunicacional midiático tendo o poder, tanto de ampliar o alcance global da internet, quanto ampliar o alcance das Fake News, exigindo uma averiguação dos fatos, caso ele não queira ser ludibriado com as falsas informações.

No **Bloco V** – Informações relacionadas a Covid-19. Nossos esforços concentraram-se em descobrir onde os jovens leem informações sobre a Covid-19.

No que concerne ao veículo midiático que costuma receber informações sobre a Covid-19, os jovens da rede particular disseram que 100% recebem notícias pela rede social, 40% recebem notícias através da família, o que podemos inferir que enviam por alguma rede social, 70% recebem notícias através do jornal da TV, 20% recebem notícias pelos amigos, 20% recebem notícias pela escola, 60% recebem ao pesquisar algo no Google e 10% recebem notícias pela televisão. Segundo Shu et al. (2017), à medida que cresce nossas interações na ambiência midiática através das mídias e redes sociais, amplia-se a procura e consumo por informações e deixamos de buscar por notícias por meio das organizações de notícias tradicionais. Essa modificação no comportamento dos consumidores é relativa as características dessas mídias sociais, isso porque o consumo de conteúdos nas mídias mostra-se mais rápido, mais barato e mais favorável, se comparado com os meios tradicionais, tal como o jornal e a tv; a mídia social facilita o compartilhamento e discussões com colegas e outros usuários.

Os jovens da rede pública disseram que 40% recebem notícias pela rede social, 20% recebem notícias através da família, o que podemos inferir que enviam por alguma rede social, 100% recebem notícias através do jornal da TV, 10% recebem notícias pelos amigos, 10% recebem notícias ao pesquisar algo no Google e 20% recebem notícias pela televisão. Podemos inferir que as redes sociais são hoje o canal preferido de acesso a notícias, a informações dos jovens. Destacamos que ao contrário da resposta dos jovens da rede particular, todo os jovens da rede pública, obtêm informação através dos jornais tradicionais da TV. Para Shu et al. (2017), embora as informações em rede sociais sejam mais rápidas e acessíveis, o autor alerta quanto a baixa qualidade da informação e circulação de falsas informações oportunizadas pelas mídias sociais, se comparado as informações obtidas pelas instituições jornalísticas. Os jornais tradicionais de TV são órgãos geralmente mais fiscalizados e por isso tem que se responsabilizar

legalmente pelos fatos comunicados aos consumidores. Na rede social, qualquer pessoa pode fabricar uma informação e transmiti-la como um fato verdadeiro (RECUERO, 2009). As redes sociais são, na atualidade, indispensáveis para o funcionamento das Fake News, é onde se encontram as melhores condições de produção e compartilhamento (GALHARDI, *et al.*, 2020).

E por último, **Bloco VI** – Informações relacionadas as Fake News. Esta questão procurou entender o quanto as informações que recebem nas mídias sociais são confiáveis, a frequência que recebem fake News e tipos os tipos de interação com o conteúdo: likes, compartilhamento, entre outros.

Em relação as práticas midiáticas, dentre elas, “curtir”, “compartilhar”, ou “recomendar”, ou “criar” informações e mensagens sem averiguar a procedência, os jovens do ensino particular responderam que 60% realizaram uma destas ações e 40% não realizou nenhuma destas ações.

Já os jovens da rede pública responderam que 60% realizaram uma destas ações e 40% não realizou nenhuma destas ações. Esse resultado mostra que nossas práticas de leitura de Fake News têm levado a mudanças significativas frente aos textos ou enunciados que nos chegam pelo ambiente midiático, mas ao mesmo tempo devido excesso da desinformação colocam os sujeitos vulneráveis a elas. A impulsividade da ação e o imediatismo nas diversas redes sociais, facilita a viralização de conteúdos falso (LEMOS; CUNHA, 2003). E o compartilhamento realizado não pode ser desfeito.

Em relação ao nosso objeto de nossa pesquisa, 100% dos jovens entrevistados disseram saber o que é fake News. Destes, 95% afirmaram que raramente compartilham fake News e 5% quase sempre compartilham. Sublinhamos que um único jovem respondeu que compartilha Fake News. Este jovem pertence a classe média alta, tem acesso à internet e estudo de qualidade, características que não impedem que um sujeito compartilhe Fake News, pois há vários aspectos que podem levar ao compartilhamento Fake News, dentre eles, as crenças nas falsas informações. O que retomaremos adiante.

Em relação às instâncias onde ouviu falar sobre as Fake News, os jovens da rede particular responderam que 70% na escola, 50% junto ao professor, 60% junto aos pais, 70% junto aos amigos, 70% na rede social, 20% na jornal da tv, 30% sozinho e 10% não se lembra.

Os jovens da escola pública 80% na escola, 40% junto ao professor, 30% junto aos pais, 40% junto aos amigos, 70% na rede social, 20% no jornal da tv e 40% sozinho. O resultado desta questão nos mostrou como é diverso os locais de discussão sobre as Fake News, mas em

particular destacamos a importância da escola e do professor, para que o jovem aluno compreenda o funcionamento e difusão das Fake News.

Na rede particular, 90% dos jovens entrevistados disseram que já receberam alguma Fake News, 10% disseram que nunca receberam. Na rede pública, 80% disseram que já receberam alguma Fake News, 20% não souberam dizer. Este resultado pode nos mostrar que os jovens que disseram que nunca receberam ou não souberam dizer se receberam alguma notícia ou enunciado de Fake News pode não saber ainda como identificá-las, não entendem como elas funcionam ou pode ser que o jovem acredita nas informações falsas que recebe.

Os jovens da rede particular responderam que ao receber as Fake News 30% não fazem nada, 10% deletam, 60% comunicaram a pessoa que compartilhador que aquilo era uma Fake News. Os jovens da rede pública responderam que ao receber as Fake News 40% não fazem nada, 20% deletam, 30% comunicaram a pessoa que compartilhador que aquilo era uma Fake News. Sublinhamos a ação proativa destes jovens que ao receberem as Fake News, procuram avisar ou talvez denunciar que aquela informação recebida é falsa. Essa é uma maneira de frear o impulso da disseminação das Fake News, a conscientização.

Neste resultado, 65% dos jovens não souberam dizer quando foi a última vez que receberam uma Fake News. Durante as entrevistas individuais, alguns jovens ao serem perguntados novamente esta questão, disseram que não sabiam dizer, pois eles procuram se inscrever em redes, ou acessar sites que consideram seguros e confiáveis, o que no entender destes jovens evita que cheguem até eles a desinformação.

Os jovens da rede particular afirmaram que 20% acreditam que a internet é confiável e 80% acreditam que as vezes a internet é confiável. Os jovens da rede pública afirmaram que 20% acreditam que a internet é confiável, 30% não acredita que ela seja confiável e 50% acreditam que as vezes a internet é confiável. Esse resultado será melhor avaliado mais adiante, para que possamos entender o que estes jovens levam em consideração, para dizer se um site ou uma informação é confiável ou se eles são falsos.

5.2 Análise e discussão das entrevistas

Conforme já abordado no capítulo sobre a metodologia (capítulo 4), nesta pesquisa exploratória, estamos analisando o material obtido nas entrevistas através da perspectiva hermenêutica dialética. Com essa estratégia investigativa, estamos ampliando nossa compreensão sobre o sentido da comunicação, levando em conta a subjetividade dos sujeitos.

Ou seja, esta estratégia de investigação qualitativa nos ajuda a mapear, descrever e analisar o contexto, as relações e as percepções a respeito da situação, o fenômeno em questão, através das vivências das juventudes, dos significados compartilhados, da linguagem e dos símbolos. E desse modo, obtemos alguns direcionamentos e hipóteses (MINAYO, 2014).

As questões das entrevistas foram divididas em quatro blocos (descritos na seção 4.4), mas nossos esforços analíticos se centram em dois deles: **Bloco 3** - “Percepção das Juventudes sobre as Fake News” e **Bloco 4** - “O impacto da Pandemia da Covid-19 nas Juventudes”. O Bloco 1 - “Perfil do Jovem leitor” e o Bloco 2 - “Modos de ser jovem nas redes sociais”, nos ajudaram apenas na caracterização das juventudes. Essa decisão se justifica por cremos que o Bloco 3 e 4 contém elementos fulcrais para apreender o objeto de nossas análises.

Podemos perceber, portanto, que os quatro alunos, dois da rede particular e dois da rede pública, nos mostraram elementos para se compreender o funcionamento das Fake News e a lógica informacional, que está atrelada à cultura do compartilhamento, dos likes, ampliada pela diversidade de conexões que pode ser estabelecida em uma sociedade em rede (CASTELLS, 2000). Assim, o crescimento da desinformação (ZAROCOSTAS, 2020) no decorrer de uma pandemia, nos alerta que a detecção das falsas notícias ainda é complexa e desafiadora, pois as Fake News possuem características únicas, específicas, o que transforma os algoritmos de detecção vezes insuficientes ou superficiais. Neste sentido, em resposta à nossa pergunta inicial –identificar e analisar como jovens estudantes do Ensino Médio leem, identificam e discutem as desinformações geradas pelas Fake News no ambiente midiático, foram muito profícuas.

Faz-se necessário saber algumas informações referente ao perfil dos quatro entrevistados. Os dois jovens entrevistados que pertencem à escola particular são: aluno Harry Potter e aluna Hermione Granger; e dois jovens entrevistados que pertencem à escola pública são: Luna Lovegood e Ronald Weasley⁷³. Todos os alunos são do Ensino Médio da cidade de Belo Horizonte, 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino, e todos são solteiros. Além disso, os dois alunos da instituição pública são negros e um aluno da escola particular se denomina branco e a aluna da escola particular se identifica como parda. Destes, 50% tem dezessete anos, 25% tem dezoito ano e 25% tem 15 anos. Dentre os alunos pesquisados, 50% se dizem evangélicos, 50% católicos e 25% afirmaram ser espírita.

⁷³ Sublinhamos que todos os nomes aqui citados são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

5.2.1 Compreensão sobre as Fake News e suas práticas

De início, queríamos saber se os jovens sabiam o que são as Fake News. Basicamente, todos os jovens responderam dizer que Fake News é uma notícia falsa. Apenas os dois alunos da escola particular disseram que as Fake News têm a intenção de prejudicar alguém.

Harry, aluno da escola particular, acrescenta: “É uma notícia que não procede, que não possui veracidade. Feita por pessoas mal-intencionadas que buscam, às vezes, por um viés político, propagar a desinformação”.

Todos os alunos afirmaram que as Fake News aparecem em todas as redes sociais. Seu principal veículo de propagação acontece pela rede social WhatsApp, em seguida citam o Twitter e Instagram. Apenas Hermione, aluna da rede particular, considera o Instagram e o Twitter como plataformas mais seguras contra a desinformação. De acordo com ela, estas redes sociais são mais fáceis para se descobrir a verdade, pois você tem acesso a amigos e notícias, que facilitam a verificação da informação. Por outro lado, a aluna Luna, da rede pública, afirma que apesar de não saber afirmar se alguma vez recebeu Fake News em suas mídias, ela consegue afirmar que existe Fake News em todas as redes sociais. Como Luna consegue afirmar isso, já que ela não tem o hábito de ver informações no WhatsApp? De acordo com ela, o fato de não acompanhar informações em rede sociais, tais como notícias sobre a Covid-19, pode blindá-la de receber desinformações.

As respostas de Luna têm coerência com as afirmações de Costa e Romanini (2019), de que as redes sociais são comparadas a um terreno muito fértil para propagação de informações falsas, e que, na atualidade, qualquer indivíduo, especializado ou não, é capaz de produzir e disseminar informação (JENKINS, 2009), sendo ela factível ou não, graças às novas práticas comunicacionais sociais digitais. Embora as informações em redes sejam mais acessíveis à população e mais velozes, ela também propicia a disseminação de informações falsas em grande escala (SHU *et al.*, 2017). As respostas dos alunos, de ambas escolas, vão unanimemente na direção dos estudos de Recuero (2009), quando assevera que as redes consistem em novas ambiências de circulação, recirculação e discussão de informações, com alto poder de viralidade de Fake News. Ainda sobre a totalidade das respostas, proferidas por discentes de grupos de realidades distintas, quer público ou privado, quer masculino, feminino ou cis gênero, verificou-se que as redes sociais são, na atualidade, indispensáveis para o funcionamento das Fake News, onde se encontram as melhores condições de produção e

compartilhamento (GALHARDI, *et al.*,2020). Diante disso, podemos inferir que seja improvável que a aluna Luna não receba desinformação. Talvez, o que esteja ocorrendo é que ela tenha dificuldades de identificar ou ler uma Fake News. Além disso, ela também pode estar em uma espécie de bolha social.

5.2.2 Imbricações entre os modos de ler e as práticas de Fake News

A qualidade das respostas dos(as) entrevistados(as) também revela que para ler, em tempos de Fake News, é imprescindível entender o que se lê. O leitor deve relacionar o seu conhecimento de mundo com o texto/discursos e comparar, dialogar e criticar as informações que recebe. A variedade de olhares sobre as respostas dos alunos corrobora que ler é dar um sentido amplo e articulado aos sentidos produzidos. Ler não é tentar encontrar o sentido desejado pelo autor (CHARTIER, 2011).

Em relação à leitura, 75% dos alunos entrevistados, afirmaram que para ser um leitor é preciso saber ler e entender o que se lê, 50% dos alunos afirmaram que é preciso ter hábito de leitura, mas Harry Potter, aluno da escola particular acrescenta que para ser um leitor é preciso conseguir fazer julgamento sobre o que se lê e não ser conduzido pelo texto. Por sua vez, Luna aluna da escola pública diz que para ser um leitor você precisa entreter-se enquanto lê. Essas linhas de respostas confirmam as hipóteses de Freire (1985; 1967), de que a leitura de um “texto” ou da “palavra”, deve se distanciar de uma compreensão mecânica de sentenças, descritiva e rígida. Além disso, para se conhecer o objeto que o texto fala, o leitor deve procurar entender, absorver, assimilar o seu sentido complexo, por vezes imperscrutável e constantemente questionável. É mais do que um saber ou um desvelar sobre o objeto ou a palavra, pressupõe um homem como um ser (na acepção de existir, integrado ao sentido basilar, o da criticidade) no mundo e com o mundo, uma atitude participativa, dialógica e compreensiva sobre o seu universo existencial. Tais entrevistados mostraram-se viver e ser a sua juventude nesse desafio de um contexto de letramento midiático, atento para as Fake News.

O resultado sugere que a leitura para os alunos é mais do que saber identificar as letras, é entender, conseguir interpretar é estabelecer um julgamento crítico sobre o que está lendo. As respostas das entrevistas produzem sentidos de que entender o sentido do que não está visível, claro, vai além da compreensão da gramática, da morfologia e da sintaxe. As entrevistas revelam que o leitor necessita buscar conhecer, se informar sobre a vida, e sobre o mundo o conhecimento. Entretanto, um leitor pode se prender ao sentido que lhe é dado, como foi o caso

da Hermione, aluna da escola particular, quando ela diz que um leitor precisa buscar o sentido construído pelo outro ou seja, buscar o sentido do autor.

Outro aspecto explorado na entrevista, toca a desconstrução das Fake News. Num mundo midiático, onde a desinformação tem imperado nas redes comunicativas, se faz necessário que outras habilidades se desenvolvam. Os modos de se ler as Fake News são analisadas a partir da maneira como os jovens leem e identificam as informações nas suas redes sociais. A partir das análises das entrevistas chegamos à conclusão de que, para se desmascarar Fake News, alguns aspectos são importantes, vejamos a seguir.

Primeiro, ler as informações nas mídias sociais implica em *checagem*, como esclarece o aluno Harry: “Verificar as contas e aí você tem certeza que foi aquele veículo que postou aquela informação”.

Segundo, ler implica em *credibilidade* do autor ou site, de quem publica o conteúdo na mídia, como explica o aluno Harry: “Sim, dependendo do veículo sim,” (falando sobre a necessidade da credibilidade do autor ou do site para identificar). O entrevistado continua: “mas se não está no meu círculo de amizade eu sou bem cético”.

Terceiro, ler informações nas mídias sociais implica em conhecer a *intencionalidade* do conteúdo publicado e seu **caráter bombástico**, como explica Harry Potter: “O jornalismo busca mostrar uma coisa mais chocante, tem um viés jornalístico que pode buscar a imparcialidade, mas as vezes acaba colocando ênfase no que nós queremos” e nesta frase o aluno Harry reconhece o caráter bombástico como uma forma de ler para assim identificar as Fake News.

Quarto, ler informações nas mídias implica conhecer se existe *autenticidade* no conteúdo midiático.

Quinto, ler implica reconhecer *leitura ingênua*. Ronaldo Weasley fala da leitura ingênua e leitura que implica confiança, e relata: “sim” (se referindo que confia nas informações que recebe nas mídias sociais. “É porque eu acho que sou muito ingênuo eu não procuro na fonte o que que é verdade e acabo acreditando. As vezes amigo manda sem querer e eu confio”. Segundo a The Lancet (2020), os produtores de Fake News procuram nossas encontrar nossas vulnerabilidades, e uma delas segundo Shu et al. (2017), revela que uma das nossas vulnerabilidades diz respeito ao realismo ingênuo, onde os consumidores tendem a acreditar que suas percepções da realidade são as únicas e as mais corretas, o que os levam a concluir que todos que pensam diferente dele, são desinformados, irracionais ou partidários; e o outro fator. É interessante, porque ao mesmo tempo que ele diz saber que existem várias formas de verificação de Fake News ou vários modos de ler a informação e assim identificar se é fato ou fake, ele opta por conversar com amigos para identificar se uma informação é falsa ou

verdadeira. Por várias vezes ele acredita que é devido sua ingenuidade. Segundo Tandoc Jr. et al. (2017) na maior parte do tempo, os leitores podem ignorar (ora propositadamente, ora por desconhecimento) as Fake News que encontram.

Sexto, a *leitura entre pares*. Para esta Luna Lovegood a leitura de informações midiáticas deve ser feita entre pares: “Eu confio assim que eu vejo no site e tem mais ou menos parecido em outros sites. Aí, eu vejo assim se está falando mais ou menos a verdade”. A leitura entre pares, refere-se a várias leituras, através de várias mídias sociais e plataformas. Aqui também entraria as mídias de rádio e TV.

Segundo Shu et al. (2017) e Recuero (2009), informação sem intenção de enganar, não é Fake News, e corroborando com Hermione: “Nenhum texto vai ser cem por cento parcial e aí o autor não consegue ser imparcial e nenhum jornalista também, por isso não podemos confiar em nenhuma notícia cem por cento”. Nesta última fala Hermione demonstra que não confia em nenhuma informação, ou seja, um modo de ler que implica credibilidade. Hermione só lê textos ou informações em quem ela confia.

5.2.3 Fake News e a escola: os efeitos da educação midiática

Quando questionados sobre onde discutiram ou ouviram sobre o assunto de notícias falsas, 75% afirmaram que discutiram sobre as Fake News na escola. Seguem alguns enunciados para asseverar essa conclusão.

Harry Potter: “Sim. Várias vezes no colégio, na disciplina do ensino religioso e um dos debates foi sobre conferir a veracidade da informação”.

Hermione: “Sim, que eu me lembre na escola, amigos e minha família”.

Luna Lovegood: “Sim. Na escola e com a minha irmã sobre Fake News. E na escola, foi quem? Com professor da escola e foi o de língua portuguesa e deu espaço pra falarmos o que achávamos sobre o assunto. Eu estava no nono ano e também falou no primeiro ano”.

É pertinente, neste ponto, tecer um elogio à atuação da escola no enfrentamento e compreensão das Fake News. Dado que o aluno aprendeu sobre Fake News na escola, aprendendo a lidar e a detectar a desinformação, é mérito das duas instituições escolares a conscientização dos alunos entrevistados graças à práticas de letramentos midiáticos trabalhadas essas instituições. Retomamos aqui, Eysenbach (2020), quando afirma que a educação para a mídia é identificada como um “antídoto” contra a desinformação.

5.2.4 Compreensão sobre os algoritmos e bolhas sociais no imbricamento com as Fake News

Os alunos foram perguntados se saberiam alguma coisa sobre algoritmos e bolhas sociais nas redes sociais, e qual seria a relação desses com as Fake News.

A maioria dos jovens não souberam dizer para que servia os algoritmos e as Bolhas nas redes sociais, e se havia alguma relação entre os algoritmos, as bolhas e as fake News

Apenas o jovem Harry soube responder sobre esta questão, pois sua irmã trabalha com monitoramento de padrões em rede. O trabalho de sua irmã identifica os movimentos ou engajamentos dos usuários que são impulsionados por algoritmos.

Harry Potter: “Bem, eles são gerados para impulsionar uma publicação ou não. Se teve um engajamento e a rede social teve um algoritmo pra perceber isso e espalhar pra mais pessoas. Sim, eles podem impulsionar uma fake News, e conseguir muitos engajamentos”. Este aluno demonstra que consegue identificar a finalidade dos algoritmos e seu poder de manipulação dos dados.

5.2.5 Compreensão sobre as bolhas sociais no imbricamento com as Fake News

No tocante as bolhas sociais, 75% não souberam explicar sobre este assunto. Apenas o aluno Harry, que nos explicou.

Harry Potter:

Tu segue o que te interessa, geralmente, aí você consegue criar a tua própria rede, a tua própria bolha. Os seus amigos veem e se sigo pessoas famosas que conheço eu recebo e tenho contato, nós criamos estas bolhas através da rede. É o poder de restrição que vai determinar a rede. Agente pode perceber que se a tua bolha não prioriza por veracidade e senso crítico, o poder da fake News você receberá mais publicações que não são veracidade, mas se tua bolha é saudável, com sites que prezem por informações verdadeiras, sua bolha será muito saudável.

Esta perspectiva nos ajuda avançar sobre o funcionamento das Fake News, no que tange ao efeito de câmara de eco nas redes sociais. Ela abre espaço para que qualquer usuário, especializado ou não, produza conteúdo informativo, capaz de atingir pessoas em massa, ou seja, antes a informação era mediada pelos profissionais da área, os jornalistas, e na atualidade,

acontece pela via desintermediada, qualquer pessoa que tenha acesso a rede (SHU et al., 2017; TANDOC JR.; LIM; LING, 2018.).

O entrevistado demonstra que a juventude tem certa noção de que as bolhas sociais online são construídas com o objetivo de aproximar os usuários com base na compatibilidade dos gostos, de crenças, de conhecimento, de ideologias, visões de mundo, deixando de existir o impedimento geográfico para que isso acontecesse. Nesse sentido, se os algoritmos de um perfil ecoam Fake News, funcionando como notícia verdadeira, já que ele replica as publicações baseadas no modo de pensar do usuário, isto significa, que se mantém na bolha um circuito de narrativas que ecoam preconceitos e visões de mundo a partir de equívocos (RECUERO, GRUZD, 2019).

São perceptíveis, nesse ponto da discussão, elementos próprios do conceito de pós-verdade, pois o indivíduo escolhe crer naquilo que satisfaz suas convicções ao invés de guiar-se pelo senso crítico. Este fator se dá pelo “viés cognitivo ou de dissonância cognitiva” ou por crenças pessoais. Esse é um dos agravamentos desse processo de desinformação, e potencialmente mais perigoso, pois se refere a indivíduos que tendem a insistir em crenças que consideram ser extensivamente compartilhadas, o que não significa que elas realmente sejam.

5.2.6 Compreensão sobre a pandemia da Covid-19

Em relação às informações sobre a Covid-19, 75% dos alunos afirmaram ter recebido algum tipo de Fake News sobre a Covid-19. Nas palavras dos alunos:

Harry Potter: “Sim. Já, eu recebi em um grupo de WhatsApp, sobre chás que curavam o corona, era um chá que dá na beira das estradas, e é considerado um anti-inflamatório, no Sul”.

Hermione: “Acho que sim. Teve um candidato no dia 7 setembro que inventou que o sorveteiro morreu porque ele tinha pego a covid e o político falou que havia morrido, e depois o sorveteiro apareceu na igreja que participo”.

Ronaldo Weasley: “Sim. Vacina, que já tinha achado ou o número de casos extremos, um milhão de pessoas em duas horas”.

Luna Lovegood: “Não. Eu não tenho certeza, eu não costumo ver essas notícias no WhatsApp. Eu costumo ver essas notícias na tv mesmo”.

Luna, não soube dizer, pois o lugar que obtêm informação é pelo noticiário, o que pra ela garante que seja informação verdadeira.

Autores como Galhardi *et al.* (2020) e Zaracostas (2020) demonstram preocupações quanto propagação de informações falsas, especificamente no campo da saúde isso não é um problema da atualidade. Isto porque exige ações rápidas para enfrentá-las nas redes sociais (ZAROCOSTAS, 2020). Na contemporaneidade, as Fake News tomaram proporções alarmantes, disseminando viralmente informações durante o surto da Covid-19, colocando em situação vulnerável a vida dos indivíduos (GALHARDI *et al.* 2020; SOUZA, 2020). Embora a OMS e organizações da sociedade civil estejam coordenando ações contínuas para minimizar o surto da Covid-19, uma “epidemia global” de Fake News avança rapidamente pelos meios de comunicação e pelas mídias sociais. “Não estamos apenas lutando contra uma epidemia; estamos lutando contra um infodêmico”, (diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus) (ZAROCOSTAS, 2020). Sabemos que estes esforços, salvam vidas, porém é notório que as Fake News ao contrário, mata (FONSECA, 2020).

É válido destacar que na contemporaneidade as Fake News têm melhores condições para a propagação de notícias falsas, privilegiadamente as redes soais. Um dos efeitos negativos dessa tendência é que ela vem acompanhada de um decréscimo da credibilidade dos veículos tradicionais, o que tem levado os leitores a procura de outras opções de fontes de informacionais, englobando blogs e mídias sociais. Como o espaço midiático e as redes sociais, permite que qualquer pessoa escreva ou publique o que deseja, isso pode deixar os leitores ainda mais suscetíveis a informações incompletas, falsas ou enganosas (CHEN, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o fenômeno das Fake News sobre a Covid-19, no decorrer de uma pandemia, é no mínimo desafiador, pois ele demanda uma abordagem transversal e multidisciplinar. Uma primeira conclusão desta pesquisa está no fato de que, no campo teórico-prático que se revela na interface entre educação e comunicação, verificamos que estamos muito distantes de soluções imediatas para o dilema das desinformações.

A pandemia da COVID-19 forçou os estudantes a passar mais tempo online e mais expostos as Fake News. No entanto, nossa pesquisa mostrou que a escola e os alunos se encontram despreparados e com dificuldades para averiguar as informações presentes na mídia. Graças à pandemia e à crescente desinformação, essa falta de preparação coloca em risco a saúde de todos os cidadãos. Sendo assim, frente aos inúmeros desafios gerados pela vivência em mídia, e intensificada pelas aulas remotas, as práticas escolares juvenis e a educação se veem desafiadas a ampliar a experiência escolar juvenil.

Outro importante resultado obtido nas análises é que, apesar destes jovens se sentirem muitas vezes familiarizados com a internet, com as redes sociais, plataformas digitais, Web (World wide web) e todos os seus aparatos tecnológicos, os resultados da pesquisa ressaltam que as juventudes não adquirirão automaticamente a compreensão e identificação de Fake News nas práticas de leitura midiaticizada. E a escola tem seu lugar de destaque como forma de enfrentamento à desinformação (especialmente, as duas escolas de nossa pesquisa, que estão na vanguarda do combate à desinformação, e destacam-se no enfrentamento às Fake News).

Nossas análises evidenciaram que, num mundo midiaticizado, onde a desinformação tem imperado nas redes comunicativas, faz-se necessário que outras habilidades se desenvolvam, sobretudo na educação. Os sujeitos da sociedade da pós-verdade precisam buscar compreender como ler as Fake News e como identificá-las. A vista disso, os modos de se ler as Fake News foram analisados a partir da maneira como os jovens leem e identificam as informações nas suas redes sociais.

A partir das análises das entrevistas, chegamos à algumas conclusões mais substanciais, que elencamos abaixo. Para se ler Fake News alguns aspectos são importantes: primeiramente, ler as informações nas mídias sociais implica em *checagem*; segundo, ler implica em credibilidade do autor ou site, de quem publica o conteúdo na mídia; terceiro, ler informações nas mídias sociais implica em conhecer a *intencionalidade* do conteúdo publicado; quarto, ler informações nas mídias implica conhecer se existe *autenticidade* no conteúdo midiático; quinto, ler implica reconhecer o *caráter bombástico*; e seis, *leitura ingênua*. Um pressuposto

importante em nossa pesquisa é que, antes das Fake News serem desinformação, temos que partir do pressuposto que ela é uma informação, e só após a detecção de sua falsidade que podemos conceituá-la como desinformação ou Fake News.

Outro ponto contextual forte de nossa pesquisa foi que, em uma era da pós-verdade, estamos vivendo num contexto em que o relativismo destaca a verdade como relativa, pois a verdade não é absoluta, ela sempre pode ser outra. Enquanto isso, as instituições sofrem com os ataques a sua credibilidade. De acordo com a OMS (2020) esse excesso de informações, algumas precisas e outras não, tornam difícil encontrar fontes legítimas e orientações confiáveis quando se precisa. Isso dificulta que os cidadãos diferenciem entre o que é verdade e o que é falso, impedindo encontrar fontes confiáveis. A desinformação se tornou um grave risco à saúde (THE LANCET, 2020).

Tanto nossa reflexão de dimensão bibliográfica, quanto as operações analíticas de nossa dimensão empírica, as nossas entrevistas e suas análises, construíram a conclusão de que o Letramento midiático e informacional é um caminho necessário, tal como afirmam a The Lancet (2020) e Castro (2021), identificado como um “antídoto”, capaz de atenuar agravamentos da desinformação na sociedade. Tal letramento midiático proporciona redução de recirculação de desinformação, favorece o desenvolvimento de uma leitura mais crítica e favorece o protagonismo de cidadão mais participativos e seguros, tanto sobre o que consomem na mídia, quanto na resolução de desafios do cotidiano.

As práticas e leitura de Fake News nos revelaram, a partir das análises, que para que as juventudes averiguem e identifiquem as informações que circulam nas mídias, demanda-se, necessariamente, que compreendam de que maneira são afetados por estas informações, como elas influenciam as decisões e escolhas, o que nos impõe uma revisão constante de conhecimento, desafio contínuo em sociedade da pós-verdade.

Vimos que o impacto da mídia na vida juvenil faz com que a escola receba um indivíduo permeado por diversas possibilidades de aprender, de relacionar, de olhar e de se informar. Mais uma vez nos aproximamos de Paulo Freire (1983), quando defende que, na atualidade, precisamos desenvolver uma compreensão crítica do texto, uma “leitura” do mundo, que ultrapasse tão somente a decodificação, onde não aconteça rupturas, mas um continuum, uma compreensão do universo na qual o leitor vive, desde o seu particular, e ampliando para uma percepção pública e macro.

Por fim, apontamos a riqueza deste trabalho que é justamente essa dimensão de interface entre a comunicação e a educação, e como ele reforça o lugar de valor da escola, o lugar de valor da família e dos amigos no combate as Fake News. E para combater as fake News tem

que entender o papel destes núcleos na formação destes jovens contra a desinformação. Esta pesquisa nos traz dados e qualidade conceitual importante sobre o tema e nos faz suscitar outros questionamentos e atividades de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AAPOR. **An Evaluation of 2016 Election Polls in the U.S.** Disponível em: <<https://www.aapor.org/Education-Resources/Reports/An-Evaluation-of-2016-Election-Polls-in-the-U-S.aspx>>. Acesso em: 14 mar. 2017.
- ABAD, Miguel. **Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relacion entre convivencia, ciudadanía y nueva condicion juvenil.** Última década nº 16, CIDPA VIÑA DEL MAR, 2002, p. 117-152.
- AGÊNCIA BRASIL. **Vacina magnetizada? Microchips na injeção? Veja os fatos sobre vacinas.** Brasília, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-07/vacina-magnetizada-microchips-na-injecao-veja-os-fatos-sobre-vacinas>>. Acesso em: 17 jul. 2021.
- AISCH, Gregor; HUANG, Jon; KANG, Cecilia. **Dissecting the #PizzaGate Conspiracy Theories.** 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2016/12/10/business/media/pizzagate.html>>. Acesso em: 12 jan 2021.
- ALA (American Library Association). **Association of College & Research Libraries.** Framework for information literacy for higher education. Chicago, 2015. Disponível em: <<https://www.ala.org/aboutala/>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- ALMEIDA et al. **Contributions to the Study of Fake News in Portuguese: New Corpus and Automatic Detection Results.** 13th International Conference, PROPOR 2018, Canela, Brazil, 2018, p. 24–26. Disponível em: <<https://sites.icmc.usp.br/tasparado/PROPOR2018-MonteiroEtAl.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2021.
- ALVES, A.J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. In: **Cadernos de Pesquisa**, n.77, 1991, p.53-61.
- AMARAL, I.; SANTOS, S. J. Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade. In: **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade.** Figueira J., Santos S. (Orgs.). Coimbra: Coimbra University Press; 2019, p. 63-86.
- ARAÚJO, M. D. V. **Práticas de leitura literária digital entre leitores jovens.** 2016. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- ARAÚJO, C. A. V. **Pós-verdade: novo objeto de estudo para a ciência da informação.** Informação & Informação, v. 26, n. 1, p. 94-111, 2021. DOI: 10.5433/1981-8920.2021v26n1p94. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/158349>>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- ARRUDA, E. P. Implementação das tecnologias digitais nos currículos das escolas de Educação Básica dos países membros da OCDE. Fundação Santillana, Ivan Cláudio

Pereira Siqueira (org.). In: **Subsídios à Elaboração das Normas da BNCC: estudos sobre temas estratégicos da parceria CNE e Unesco**. São Paulo: Moderna, 2018, p. 32-78.

ARRUDA, E. P. **Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19**. Em Rede, v. 7, n. 1, 2020, p. 257-275.

Disponível em:

<<https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/%20article/view/621>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

ARRUDA, Eucídio Pimenta. **A formação do professor no contexto das tecnologias do entretenimento**. ETD–Educ.temat. digit. v.15, n. 2, maio./ago.2013, p.264-280. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1282>. Acesso em: 15 jul. 2021.

ARTI, F.M; PEREIRA, M.H.F. **A Leitura entre táticas e estratégias? Consumo cultural e práticas epistolares**. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 14, n. 31 p. 195-217, Maio/Ago 2010. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>.

BAPTISTA, C. Digitalização, desinformação e notícias falsas: uma perspectiva histórica. In: **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Figueira J., Santos S. (Orgs.). Coimbra: Coimbra University Press, 2019, p. 47-62.

BARBOSA, Rui. **Oração aos moços**. 5 ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999. Disponível em:

<http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/FCRB_RuiBarbosa_Oracao_aos_mocos.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Coleção Pesquisa qualitativa. Uwe Flick (Org.). Porto Alegre: Artmed, 2009.

BASTOS, M. T.; MERCEA, D. **The Brexit Botnet and User-Generated Hyperpartisan News**. Social Science Computer Review, 2017, p. 1-18. Disponível em:

<file:///C:/Users/livia/Desktop/DISSERTA%C3%87%C3%83O/QUALIFICA%C3%87%C3%83O%20-%20AJUSTES/CAP%C3%8DTULO%203%20-%20FAKE%20NEWS/REFER%C3%8ANCIAS%20FAKE%20NEWS/The_Brexit_Botnet_and_User-Generated_Hyperpartisan.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECK, U. **Risk society: Towards a new modernity**. Londres, Inglaterra: Sage, 1992.

BEVÓRT, E.; BELLONI, M. L. **Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009.

BEVENDORFF et al. **A Stylometric Inquiry into Hyperpartisan and Fake News**. 2017.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/313861498_A_Stylometric_Inquiry_into_Hyperpartisan_and_Fake_News>. Acesso 31 jul. 2021.

BONA, V. **Tecnologia e infância: ser criança na contemporaneidade**. Recife, 2010.

- BONTCHEVA, K.; POSETTI, J. **Desinfodemia: decifrando ladesinformación sobre el covid-19**. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), 2020. Disponível em:
<https://en.unesco.org/sites/default/files/disinfodemic_deciphering_covid19_disinformation_es.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021
- BRAGA, José Luiz. **Sociedade Midiatizada**. Animus: Revista Interamericana1 Mestrado de Comunicação UFSM, v.5, n.2, 2016, p. 9-35. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/index.php/animus/article/viewFile/6693/4050#page=9> >. Acesso em: 29 jul. 2021.
- _____. **Sobre midiatisação como processo interacional de referência**. 15º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP-Bauru, 2006.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Aplicativo medirá o uso de tecnologia pelas escolas**. 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/47511-educacao-conectada>>. Acesso em: 10 out 2019.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf> . Acesso em: 20 jul. 2019.
- BRASIL. **Programa de Inovação Educação Conectada**. Ministério da Educação, 2017 Disponível em: <<http://educacaoconectada.mec.gov.br/o-programa/sobre>>. Acesso em: 12 out. 2019.
- BRASIL. **Orientações para retomada com segurança**. Ministério da Saúde (MS), 2020 Disponível em:
<<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/06/governo-publica-orientacoes-para-retomada-segura-de-atividades>>. Acesso em: 11 jul. 2021.
- BREAKSTONE, J. et al. **Evaluating information: the cornerstone of civic online reasoning**. Stanford History Education Group (SHEG.STANFORD.EDU.), 2016. Disponível em:
<<https://stacks.stanford.edu/file/druid:fv751yt5934/SHEG%20Evaluating%20Information%20Online.pdf>>. Acesso em:20 jul. 2021.
- BREAKSTONE, J. et al. **Lateral reading: College students learn to critically evaluate internet sources in an online course**. Harvard Kennedy School Misinformation Review, Volume 2, Issue 1, 2021. Disponível em:
<<https://stacks.stanford.edu/file/druid:gf151tb4868/Civic%20Online%20Reasoning%20National%20Portrait.pdf>>. Acesso em: jul. 2021.
- BREAKSTONE et al. **Students' Civic Online Reasoning: A National Portrait**. Stanford History Education Group (SHEG.STANFORD.EDU.), 2019. Disponível em:
<<https://stacks.stanford.edu/file/druid:fv751yt5934/SHEG%20Evaluating%20Information%20Online.pdf>>. Acesso em: jul. 2021.

BTG Pactual Digital. **Day Trader**. Disponível em:

<https://www.btgpactualdigital.com/blog/investimentos/renda-variavel/o-que-e-day-trade?cmpid=c04:m05:google:10091078072:b:101087369933&utm_medium=spl&utm_source=google&utm_campaign=10091078072&utm_content=101087369933&creative=436099160598&adposition=&keyword=&matchtype=b&targetid=dsa-871450308847&device=c&feeditemid=&loc_interest_ms=1001566&loc_physical_ms=1001566&placement=&s_kwid=AL!9288!3!436099160598!b!!g!!&gclid=Cj0KCQiArvX_BRCyARIsAKsnTxNjH8hP7cvHk15mmAyCbIcauNEqnDrMmxnuAj0RMQnWMzz-M0791AUaAgOXEALw_wcB>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BUZZSUMO. **Here's How Fake Election News Outperformed Real Election News on Facebook**. 2016. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/buzzsumo/posts/635679239938423>>. Acesso em: jan 2021.

CAMPOS, Lorraine Vilela. **"O que são Fake News?"** Brasil Escola. Disponível em:

<https://brasilestela.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>. Acesso em 12 de jan. 2021.

CAMPOS, Ricardo. **Web 2.0, Web 3.0 e as oportunidades para o governo**. 2012.

Disponível em: <https://egov.ufsc.br/portal/conteudo/web-20-web-30-e-oportunidades-para-o-governo>. Acesso em: 01 abr. 2021.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; DAYRELL, Juarez Tarcisio. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. 25ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, GT 3 Movimentos Sociais e Educação. Caxambu (MG), 2002. Disponível em:

<http://formacaoredefale.pbworks.com/f/Jovens+no+Brasil_Dif%C3%Adceis+Travessias_Paulo+Carrano.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X de A Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

CASTRO et al. **Juventude e trauma geracional: como os jovens brasileiros respondem à pandemia e à infodemia da Covid-19**. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, e5708, maio 2021. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5708/5285>. Acesso em: 25 jul. 2021.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org). **Historia de la Lectura: en el mundo occidental**. Vol. 1. Taurus Minos: Madrid, 2001.

CENTRO UC - Centro de Encuestas y Estudios Longitudinales. **Serie Alianza Centro UC Canal 13 Clase Media**. Nº 1. Facultad de Ciencias Sociales - Pontificia Universidad Católica de Chile. Disponível em:

<http://www.encuestas.uc.cl/Imagenes/Noticias/Clase_Media_Mito_1.pdf>. Acesso em: mar. 2021.

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. **Universalizar el acceso a las tecnologías digitales para enfrentar los efectos del COVID-19**. 2020a Disponível em: <<https://www.cepal.org/es/publicaciones/45938-universalizar-acceso-tecnologias-digitales-enfrentar-efectos-covid-19>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

CETIC.BR. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil : TIC Kids Online Brasil 2019** [livro eletrônico] = Survey on Internet use by children in Brazil : ICT Kids Online Brazil 2019 / [editor] Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. -- 1. ed. -- São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020b. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123093344/tic_kids_online_2019_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3º ed. Vozes: Petrópolis, 1998.

CETIC.BR. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiro: TIC Domicílios 2019** [livro eletrônico] = Survey on the use of information and communication technologies in Brazilian households : ICT Households 2019 / [editor] Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. -- 1. ed. -- São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123121817/tic_dom_2019_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

_____. Do livro à leitura. Roger Chartier (Org). In: **Práticas de Leitura**. 5. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

_____. **Os Desafios da Escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHEN, Y. et al. **Fake news or truth? using satirical cues to detect potentially misleading news**. In Proceedings of NAACL-HLT, 2016, p. 7–17. Disponível em: <file:///C:/Users/livia/Desktop/DISSERTA%20C3%87%20C3%83O/QUALIFICA%20C3%87%20C3%83O%20-%20AJUSTES/CAP%20C3%8DTULO%203%20-%20FAKE%20NEWS/REFER%20C3%8ANCIAS%20FAKE%20NEWS/Rubin_etal_FakeNews_or_Truth_NAACL_CADD_2016_PRE-PRINT.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2021.

CONJUVE. **Juventudes e Pandemia do Coronavírus**. Coordenadores : Ariany Leite, Gustavo Gama, Marcus Barão, Rafael Davi, 2020. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

CRAIDY, C. **Entrevista com Jean Hébrard**. Educação & Realidade, 26(2):157-165 jul./dez. 2001.

CORDEIRO, J. D. R. et al. **A Educação em Ciências e Saúde e o enfrentamento à desinfodemia: um relato de experiências críticas no ensino online**. Liincem Revista, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2021. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5720/5289>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

CORTI, A. P. Ser aluno: um olhar sobre a construção social deste ofício. In: **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COSCARELLI, C. V. **A leitura em múltiplas fontes: um processo investigativo.** Ens. Tecnol. R., Londrina, v. 1, n. 1, 2017, p. 67-79.

COSCARELLI, C. V. **A leitura em múltiplas fontes: um processo investigativo.** Ens. Tecnol. R., Londrina, v. 1, n. 1, 2017 p. 67-79.

COSCARELLI, C. V. ; RIBEIRO, A. E. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas.** Org. Coscarelli, C.V.; Ribeiro, A.L. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

COSTA, Maria Cristina Castilho; ROMANINI, Vinícius. **A educomunicação na batalha contra as fake News.** v. 24 n. 2, Comunicação & Educação, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165125>>. Acesso em: jul. 2021.

CUNHA, S. H. M. **PRÁTICAS DE LEITURA NA CULTURA DIGITAL: pensando o aprendizado da leitura no ensino superior.** Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras– Mestrado, Área de Concentração em Leitura e Cognição, Linha de pesquisa Processos narrativos comunicacionais e poéticos da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, 2015.

DANIELS, J. P. **Health experts slam Bolsonaro’s vaccine comments.** The Lancet. v. 397No. 10272, 2021. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)00181-1/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)00181-1/fulltext)>. Acesso em: 02 ago. 2021.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros, passado, presente e futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. **A Escola “Faz” as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, 2007, p. 1105-1128.

_____. **Juventudes, Grupos Culturais e Sociabilidade.** Revista de Estudos sobre as Juventudes: Jovens, 2005. Disponível em: <http://docplayer.com.br/42698655-Juventude-grupos-culturais-e-sociabilidade-1-juarez-dayrell-2.html>. Acesso em: 24 jul. 2021.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. Fake News nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. In: **Ética Jornalística para o século XXI, novos desafios, velhos problemas.** Revista Media & Jornalismo. Imprensa da Universidade de Coimbra, nº 32 vol. 18, nº 1, 2018.

DINI, J. Day Trader Arrested for Posting Fake Lucent Earnings Warning. **New YORK Times, 2020.** Disponível em:< <https://www.nytimes.com/2000/03/31/technology/day-trader-arrested-for-posting-fake-lucent-earnings-warning.html>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

DOWBOR, Ladislau. **Como eu me informo.** Revista IHU-ONLINE. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/587353-como-eu-me-informo-artigo-de-ladislau-do-wbor>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

DUARTE, Rosália; MILLIET, Joana; MIGLIORA, Rita. **Projetos e práticas de mídia-educação nas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro.** Educ. Pesqui., São Paulo, v.

45, e202710, 2019. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ep/a/4cpYcTqvDW5WNqfkTxGnnrg/?format=pdf&lang=pt>>.

Acesso em: jul. 2021.

DUNKER, C. **Subjetividade em tempos de pós-verdade.** In C. Dunker, C. Tezza, J. Fuks, M. Tiburi, & V. Safatle. *Ética e pós-verdade*, São Paulo, SP: Brasiliense, 2017, p. 10-45.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020.**

Videoaula 14 – Introdução ao fenômeno fake News e às contribuições de Paulo Freire para combate-lo. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos.** 2º ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2004.

ENGLISH OSFORD LIVING DICTIONARIES. **Word of the Year.** 2016. Disponível em:

<<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

EYSENBACH, G. **How to Fight an Infodemic: The Four Pillars of Infodemic**

Managemen. Em: *Journal of medical internet reseach*. v. 22. ed. 6, 2020 p. 1-6.

Disponível em:< <https://www.jmir.org/2020/6/e21820/>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

FAGUNDES et al. **Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil.** *Ciênc. saúde coletiva* 25 (suppl 2) • Out 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/csc/a/XnfpYRR45Z4nXskC3PTnp8z/?lang=pt>> . Acesso em: 11 jul. 2021.

FIGUEIRA, J., SANTOS, S. (Orgs.) Introdução, História institucional e a reescrita permanente das estórias. In: **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade.** Coimbra: Coimbra University Press, 2019, p. 7-16.

FIOCRUZ. **Covid-19 e saúde da criança e do adolescente.** Disponível em:

<http://www.iff.fiocruz.br/pdf/covid19_saude_crianca_adolescente.pdf>. Acesso em: 02 aog. 2021.

FILHO, A. M. **Base Curricular é conservadora, privatizante e ameaça autonomia, avaliam especialistas.** *Jornal da Unicamp*, 2017. Disponível em:

<<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/12/04/base-curricular-e-conservadora-privatizante-e-ameaca-autonomia-avaliam>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

FONSECA, A. **A Covid-19 e a desinformação que mata.** *Le Monde Diplomatique Brasil*,

2020. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/a-covid-19-e-a-desinformacao-que-mata/>>.

Acesso em: 03 jul. 2021.

FONSECA, B. **O que é fact-checking?** Agência de Jornalismo Investigativo. 2017.

Disponível em: <<https://apublica.org/checagem/2017/06/truco-o-que-e-fact-checking/>>.

Acesso em: jul. 2021.

FALLIS, D. **What is disinformation?** *Library Trends*, v.63, n.3, 2015. Disponível em:

<<https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/89818/63.3.fallis.pdf?sequence=2>>.

Acesso em: 19 jul. 2021.

FILHO, O. F. **O que é falso sobre Fake News**. São Paulo: Revista USP, n. 116, 2018, p. 39-44,

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. Revista brasileira de Educação. Vol. 12, nº 35, 2007, pp. 290-299.

_____. **Televisão & educação: fruir e pensar a TV**. ed. 4. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FISCHER, S. R. **A history of Reading**. Reaktion Books, 2004.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa Qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3.Ed. Porto Alegre: ARTMED, 2009.

FRADE, I. C. A. S.; GLÓRIA, J. S. **A alfabetização e sua relação com o uso do computador: o suporte digital como mais um instrumento de ensino-aprendizagem da escrita**. Educação em Revista Belo Horizonte, v.31, 2015, p. 339-358.

FRAU-MEIGS, Divian. **Faul-il avoir peur des fake news**. La Documentation Française. Paris, 2019.

FREIRE, P. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Extensão ou comunicação?** 12a. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 65a. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

_____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1985.

GALHARDI, Cláudia Pereira et al. **Fato ou Fake?** Saúde & Ciência Coletiva, 25 (suppl 2), p. 4201-4210, 2020. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/csc/a/XnfpYRR45Z4nXskC3PTnp8z/?lang=pt>>. Acesso em: 02 jul. 2021.

GARCIA, J. S. **La falacia en un corpus de debates parlamentarios**. Anuario Estudios Filológicos, 2010, p. 271- 290. Disponível em:
<<file:///C:/Users/livia/Desktop/DISSERTA%C3%87%C3%83O/QUALIFICA%C3%87%C3%83O%20-%20AJUSTES/CAP%C3%8DTULO%203%20-%20FAKE%20NEWS/REFER%C3%8ANCIAS%20FAKE%20NEWS/Dialnet-ParalogismosYSofismasDelDiscursoPoliticoEspanol-3401813.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

GIL, A. C. (Org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6a ed. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. In: CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.

HÉBRARD, J. **Les « nouveaux lecteurs » revisités.** tome 17, 2005, pp. 105-140. Disponível em: <https://www.academia.edu/9431810/Les_nouveaux_lecteurs_revisit%C3%A9s>. Acesso em mai, 2019.

HUYGHE, François-Bernard. **Fake News.** Versailles: VA Editions, 2019.

ISTO É. Bolsonaro sobre vacina da Pfizer: ‘Se você virar um jacaré, é problema seu. 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-problema-de-voce/>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

JENKINS, H. **Cultura de convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.

KENSKI, Vani Moreira. **Aprendizagem mediada pela tecnologia.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n.10, p.47-56, set./dez. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/6419>>. Acesso em: jul. 2021>. Acesso em: 12 jul. 2021.

KLEIN, D. O.; WUELLER, J. R. **Fake news: A legal perspective.** 2017. Disponível em: <<http://governance40.com/wp-content/uploads/2018/12/Fake-News-A-Legal-Perspective.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2021.

LAURENT, É. Jouir d’internet. L’École de la Cause freudienne. In : **La Cause Du Désir**, 2017/3 N° 97, p. 11-21.

LEÃO, G. M. P.; SOUSA, C. C. **Ser jovem e ser aluno: entre a escola e o Facebook.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 41, n. 1, 2016, p. 279-302.

LEITE, Leonardo Ripoll T.; MATOS, José Claudio M. **Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional.** Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação –v. 13, n. esp. CBBB, 2017. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/918>>. Acesso em: 15 jan 2021.

LEÃO, Geraldo; SOUSA, Cirlene C.; PINTO, Manuel. **A tessitura do processo de mediação: a interação entre juventude, mídia e escola.** Comunicação e Cultura: II Jornada de Doutorandos em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Pinto-Coelho, Z. & Fidalgo, J. (eds) : Universidade do Minho, 2013, pp. 221 -237.

LAVARDA, S. L.; SANSHOTENE, C.; SILVEIRA, A. C. M. Quando as notícias mais compartilhadas são falsas: a circulação de boatos durante a semana do impeachment no Facebook. Revista Comunicação e Informação, v. 20, n. 3, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/46950>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

LEMO, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a cibercultura.** Sulina, Porto Alegre, 2003; p. 11-23. Disponível em: <<https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf>> Acesso em: 10 out. 2019.

LEWANDOWSKY, S. et al. **Beyond Misinformation: Understanding and Coping with the “Post-Truth” Era.** Journal of Applied Research in Memory and Cognition

Volume 6, Issue 4, December, 2017, p. 353-369.

Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2211368117300700>.

Acesso em: 25 jul. 2021.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIMA, N. L. (2006). **Educação e Ciberespaço: O Conhecimento na Era Virtual**. In: Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 1, n. 2, São João del-Rei, 2006.

LIMA, N. L.; KELLES, N. F. Adolescentes no ciberespaço: uma reflexão psicanalítica. In: **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro, v. 49.2, 2017, p. 202-233.

LOPES, G. **Pizzagate, the fake news conspiracy theory that led a gunman to DC's Comet Ping Pong, explained**. 2016. Disponível em: <<https://www.vox.com/policy-and-politics/2016/12/5/13842258/pizzagate-comet-ping-pong-fake-news>>. Acesso em: 13 jan 2021.

MAÇANEIRO, M.; SOUSA, Cirlene C. **Jovens, mediação da leitura e narrativas de sentido: implicações para a escola**. v. 34. Belo Horizonte: Educação em Revista, 2018.

MAÇANEIRO, Marcial; SOUSA, Cirlene Cristina. **Juventudes, Socialização e temporalidades: vínculos mediados**. FACES DA HISTÓRIA, Assis-SP, v.3, nº1, 2016, p. 43-59, jan.-jun. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/305/270>. Acesso em: jul. 2021.

MACHADO, J. **Fake News, a novidade das velhas falsificações**. In: Figueira J, Santos S, organizadores. In: **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Figueira J., Santos S. (Orgs.). Coimbra: Coimbra University Press, 2019, p. 33-46.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, Germán. In: Experiencia audiovisual y des-orden cultural. **Los ejercicios del ver Hegemonia Audiovisual y ficción televisiva**. La Colección Estudios de televisión. Org.: Lorenzo Vilches. España: Gedisa, 1999, p. 15-50.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Saberes Hoy: disseminaciones, competências y transversalidades**. Revista Iberoamericana de Educación. N.º 32, 2003, p. 17-34. Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/documentos/rie32a01.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MARTIN, Henri-Jean. **Beyond Writing**. In: The History and Power of Writing. University of Chicago Press, 1995, p. 463-512.

MINAYO, M. C. DE S. (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, M. C. DE S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14a ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORAIS, T. P. **Educação, mídias e indústria cultural: a (de) formação do sujeito na atualidade**. 2015. Trabalho apresentado no GT16 Educação e Comunicação. Anais da 37a Reunião Científica da ANPEd. Florianópolis, Outubro de 2015. ISSN: 2447-2808. Disponível

em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT16-4317.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

NETO, A. F. Fake News e circulação de sentidos nas eleições presidenciais brasileiras. In: Figueira, João; Santos, Sílvia (Orgs.). **As Fake News e a Nova Ordem (DES) Informativa na Era da Pós-Verdade**, 2019, p. 177-198.

OMS. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19**. Departamento de evidência e inteligência para ação em saúde, 2020b. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14>. Acesso em: 13 jul. 2021.

ONU News. **Nações Unidas lançam iniciativa global para combater desinformação sobre pandemia de Covid-19**. Nações Unidas, 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/05/1714402>>. Acesso em: ago. 2021.

OPAS. **Folha informativa sobre COVID-19**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 28 mai. 2021.

OPAS. **Coronavírus**. 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/coronavirus>>. Acesso em: 13 ju. 2021.

OPAS. **Coronavirus disease (COVID-19) advice for the public**. 2020a. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

OPAS. **WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard**, 2021. Disponível em: <<https://covid19.who.int/table>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

ORLANDI, E. P. Leitura de quem, para quem? In: **A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso**. 4º ed, Pontes: Campinas, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4ºed. Editora Unicamp, 2009.

PELLIZZARI, B. H. M.; BARRETO JUNIOR, I. F. **Bolhas sociais e seus efeitos na sociedade da informação: ditadura do algoritmo e entropia na internet**. 2019. Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias, v. 5, n. 2, 2019, p. 57-73. Disponível em: <<https://indexlaw.org/index.php/revistadgnt/article/view/5856/pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

PRETTO, N. L. **O desafio de educar na era digital: educações**. Revista Portuguesa de Educação, vol. 24, núm. 1, 2011, p. 95-118.

RECUERO, G.; GRUZD, A. **Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter**. Galaxia (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 41, mai-ago., 2019, p. 31-47. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019239035>. Acesso em: 20 jul. 2019.

RIBEIRO, A. E. **Navegar lendo, ler navegando: aspectos da leitura digital e da leitura de Jornais**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Linguística, 2008.

RIOS, M. F. S. **Letramento Digital no Ensino Fundamental: a intencionalidade educativa de seu design pedagógico**. 2018. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RODRIGUES, L. M. O. **Escola-território, desterritorialização e análises educacionais**. In: Ponto e Vírgula, PUC-SP. No 20, 2016, p. 56-82. Disponível em : <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/viewFile/31165/21602>>. Acesso em 31 jul. 2018.

RODRIGUES, José Conde. **O Trumpismo**. Disponível em: <<https://observador.pt/opiniao/o-trumpismo/>>. Acesso em: 10 Jan. 2021.

ROJO. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Org.). In: **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. **Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil**. v. 14 N. 1, 2020, p. 79-106. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/160081>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

SACRAMENTO, Igor. **A saúde numa sociedade de verdades**. Reciiis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde. 2018. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1514/2201>>. Acesso em: 13 jul.2021.

SALDANHA, F.; TUMA, A. B. Fact-checking e debunking na cobertura de saúde: análise comparativa das estratégias utilizadas e temas abordados por serviços brasileiros de checagem. In: **Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo**, São Paulo. Anais, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo – ABRAJI, 2019. Disponível em: <https://projetos.abraji.org.br/seminario/PDF/6/ANA_BEATRIZ_TUMA_et_al-Fact-checking_e_debunking_na_cobertura_de_saude.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2021.

SANGER, David E. **Intelligence Report on Russian Hacking**. News York Times. 2017 Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2017/01/06/us/politics/document-russia-hacking-report-intelligence-agencies.html>>. Disponível em: 10 jul. 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 2003.

SANTANA, G. P; SIMEÃO, E. L. M. S. **Desinformação e “fake news” no contexto da pandemia no Brasil**. Revista Ibero-Americana de Ciência e da Informação, Brasília, v. 14, n. 2, 2021, p. 515-532. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/36692/29667>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

SANTOS, G. T. **O leitor-modelo de Umberto Eco e o debate sobre os limites da interpretação.** Kalíope, São Paulo, ano 3, n. 2, 2007, p. 94-111.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política!** 32. ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

SCHIO, Adriana. **O “GAP” entre a Educação e as novas Tecnologias.** NOI, 2018.

Disponível em:

<<https://www.revistanoi.com.br/editorias/inovacao/o-gap-entre-a-educacao-e-as-novas-tecnologias.html>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

SCHWERTNER, Suzana Feldens; FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades.** Educação em Revista. v.28. n.01. Belo Horizonte, 2012, p.395-420.

SCHLESINGER, P. **Book Review: The media and public life: A history.** Media, Culture & Society, 39(4), 2017, p. 603-606. Disponível em:

<<http://eprints.gla.ac.uk/137578/1/137578.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

SENADO. **CPI da Pandemia e CPMI das Fake News dão início a cooperação técnica em agosto.** 2021. Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/22/cpi-da-pandemia-e-cpmi-das-fake-news-dao-inicio-a-cooperacao-tecnica-em-agosto>>. Acesso: 02 ago. 2021.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Juventude, Mídias e TIC.** In: SPOSITO, Marília.

Estado da Arte sobre a Juventude na Pós-Graduação Brasileira: educação, ciências sociais e serviço social – vol. 2. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 57-86.

SHAO, C.; CIAMPAGLIA, G.L.; VAROL, O.; FLAMMINI, A & MENCZER, F. **The spread of low-credibility content by social bots.** Nature Communications , v. 9, 2018.

Disponível em: < <https://www.nature.com/articles/s41467-018-06930-7>>. Acesso em 20 jul 2021.

SHU, K. et al. **Fake news detection on social media: a data mining perspective** Arxiv, 2017. Disponível em < <https://arxiv.org/pdf/1708.01967.pdf>>. Acesso em: 20 jul 2021.

SILVA, J. M. Fake News, a novidade das velhas falsificações. In: **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade.** Figueira J., Santos S. (Orgs.). Coimbra: Coimbra University Press, 2019, p. 33-48.

SOARES, Magda. **Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura.** Educação e Sociedade, Campinas, vol. 23, n. 81, 2002, p. 143-160.

SODRÉ, Muniz. Eticidades, campo comunicacional e midiaticização. In MORAES, Denis. **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2008, p. 19-31.

_____. O facto falso: do factóide às fake news. In: **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade.** Figueira J., Santos S. (Orgs.). Coimbra: Coimbra University Press, 2019, p.87-100.

_____. O livro e a Leitura. In: **Reinventando a Educação: diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SOUSA, Cirlene Cristina de. **Juventude(s), mídia e escola: ser jovem e ser aluno face à midiaticização das sociedades contemporâneas**. 2014 Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

_____. **Jovens, escola e cultura midiática: construções metodológicas para a educação**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2020.

SOUZA, Nicole Fajardo Maranha Leão de. **eHEALTH LITERACY ENTRE JOVENS: estudo exploratório sobre o papel das condições socioeconômicas no uso da informação sobre saúde na Internet**. Dissertação de Mestrado – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/44437/2/nicole_souza_icict_mest_2020.pdf>. Acesso em: 15 Jul. 2021.

TANDOC JR., Edson C.; ZHENG, Wei Limand; LING, Richard. **Defining “Fake News” A typology of scholarly definitions**. Digital Journalism, 6:2, 137-153, DOI: 10.1080/21670811.2017.1360143, 2017. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4948550/mod_resource/content/1/Fake%20News%20Digital%20Journalism%20-%20Tandoc.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

THE LANCET. **The truth is out there, somewhere**. V. 396, N. 10247, 2020, p. 291. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)31678-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)31678-0/fulltext) >. Acesso em: 31 jul. 2021.

UNESCO. **O Impacto das TICs na Educação**. Conferência Internacional promovido pela UNESCO e parceiros. 2010. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/international_conference_the_impact_of_ict_in_education_ex/>. Acesso em: 10 out 2019.

UNESCO. **Information for All Programme (IFAP)**. Disponível em: <<https://en.unesco.org/programme/ifap> >. Acesso em: 15 out 2019.

Voltaire. **De l’horrible danger de la lecture**. Œuvres complètes de Voltaire, tome 25, 1765. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/De_l%27E2%80%99horrible_danger_de_la_lecture>. Acesso em: 20 jun. 2020.

VOSOUGHI, Soroush.; ROY, Deb; ARAL, Sinan. **The spread of true and falsenews online**. Social Science. Vol. 359, Issue 6380, 2018, p. 1146-115.

WE ARE SOCIAL. **Digital 2021**. Disponível em: <<https://wearesocial.com/digital-2021>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

WEBER, Rosa. **Presidente do TSE defende estudo do fenômeno das fake news para minimizar impactos na democracia.** Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2019/Maio/presidente-do-tse-defende-que-sociedade-estude-fenomeno-das-fake-news-para-minimizar-seu-impacto-na-democracia>. Acesso em: 20 jul. 2019.

WEEDON, J. et al. **Information Operations and Facebook.** Facebook Newsroom, 2017. Disponível em: https://i2.res.24o.it/pdf2010/Editrice/ILSOLE24ORE/ILSOLE24ORE/Online/_Oggetti_Emb edded/Documenti/2017/04/28/facebook-and-information-operations-v1.pdf >. Acesso em: 01 ago. 2021.

ZAROCOSTAS, J. **How to fight an infodemic.** The Lancet, v. 395, n. 10225, 2020, p. 676. Disponível em: [https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736\(20\)30461-X.pdf](https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736(20)30461-X.pdf) >. Acesso em: 01 ago. 2021.

WIKILEAKS. **What is WikiLeaks.** 2015. Disponível em: <https://wikileaks.org/What-is-WikiLeaks.html> >. Acesso em: 05 jan 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

CARTA CONVITE AO DIRETOR



CARTA CONVITE

Belo Horizonte, 12 de fevereiro,
2020

Ilm Sr. Diretor(a)

Vimos, por meio desta, apresentar a pesquisa intitulada “***Práticas de Leitura da juventude midiática nas redes sociais: desafios contemporâneos***” que gostaríamos de realizar na sua escola. Esta pesquisa será realizada pela aluna do Mestrado em Educação (UEMG), sob orientações da Profa. Dra. Cirlene Cristina de Sousa e da vice coordenadora do Programa de Mestrado Profa.Dra. Juliana C. Soares Branco.

O nosso **OBJETIVO** é identificar e analisar como jovens estudantes do Ensino Médio leem, identificam e discutem as informações e/ou desinformações em suas práticas comunicativas nas redes sociais e como eles são afetados por tais práticas.

A **JUSTIFICATIVA** que nos leva a estudar esse assunto é que através dos avanços tecnológicos digitais, novas manifestações e modos de comunicação surgem, assim é imprescindível investigar como a recepção e a comunicação de ideias são criadas pelos diferentes grupos de estudantes e como isso reflete em suas relações sociais.

Em relação aos **BENEFÍCIOS** da pesquisa, essa poderá possibilitar para a escola e para o aluno (a) participante o aprofundamento sobre informações e desinformações obtidas através da internet e os resultados podem trazer contribuições importantes para o campo da pesquisa sobre juventude e práticas de leitura no espaço virtual.

Os pesquisadores tratarão a identidade dos participantes com **SIGILO PROFISSIONAL**, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12 e Nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Para a **REALIZAÇÃO PRÁTICA** deste estudo, todas as atividades serão realizadas na própria escola em horário previamente combinado, sem nenhum prejuízo para as atividades escolares dos alunos(s).

A participação é **VOLUNTÁRIA** e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade. Os senhores pais e participantes poderão retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Os senhores serão esclarecidos (as) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar.

Por isso, gostaríamos de saber se podemos **AGENDAR UMA VISITA** a sua escola para explicarmos melhor a nossa pesquisa. Caso tenha interesse, o senhor poderá entrar contato conosco tanto por telefone, quanto pelo WhatsApp, ou ainda respondendo a este e-mail.

Desde já agradecemos pela colaboração e confiança.

DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome Completo: Livian Aparecida Corsi

MachadoWhatsapp: (35) 98841-6251

E-mail: livian.machado@gmail.com

DADOS DA ORIENTADORA DA PESQUISA

Nome completo: Profa. Dra. Cirlene Cristina de Sousa – docente do Mestrado em Educação (UEMG), em Belo Horizonte.

Contato: (31) 9579-2431

E-mail: cirlenesousa@yahoo.com.br

DADOS DA COORIENTADORA DA PESQUISA

Nome completo: Profa. Dra. Juliana C. Soares Branco - vice coordenadora do Programa de Mestrado UEMG, em Belo Horizonte

Contato da secretaria do Mestrado em Educação (UEMG):

(31) 3029-5259 E-mail: juliana.branco@uemg.br

APÊNDICE 2



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO(MENORES DE 18 ANOS)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa ***Práticas de Leitura da juventude midiática nas redes sociais: desafios contemporâneos***. Nesta pesquisa pretendemos identificar e analisar como jovens estudantes do Ensino Médio leem, identificam e discutem as informações e/ou desinformações em suas práticas comunicativas nas redes sociais e como eles são afetados por tais práticas.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é que através dos avanços tecnológicos digitais, novas manifestações e modos de comunicação surgem, assim é imprescindível investigar como a recepção e a comunicação de ideias são criadas pelos diferentes grupos de estudantes e como isso reflete em suas relações sociais. Além disso, há uma grande carência de estudos deste objeto de estudo numa média de 10 anos.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): observação participante (onde a pesquisadora observará atividades dentro da escola), aplicação de entrevistas semiestruturadas (com questões escritas de marcar e orais) e atividades grupais (que acontecerão no Laboratório de Informática da escola ou em uma sala da própria instituição em que você estuda), em horário previamente combinado, sem nenhum prejuízo para suas atividades escolares. Todas as etapas da pesquisa serão gravadas em áudio.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Você foi selecionado pelo fato de estudar nessa escola e sua participação é muito importante, porém ela é **VOLUNTÁRIA** e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a). O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “**RISCOS MÍNIMOS**”, por exemplo, no caso de risco de

constrangimento diante de questões que solicitem respostas relacionadas a assuntos delicados, o (a) aluno (a) poderá solicitar a interrupção da entrevista ou a retirada de algo que ele considere que lhe seja prejudicial. Em relação aos benefícios da pesquisa, ela contribuirá para que você aluno (a) aprofunde sobre informações e desinformações obtidas através da internet e os resultados poderão trazer contribuições importantes para o campo da pesquisa sobre juventude e práticas de leitura no espaço virtual.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento será impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no "**LOCAL DA PESQUISA**" e a outra será entregue a você.

Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12 e Nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Ciente de todas estas informações e das condições para participação na pesquisa, Eu,

_____, portador (a) do documento de Identidade _____ **(se já tiver documento)**, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

DADOS DO VOLUNTÁRIO DA PESQUISA:

Nome Completo: _____

Endereço: _____

RG: _____

Fone: _____

E-mail: _____

Belo Horizonte, _____ 2020.

Assinatura do voluntário da
pesquisa

DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome Completo: Livian Aparecida Corsi Machado

Endereço: Alameda das Lathânias, 1.222

RG: MG 11.103.418

Fone: (35) 98841-6251

E-mail: livian.machado@gmail.com

Belo Horizonte, _____ 2020.

Assinatura do pesquisador
responsável

Orientadora da pesquisa
Prof^a. Dra. Cirlene Cristina
Sousa

Coorientadora da pesquisa
Prof^a. Dra. Juliana C. Soares
Branco

APÊNDICE 3



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Caro (a) Senhor (a),

Eu, Livian Aparecida Corsi Machado, aluna do Curso de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação – Mestrado Acadêmico em Educação e Formação Humana – da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG), portadora do RG MG 11.103.418, residente na Alameda das Lathânias, 1.222, apart. 202, sendo meu telefone de contato (35) 98841-6251, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é ***Práticas de Leitura da juventude midiática nas redes sociais: desafios contemporâneos***, cujo objetivo deste estudo é de identificar e analisar como jovens estudantes do Ensino Médio leem, identificam e discutem as informações e/ou desinformações em suas práticas comunicativas nas redes sociais e como eles são afetados por tais práticas.

Para a realização deste estudo adotaremos os seguintes procedimentos: observação participante (onde a pesquisadora observará atividades dentro da escola), aplicação de entrevistas semiestruturadas (com questões escritas de marcar e orais) e atividades grupais (que acontecerão no Laboratório de Informática da escola ou em uma sala da própria instituição escolar), em horário previamente combinado, sem nenhum prejuízo nas atividades escolares dos alunos (as). Todas as etapas da pesquisa serão gravadas em áudio.

Gostaria de convidá-lo (a) a colaborar de forma **VOLUNTÁRIA** com esta pesquisa. Para participar deste estudo o senhor;(a) e o(a) aluno (a) não terão nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira; no caso de risco de constrangimento diante de questões que solicitem respostas relacionadas a assuntos delicados, senhor (a) ou o(a) aluno(a) poderão solicitar a interrupção da entrevista ou a retirada de algo que considerem que lhe seja prejudicial. Em relação aos benefícios da pesquisa, ela contribuirá para que o aluno(a) aprofunde sobre as informações e desinformações obtidas através da internet e os resultados poderão trazer contribuições importantes para o campo da pesquisa sobre juventude e práticas de leitura no Ensino Médio no espaço virtual.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/UEMG

Contato: (31) 3916-8747 / (31) 3916-8639 / cep.reitoria@uemg.br

Rodovia Papa João Paulo II, 4143 – Ed. Minas – 8º Andar – Cidade Administrativa Presidente Tancredo Neves
Bairro Serra Verde – Belo Horizonte – MG – CEP: 31.630-900

O(a) Senhor (a) e o(a) aluno(a) serão esclarecidos(as) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejarem e estarão livre para participar ou recusar-se a participar. Poderão retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A participação é VOLUNTÁRIA e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador. Não existe outra forma de obter dados com relação ao procedimento em questão e que possa ser mais vantajoso do que o usado nesta pesquisa.

Eu, Livian Aparecida Corsi Machado, como responsável pela condução desta pesquisa, tratarei os dados coletados com o devido profissionalismo e sigilo, garantindo a segurança da privacidade de todos os participantes da pesquisa. Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados deverão ser veiculados por meio de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação. O nome do aluno ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O Senhor (a) tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, e caso seja solicitado, darei todas as informações que o senhor (a) quiser saber. O senhor (a) também poderá consultar a qualquer momento o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais, responsável pela autorização para a realização deste estudo. Não existirão despesas ou compensações pessoais para nenhum participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas, se necessário. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Em anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso tenha ficado qualquer dúvida, esse termo de consentimento será impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo sobre ***Práticas de Leitura da juventude midiática nas redes sociais: desafios contemporâneos***, com o objetivo de identificar e analisar como jovens estudantes do Ensino Médio leem, identificam e discutem as informações e/ou desinformações em suas práticas comunicativas nas redes sociais e como eles são afetados por tais práticas.

Eu _____ responsável legal
pelo (a) aluno (a) _____ **AUTORIZO** a sua
participação na pesquisa acima descrita e a utilização dos dados obtidos para fins de pesquisa científica, ciente de que terei acesso aos resultados obtidos, os quais serão compartilhados pela pesquisadora com todos os participantes da pesquisa. Eu tirei todas as minhas dúvidas sobre o estudo e a forma de participação com a pesquisadora Livian Aparecida Corsi Machado,

responsável pelo mesmo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade, os riscos e benefícios e a garantia de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também, que minha autorização na participação desta pesquisa é isenta de despesas ou gratificações e que tenho garantia do acesso aos resultados, onde os dados coletados apenas serão divulgados com a minha autorização. Concordo voluntariamente em autorizar sua participação deste estudo sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido anteriormente ao estudo.

DADOS DO RESPONSÁVEL LEGAL PELO PARTICIPANTE:

Nome

Completo:

Endereço:

RG:

Fone:

E-mail:

Belo Horizonte, ___ de _____ de
2020.

Assinatura do responsável

DADOS DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Nome Completo: Livian Aparecida Corsi
Machado Endereço: Alameda das
Lathânias, 1.222 Contato: (35) 98841-6251
E-mail: livian.machado@gmail.com

Belo Horizonte, _____ 2020.

Assinatura da pesquisadora responsável

Orientadora da pesquisa
Prof^ª. Dra. Cirlene Cristina
Sousa

Contato: (31) 9579-2431
E-mail: cirlenesousa@yahoo.com.br

Coorientadora da pesquisa
Prof^ª. Dra. Juliana C. Soares
Branco

Contato: (31) 3029-5259
E-mail:
juliana.branco@uemg.br

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/UEMG

Contato: (31) 3916-8747 / (31) 3916-8639 / cep.reitoria@uemg.br
Rodovia Papa João Paulo II, 4143 – Ed. Minas – 8º Andar – Cidade Administrativa Presidente Tancredo Neves
Bairro Serra Verde – Belo Horizonte – MG – CEP: 31.630-900

APÊNDICE 4**FORMULÁRIO GOOGLE PARA AUTORIZAÇÃO DO PARTICIPANTE NA PESQUISA**

Práticas de Leitura midiática da juventude nas redes sociais: desafios contemporâneos

Prezados pais ou responsável legal,

O seu filho sendo convidado (a) como VOLUNTÁRIO (A) a participar da pesquisa "Práticas de Leitura midiática da juventude nas redes sociais: desafios contemporâneos". Nesta pesquisa pretendemos identificar e analisar como jovens estudantes do Ensino Médio leem, identificam e discutem as informações e/ou desinformações em suas práticas comunicativas nas redes sociais e como eles são afetados por tais práticas. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos:

Primeiro: Entrevista online Individual com o estudante

Segundo: Atividade em grupo online

Estas duas etapas acontecerão online, em horário previamente combinado, sem nenhum prejuízo para as atividades escolares. Todas as etapas da pesquisa serão gravadas em áudio. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Caso, você tenha interesse em participar, solicitamos que preencham este formulário de autorização, para que entremos em contato e iniciemos os procedimentos da pesquisa.

Agradecemos desde já sua participação.

Contato da pesquisadora:

Livian Aparecida Corsi Machado

(35) 9 8841-6251

Formações:

Mestrado em Educação

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Graduada em Psicologia

Universidade de Franca (UNIFRAN)

E-mail *

E-mail válido

Este formulário está coletando e-mails. [Alterar configurações](#)

Nome completo do estudante *

Texto de resposta curta

Idade *

Texto de resposta curta

Nome da Escola que você estuda *

Texto de resposta curta

Ano que você está cursando *

1º Ano do Ensino Médio

2º Ano do Ensino Médio

3º Ano do Ensino Médio

Nome completo do Responsável legal (pais, avós, etc) *

Texto de resposta curta

Contato dos pais ou responsável legal *

Texto de resposta curta

Eu, responsável legal AUTORIZO meu filho(a), a participar da pesquisa "Práticas de Leitura midiática da juventude nas redes sociais: desafios contemporâneos", para a utilização dos dados (depoimentos, áudios e/ou vídeos) obtidos para fins de pesquisa científica de estudos (livros, artigos, slides e transparências), sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Estou ciente de que terei acesso aos resultados obtidos, os quais serão compartilhados pela pesquisadora com todos os participantes da pesquisa. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade, os riscos e benefícios e a garantia de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também, que minha autorização na participação desta pesquisa é isenta de despesas ou gratificações e que tenho garantia do acesso aos resultados, onde os dados coletados apenas serão divulgados com a minha autorização. Concordo voluntariamente em autorizar sua participação deste estudo sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido anteriormente ao estudo. *

Eu autorizo

APÊNDICE 5

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO DO MENOR



DEPOIMENTOS

Eu, _____, portador (a) do documento de identidade nº _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de imagens e/ou depoimentos, especificados no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), **AUTORIZO**, através do presente termo, a pesquisadora Livian Aparecida Corsi Machado do projeto de pesquisa intitulado “**Práticas de Leitura da juventude midiática nas redes sociais: desafios contemporâneos**” a realizar as fotos e/ou vídeos que se façam necessárias e/ou a colher depoimentos sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, **LIBERO** a utilização destas fotos e/ou vídeos (seus respectivos negativos ou cópias) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificados.

Fica ainda **AUTORIZADA**, de livre e espontânea vontade, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e depoimentos, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2020.

Nome do pesquisador responsável pela pesquisa

Nome completo do participante

APÊNDICE 6

CARTA CONVITE AOS PAIS/RESPONSÁVEIS LEGAIS



CARTA CONVITE

Belo Horizonte, 26 de agosto, 2020

Ims Senhores Pais ou Responsáveis

Vimos, por meio desta, apresentar a pesquisa intitulada “**Práticas de Leitura midiática da juventude nas redes sociais: desafios contemporâneos**” que gostaríamos de realizar na sua escola. Esta pesquisa será realizada pela aluna do Mestrado em Educação (UEMG), sob orientações da Profa. Dra. Cirlene Cristina de Sousa e da vice coordenadora do Programa de Mestrado Profa. Dra. Juliana C. Soares Branco.

O nosso **OBJETIVO** é identificar e analisar como jovens estudantes do Ensino Médio leem, identificam e discutem as informações e/ou desinformações em suas práticas comunicativas nas redes sociais e como eles são afetados por tais práticas.

A **JUSTIFICATIVA** que nos leva a estudar esse assunto é que através dos avanços tecnológicos digitais, novas manifestações e modos de comunicação surgem, assim é imprescindível investigar como a recepção e a comunicação de ideias são criadas pelos diferentes grupos de estudantes e como isso reflete em suas relações sociais.

Em relação aos **BENEFÍCIOS** da pesquisa, essa poderá possibilitar para a escola e para o aluno (a) participante o aprofundamento sobre informações e desinformações obtidas através da internet e os resultados podem trazer contribuições importantes para o campo da pesquisa sobre juventude e práticas de leitura no espaço virtual. No caso de risco de constrangimento diante de questões que solicitem respostas relacionadas a assuntos delicados, o(a) aluno(a) poderá solicitar a interrupção da entrevista ou a retirada de algo que ele considere que lhe seja prejudicial.

Os pesquisadores tratarão a identidade dos participantes com **SIGILO PROFISSIONAL**, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12 e Nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Para a **REALIZAÇÃO PRÁTICA** deste estudo, todas as atividades serão realizadas online, em horário previamente combinado, sem nenhum prejuízo para as atividades escolares dos alunos(as).

A participação é **VOLUNTÁRIA** e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade. O senhores pais e participantes poderão retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Os senhores serão esclarecidos (as) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar.

Desde já agradecemos pela colaboração e confiança.

DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome Completo: Livian Aparecida Corsi Machado

Endereço: Alameda das Lathânias, 1.222 –São Luiz

RG MG 11.103.418

Mestrado em Educação
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
Graduada em Psicologia
Whatsapp: (35) 98841-6251
E-mail: livian.machado@gmail.com

DADOS DA ORIENTADORA DA PESQUISA

Nome completo: Profa. Dra. Cirlele Cristina de Sousa – docente do Mestrado em Educação (UEMG), em Belo Horizonte.
Contato: (31) 9579-2431
E-mail: cirlelesousa@yahoo.com.br

APÊNDICE 7**CONVITE AOS PAIS/RESPONSÁVEIS LEGAIS – PARA CAPTAÇÃO DE ALUNOS ATRAVÉS DO WHATSAPP**

Olá, tudo bem?

Meu nome é Livian Machado. Sou professora e pesquisadora na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) de Belo Horizonte. Faço parte da equipe da Escola Estadual Professor Affonso Neves.

Em contato com o Diretor Wagner e a Vice-Diretora Adriana, propus iniciarmos uma pesquisa sobre como os jovens leem através das redes sociais como whatsapp, instagram, facebook, etc.

Diante disso, a Direção da escola nos indicou o nome de alunos que são sempre participativos e dedicados, para iniciarmos a pesquisa. Apenas 10 alunos entre a idade de 12 a 18 anos serão selecionados. Por isso, seu filho(a) foi selecionado(a).

A pesquisa será totalmente online e será combinado um horário, sem nenhum prejuízo para as atividades escolares.

Essa pesquisa é muito importante, pois ajudará os jovens do Brasil todo a entender melhor as informações que chegam até ele através das redes sociais. Informações que muitas vezes não são confiáveis.

Se você quiser eu posso ligar para dar mais explicações.

Posso contar com você?

Agradeço a atenção e muito obrigada 😊

Professora Livian

APÊNDICE 8

CONVITE AOS JOVENS ALUNOS POR WHATSAPP

Olá, tudo bem?

Meu nome é Livian Machado. Sou professora e pesquisadora na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) de Belo Horizonte. Faço parte da equipe da Escola Estadual Professor Affonso Neves.

Em contato com o Diretor Wagner e a Vice-Diretora Adriana, propus iniciarmos uma pesquisa sobre como os jovens leem através das redes sociais como whatsapp, instagram, facebook, etc.

Diante disso, a Direção da escola nos indicou o nome de alunos que são sempre participativos e dedicados, para iniciarmos a pesquisa. Apenas 10 alunos entre a idade de 12 a 18 anos serão selecionados.

A pesquisa será totalmente online e será combinado um horário, sem nenhum prejuízo para as atividades escolares.

Essa pesquisa é muito importante, pois ajudará os jovens do Brasil todo a entender melhor as informações que chegam até ele através das redes sociais. Informações que muitas vezes não são confiáveis.

Se você quiser eu posso ligar para dar mais explicações.

Posso contar com você?

Agradeço a atenção e muito obrigada 😊

Professora Livian

APÊNDICE 9

ETAPA 1 – QUESTIONÁRIOS SOCIODEMOGRÁFICOS PREENCHIDOS PELOS VOLUNTÁRIOS ATRAVÉS DO FORMULÁRIO GOOGLE



ETAPA 1 - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Prezado estudante esta pesquisa intitulada "Práticas de Leitura midiática da juventude nas redes sociais" tem como objetivo e analisar como os jovens leem e discutem as informações e/ou desinformações em suas práticas comunicativas nas redes sociais.

Este questionário é a primeira etapa da pesquisa e é muito importante que o respondam com sinceridade para que possamos coletar dados reais.

Todos os dados pessoais são CONFIDENCIAIS, ou seja, não serão divulgados.

Em algumas questões você pode assinalar mais de uma opção.

IMPORTANTE: você precisa responder todas as questões.

Obrigada pela participação!

Qualquer dúvida entre em contato com a pesquisadora:
Livian Aparecida Corsi Machado
whatsapp: (35) 9 8841-6251

E-mail *

E-mail válido
.....

Este formulário está coletando e-mails. [Alterar configurações](#)

1 - Nome completo do estudante *

Texto de resposta curta

2 - Número do telefone do estudante *

Texto de resposta curta

3 - Nome da escola que você estuda *

Texto de resposta curta

Sobre sua escola: *

Pública

Particular

4 - Ano que você está cursando *

1º Ano do Ensino Médio

2º Ano do Ensino Médio

3º Ano do Ensino Médio

5 - Qual a sua idade? *

15 anos

16 anos

17 anos

18 anos

6 - Data de nascimento *

Mês, dia, ano 

7 - Sexo *

- Feminino
- masculino
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual seria? *

Texto de resposta curta

.....

8 - Estado civil *

- solteiro
- casado

9 - Pertencimento racial (assinale todas que se aplicam) *

- branco
- negro
- pardo
- amarelo
- indígena
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual seria? *

Texto de resposta curta

.....

10 - Pertencimento religioso (assinale todas que se aplicam) *

- Evangélico
- Católico
- Espírita
- Ateu
- Testemunha de Jeová
- Judeu
- Umbanda
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta
.....

Trabalho ou tipo de ocupação (estudante, etc.) *

Texto de resposta curta
.....

Nome completo do pai (ou outro responsável legal) *

Texto de resposta curta
.....

Profissão do pai *

Texto de resposta curta
.....

Grau de Escolaridade do pai *

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo

Nome completo da mãe (ou outro responsável legal) *

Texto de resposta curta

.....

Profissão da mãe *

Texto de resposta curta

.....

Grau de Escolaridade da mãe *

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo

Qual a renda familiar da família? *

- até um salário mínimo
- até dois salários mínimos
- de 3 a 5 salários mínimos
- acima de 6 salários mínimos

Quantas pessoas residem com você? (assinale todas que se aplicam) *

	um	dois	três	quatro	não mora
pai	<input type="checkbox"/>				
mãe	<input type="checkbox"/>				
irmão	<input type="checkbox"/>				
irmã	<input type="checkbox"/>				
avó	<input type="checkbox"/>				
avô	<input type="checkbox"/>				

Se você mora com mais alguém que não foi indicado na pergunta acima, por favor coloque aqui *

Texto de resposta curta

Sua família experimentou ou tem experimentado qualquer uma destas circunstâncias durante a pandemia da Covid-19? (assinale todas que se aplicam) *

- separação
- aumento da família
- Entrou ou saiu de alguma religião
- adoecimento de um dos membros com a COVID-19
- adoecimento de um dos membros por outras doenças (diabetes, hipertensão, infarto, etc.)
- perda de um familiar próximo
- mudança de residência
- mudança de escola
- perda de trabalho
- mudança de trabalho

- trabalho home office
- problemas judiciais
- problemas financeiros
- problemas emocionais como ansiedade, depressão, fobia social, suicídio, entre outros.
- procura de ajuda psicológica por causa da pandemia
- excesso de álcool
- violência doméstica
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

Tipo de moradia *

- própria
- alugada

radio	<input type="radio"/>						
e-book	<input type="radio"/>						

:::

Se você respondeu acima OUTROS, quantas horas seriam e em qual aparelho digital? *

Texto de resposta curta

.....

Onde você tem acesso a internet? (assinale todas que se aplicam) *

na minha casa

na casa de amigos

na escola

na casa de familiares

na lan-house

no meu dispositivo móvel/celular

Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

.....

Em quais dispositivos digitais você costuma acessar as suas redes sociais? (assinale todas que se aplicam) *

celular

tablet

notebook

desktop

Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

.....

Quantas horas você fica na internet diariamente? *

1 hora

- 3 horas
- o dia inteiro
- 24 horas
- 48 horas
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, quantas horas seriam? *

Texto de resposta curta

Quais redes sociais você utiliza diariamente e com maior frequência? (assinale todas que se aplicam) *

- whatsapp
- Instagram
- Youtube
- Facebook
- LinkedIn

- Snapchat
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

Quais usos você faz dos dispositivos digitais? (assinale todas que se aplicam) *

- leio (notícias, jornais, mensagens de redes sociais, etc.)
- faço trabalhos escolares, pesquisa e estudo
- participo de redes sociais
- vejo videos
- jogo
- no trabalho profissional
- ouço música
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

O que você costuma ler em seus dispositivos digitais? (assinale todas que se aplicam) *

- jornais
- notícias
- livros diversos
- trabalhos de escola
- livro literário
- mensagens de amigos
- blog
- site pesquisados no Google
- site de venda de produtos
- site de jogos online
- revista

Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

Tipo de internet em sua residência (assinale todas que se aplicam) *

- móvel
- WIFI
- Redes ad-hoc
- via cabo
- Via satélite
- via rádio
- banda larga 3G
- banda larga 4G
- não possuo internet em minha residência
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

Qual o tipo de internet de seu aparelho celular? (assinale todas que se aplicam) *

- Internet 3G
- Internet 4G
- não possuo celular próprio
- não possuo acesso a internet
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

Você já fez algum destes cursos? (assinale todas que se aplicam) *

- Curso de Informática

- Curso de língua estrangeira

- Curso de marketing

Você tem hábito de leitura? *

- sim
- Não

Qual a sua frequência de leitura? *

- uma vez por mês
- uma vez por semana
- duas vezes por semana
- 1h a 2h por dia
- 3h a 4h por dia
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

Você está em alguma rede social? *

Sim

Não

Qual (ais) rede(s) social(ais) é sua preferida? (assinale todas que se aplicam) *

whatsapp

instagram

facebook

snapchat

Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

Quais tipos de assuntos mais te interessam nas redes sociais? (assinale todas que se aplicam) *

cinema

esporte

viagem

dança

artes plásticas

jogos eletrônicos

beleza

literatura

notícias

Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

Quem te ensinou a usar as redes sociais? *

- a família
- os amigos
- um professor da escola
- aprendi sozinho
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta
.....

Você gosta de ler? *

- Sim
- Não

Você se considera um leitor? *

- Sim
- Não

Onde você costuma ler? (assinale todas que se aplicam) *

- em casa
- no quarto
- na escola
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta
.....

Você costuma ler em qual dispositivo digital? (assinale todas que se aplicam) *

- no celular

- no tablet
- no E-book
- no computador
- não gosto de ler
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta
.....

Você já comprou algum tipo de produto oferecido na internet? *

- Sim
- Não

Se você respondeu SIM, quais produtos você costuma comprar? (assinale todas que se aplicam) *

- jogos

- livros online
- canais de tv pago
- rede social não gratuita
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta
.....

Se você respondeu que NÃO compra produtos pela internet, quais seriam os motivos? (assinale todas que se aplicam) *

- não tenho condições financeiras
- meus pais não permitem
- ainda não tive interesse em comprar
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

De que forma você descobriu a existência da COVID-19? *

pela minha família

pelas notícias da TV

através de uma rede social

através da escola

Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

Qual veículo midiático você costuma receber informações sobre a COVID-19? (assinale todas que se aplicam) *

Rede social

família

jornal da tv

amigos

professor da escola

pesquisa no Google

Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

E se você respondeu na questão acima REDE SOCIAL, em qual você costuma receber esta informação? (assinale todas que se aplicam) *

whatsapp

Instagram

Twitter

Facebook

não se aplica

Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta
.....

Após você ler ou receber as notícias em uma rede social, o que você costuma fazer? (assinale * todas que se aplicam)

Compartilho com outras pessoas

Curto

recomendo

crio memes

não faço nada

pesquiso sobre o assunto

averiguo a informação

Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

Você alguma vez "curtiu", "compartilhou", ou "recomendou", ou "criou", informações e mensagens sem averiguar a procedência? *

- Sim
- Não

Se você respondeu que SIM, diga com que frequência? *

- Sempre
- Quase sempre
- Raramente

Você sabe o que é Fake News? *

- Sim
- Não

Talvez

Onde ou quem te falou sobre as Fake News? (assinale todas que se aplicam) *

- na escola
- um professor
- meus pais
- meus amigos
- na rede social
- sozinho
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

.....

Você já recebeu alguma Fake News? *

- Sim
- Não
- Talvez

Se você respondeu que SIM, o que você fez após receber a Fake News? *

- nada
- deletei
- compartilhei
- falei pra pessoa que me enviou que era uma Fake News
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

.....

Você se lembra quando foi a última vez que você recebeu uma Fake News? *

- hoje
- esta semana
- há um mês
- nunca recebi
- não sei dizer
- Outros...

Se você respondeu acima OUTROS, escreva qual (ais) seria (m)? *

Texto de resposta curta

Você acha a internet confiável? *

- Sim
- Não
- as vezes

APÊNDICE 10**ETAPA 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA INDIVIDUAL
REALIZADA ONLINE****ETAPA 2 – Roteiro de Entrevista Individual online**

Prezado estudante, seja bem vindo!

Meu nome é Livian, sou pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEMG-BH e irei conduzir esta segunda etapa da pesquisa.

Antes de iniciarmos, preciso dar algumas informações:

A pesquisa que você está participando tem o título de "Práticas de Leitura midiática da juventude nas redes sociais" e tem como objetivo analisar como os jovens leem as informações em suas redes sociais.

Nesta segunda etapa você deverá responder livremente algumas perguntas. É muito importante que você responda todas as questões o melhor possível e com sinceridade, para que possamos coletar dados reais. Não existe uma resposta certa ou errada, nós gostaríamos de saber a sua opinião.

Todos os dados pessoais são CONFIDENCIAIS, ou seja, não serão divulgados.

Nós iremos gravar o áudio durante toda a entrevista, para conseguirmos coletar as informações corretamente.

Se for necessário, você pode me interromper a qualquer momento durante a entrevista.

Você tem alguma dúvida?

Então podemos começar?

DATA:

HORÁRIO:

Nome completo:

INFORMAÇÕES SOBRE A LEITURA MIDIÁTICA

1. Na sua opinião, o que é um leitor?
2. E o que é um não leitor?
3. Você se considera um leitor? Explique o porquê.
4. O que você costuma ou gosta de ler? E em qual suporte?
5. Por que você lê?
6. Como você lê?
7. Você gosta de ler livros? Quais? E em qual suporte?
8. A sua família te incentiva ler?
9. Atualmente, você lê mais no suporte de papel ou no digital? E qual você prefere?

Explique.

10. E o que você gosta de ler no suporte digital?
11. E o que você gosta de ler no suporte de papel?
12. Você tem tido dificuldades e/ou facilidades para ler neste período de pandemia da COVID-19?
13. Você considera a leitura importante para a sua formação? Explique.
14. Você considera as mensagens que você recebe e/ou escreve em suas redes sociais como uma forma de leitura? Explique.
15. Você consegue ler várias coisas ao mesmo tempo? Em quais suportes? E por que você faz assim?
16. Como os suportes digitais te ajudam a estudar?
17. Como você pesquisa por um assunto na internet?
18. Você costuma ler ou ver notícias sobre o assunto de fake News? Porque?

INFORMAÇÕES SOBRE OS JOVENS E AS REDES SOCIAIS

19. O que você mais gosta de fazer nas redes sociais?
20. Qual a sua rede social preferida? O que você mais gosta de fazer nela?
21. Quais os benefícios de ter uma rede social?
22. E quais problemas podem acontecer ao ter uma rede social?

23. Na sua opinião, a rede social pode de alguma forma prejudicar ou facilitar o seu aprendizado? Explique.
24. Em que medida a rede social impacta no seu conhecimento.
25. Alguma vez alguém inventou alguma coisa a seu respeito ou de algum conhecido seu em uma rede social? O que aconteceu? E o que você ou ele/ela fez?
26. E na sua opinião, o que você acha sobre criar informações falsas a respeito de outra pessoa?
27. Você costuma confiar nas informações que recebe nas redes sociais? Explique.
28. Você tem o hábito de checar a veracidade das mensagens que recebe nas redes sociais? Como você verifica?

INFORMAÇÃO SOBRE A COVID

29. Você sabe o que é a COVID-19?
30. Você costuma buscar informações sobre a Covid-19? Onde? E qual assunto você considera importante saber?
31. Você já recebeu alguma informação falsa sobre a Covid-19? Exemplifique.
32. Você acha que a pandemia da COVID-19 prejudicou ou ainda prejudica os seus estudos? Explique.
33. Você acredita que estamos realmente vivendo uma pandemia no Brasil? E como você acha que podemos enfrentá-la?

INFORMAÇÕES SOBRE DESINFORMAÇÃO

34. Você sabe o que é Fake News?
35. As fake News prejudicam ou beneficiam a sua vida, sua família, ou a sociedade?
36. Onde as Fake News aparecerem?
37. Com que frequência você encontra fake News, e onde?
38. Você sabe por que as Fake News foram criadas?
39. Quem se beneficia com as Fake News?
40. Você alguma vez já recebeu alguma informação falsa? Exemplifique.
41. E o que você fez com esta informação?
42. Você alguma vez já compartilhou ou deu like em alguma informação duvidosa?
43. Você alguma vez discutiu sobre notícias falsas na escola, ou com amigos ou familiares?

44. Você saberia dizer o que são e para que serve os algoritmos nas redes sociais? E você vê uma ligação entre o algoritmo e as fake News?
45. Você saberia dizer o que são as bolhas nas redes sociais? E você vê uma ligação entre as bolhas e as Fake News?
46. Você se preocupa em conferir ou checar as informações que você recebe em suas redes sociais? Explique.
47. Como você faz para identificar uma fake News?
48. Como você faz para averiguar uma fake News?

INFORMAÇÕES SOBRE OS EFEITOS DA PANDEMIA NOS ESTUDOS

49. Como tem sido a sua experiência com as aulas remoto? Dificuldades e/ou facilidades.
50. Quais sugestões você daria para melhorar a sua experiência durante as aulas remotas?
51. Há algo mais que você queira dizer ou perguntar?

OBRIGADA PELA PARTICIPAÇÃO!!!